

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM**

TATIANE DE OLIVEIRA

**LINGUAGEM DO ATREVIMENTO:
história oral de vida e de permanência escolar de mulheres jovens estudantes,
da camada popular, do IFMT e a escrita de Carolina Maria de Jesus**

**CUIABÁ/MT
2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM**

TATIANE DE OLIVEIRA

**LINGUAGEM DO ATREVIMENTO:
história oral de vida e de permanência escolar de mulheres jovens estudantes,
da camada popular, do IFMT e a escrita de Carolina Maria de Jesus**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagem na Área de Concentração de Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro

CUIABÁ/MT
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

O481 Oliveira, Tatiane de.
Linguagem do atrevimento [recurso eletrônico] : história oral de vida e de permanência escolar de mulheres jovens estudantes, da camada popular, do IFMT e a escrita de Carolina Maria de Jesus / Tatiane de Oliveira. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 175 f., pdf). -- 2024.

Orientador: Renilson Rosa Ribeiro.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Cuiabá, 2024.
Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.
Inclui bibliografia.

1. Oralidade. 2. Literatura. 3. Escuta. 4. Educação. 5. Identidades. I. Ribeiro, Renilson Rosa, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: LINGUAGEM DO ATREVIMENTO: HISTÓRIA ORAL DE VIDA E DE PERMANÊNCIA ESCOLAR DE MULHERES JOVENS ESTUDANTES, DA CAMADA POPULAR, DO IFMT E A ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

AUTORA: DOUTORANDA TATIANE DE OLIVEIRA

Tese defendida e aprovada em 28 de novembro de 2024.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

- 1. DOUTOR RENILSON ROSA RIBEIRO (PRESIDENTE BANCA/ORIENTADOR)**
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
- 2. DOUTORA DIVANIZE CARBONIERI (MEMBRO INTERNO)**
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
- 3. DOUTORA MARINETE LUZIA FRANCISCA DE SOUZA (MEMBRO INTERNO)**
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
- 4. DOUTORA ALEXANDRA LIMA DA SILVA (MEMBRO EXTERNO)**
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
- 5. DOUTORA CELINA DE OLIVEIRA BARBOSA GOMES (MEMBRO EXTERNO)**
INSTITUIÇÃO: INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ
- 6. DOUTORA CAROLINA AKIE OCHIAI SEIXAS LIMA (SUPLENTE)**
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
- 7. DOUTORA CARMEM ZELI VARGAS GIL (SUPLENTE)**
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Cuiabá, 28 de novembro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Renilson Rosa Ribeiro, Usuário Externo**, em 03/12/2024, às 21:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Lima da Silva, Usuário Externo**, em 04/12/2024, às 07:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **DIVANIZE CARBONIERI, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 04/12/2024, às 17:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARINETE LUZIA FRANCISCA DE SOUZA, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 09/12/2024, às 12:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Celina Barbosa registrado(a) civilmente como Celina de Oliveira Barbosa Gomes, Usuário Externo**, em 10/12/2024, às 19:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7412085** e o código CRC **CA8416DF**.

Agradecimentos

Agradeço a Deus que até aqui me abençoou!

À minha mãe, minha rainha que, nos momentos em que eu mais precisei, estava lá e continua, graças a Deus! Quanto mais aprendo sobre a história das mulheres, mais eu a admiro, que mulher atrevida! Já dividimos marmitta porque não tínhamos dinheiro, já choramos por não termos dinheiro para pagar as dívidas, já passamos por lojas e desejamos o básico e não tínhamos. Lembro-me do dia em que a minha mãe, quase chorando, falou que ia ter que me tirar do balé porque não queria me ver triste no final do ano, época das apresentações e das fantasias caras. Eu, mesmo pequena, senti a sua tristeza. Lembro-me de quando íamos ao supermercado e tínhamos que tirar as coisas do carrinho porque passava do limite do cartão. Que fofo ela passando a cama, em dias frios, para dormirmos quentinhas! É o amor materializado! Agradeço ao meu falecido pai por todo amor, e aos meus dois irmãos!

Agradeço ao meu marido que está há 12 anos ao meu lado, que nossa união seja eterna enquanto dure feliz, e espero que seja para sempre assim! Lembrando que a felicidade é construída no dia a dia e que nem todos os dias são assim! Obrigada pelos incentivos e compreensão no mestrado e no doutorado; quantas vezes eu me desesperei e você estava lá? Todas! Você falava assim: — Nossa, amor, você arrasou, seu trabalho está ótimo, você é a melhor! Eu dava risada e pensava: — Nossa, quem dera! Mas era(é) bom escutar isso!

Desesperada para saber se estava fazendo um bom trabalho, entrei em contato com muita gente, não dá para falar o nome de todas(os), tenho medo de esquecer de alguém, mas muito obrigada! Entretanto, vou citar apenas uma pessoa que leu a minha tese toda, inteirinha mesmo, sem pedir nada em troca, só para me dar sugestões, a minha amiga Profa. Dra. Maristela Abadia Guimarães; estava morrendo de vergonha de pedir isso, mas todas(os) precisamos de ajuda, e pedir

não custa nada, pedi e assim foi feito! Sugestões preciosas e carinhosas que deixaram meu trabalho melhor; todo amor, paz e saúde para você!

Agradeço às professoras doutoras maravilhosas da banca: Alexandra Lima da Silva; Celina de Oliveira Barbosa Gomes; Divanize Carbonieri; e Marinete Luzia Francisca de Souza, muito generosas e carinhosas comigo, cada uma é especial e agradeço de coração! Faço um destaque para a Profa. Dra. Celina Oliveira Barbosa Gomes, indicação de uma amiga minha. Celina leu a minha tese inteira, linha por linha, e me deu muitas orientações, o mais interessante é que ela nem me conhecia e nem imaginava que estaria na banca, foi logo que completei 1 ano no doutorado e já estava escrevendo. Depois disso, tomei coragem e mandei para meu orientador ler, pela primeira vez.

Agradeço ao IFMT, ao meu departamento, antigo DAS, agora DGH, ao chefe de ensino, Vicente Pedroso, pelo apoio, incentivo e compreensão, também à UFMT e ao PPGEL.

Agradeço às colaboradoras da pesquisa, Mônica, Aline e Suellen, que confiaram as suas histórias orais de vida, a mim; sem a voz e narrativa de vocês, esta tese seria outra.

Agradeço ao Prof. Dr. Sérgio Pereira dos Santos, que me orientou no mestrado em Educação, se estou aqui, ele também faz parte disso, foram muitos aprendizados. Agora somos amigos, sua amizade é preciosa para mim.

Por último, como um fechamento esplêndido, agradeço ao meu querido e amado orientador, deixo este espaço especial para você, Renilson Rosa Ribeiro. Sabe aquele orientador que você mira nele: carinhoso, atencioso, cuidadoso e que confia em você? Então, é ele! Não vou esquecer da sua frase: "— Vai em frente porque eu confio em você!" Eu queria alguém assim, ele superou! Muito obrigada pela confiança, ensinamentos e incentivos. Você é especial! Um dia, com a minha cabeça pegando fogo, ele fala: "— Vai descansar um pouco, vai passear, você está com tudo em dia, descansa e se diverte!" (Realmente eu me adiantei nos

primeiros anos para no final ficar mais tranquila e menos ansiosa). Eu me emocionei nesse dia, era tudo o que eu precisava escutar, então me tranquilizei, a paz é fundamental no processo de pesquisa e escrita, e isso eu tive.

A vida nunca foi fácil para mim, mas fiz a minha parte, nada cai do céu, ainda mais sendo mulher neste país injusto, desigual, racista, sexista, etarista e corrupto, mas não podemos perder a ESPERANÇA!

RESUMO

Em tempos de vida acelerada, tecnológica, virtual, individual e impaciente, as trocas de experiências olho no olho parecem em extinção. Na tentativa de contrariar essa realidade do cotidiano moderno, o objetivo desta tese é escutar as histórias de vida e de permanência escolar das mulheres jovens estudantes, das camadas populares, do 3º ano do Ensino Técnico de Secretariado Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva. Os objetos de estudo são as narrativas de memórias dessas mulheres e a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, da Carolina Maria de Jesus, que pertence ao gênero literário autobiográfico. A hipótese é a de que as temporalidades interferem na interseccionalidade no desenrolar das trajetórias e narrativas de vida de Carolina Maria de Jesus e das colaboradoras do IFMT. Quanto à memória, às identidades e às narrativas, algumas/alguns autoras(es) são: Benjamin (2012), Candau (2021), Halbwachs (1990) e Seligmann-Silva (2003; 2022), em relação às práticas pedagógicas: hooks (2017). A metodologia é a história oral, com base em Meihy e Seawright (2021) e Portelli (1997; 2001; 2016). A análise é interdisciplinar de Candido (2006) e as categorias de análise são o gênero, a raça e a classe com base na Saffioti (2015). A coleta de dados é realizada por consulta documental de Marconi e Lakatos (2011) e por entrevistas de história oral. O resultado confirma a hipótese e mostra que há muitas memórias semelhantes, mesmo depois de 60 anos em média, apesar das diferenças geracionais, além de mostrar que a oralidade, por meio do diálogo e da escuta, é um caminho importante para as(os) professoras(es) conhecerem um pouco mais das(os) estudantes. Desse modo, prepare-se para fortes revelações: fome, brigas, amizades, romances, separações, gravidez, estudos, esperanças, sonhos e atrevimentos.

Palavras-chave: Oralidade. Literatura. Escuta. Educação. Identidades.

ABSTRACT

In times of accelerated, technological, virtual, individual and impatient life, eye-to-eye exchanges of experiences seem to be disappearing. In an attempt to counter this reality of modern everyday life, the objective of this thesis is to listen to the life stories and school stay of young students, from the popular classes, in the 3rd year of Secretariat Technical Education Integrated with High School, at the Federal Institute of Mato Grosso (IFMT), Cuiabá/Octayde Jorge da Silva campus. The objects of study are the narratives of memories of these women and in the literary work *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus, which belongs to the autobiographical literary genre. The hypothesis is that temporalities interfere with intersectionality in the unfolding of the life trajectories and narratives of Carolina Maria de Jesus and the IFMT collaborators. With regard to memory, identities and narratives, some authors are: Benjamin (2012), Candau (2021), Halbwachs (1990) and Seligmann-Silva (2003; 2022), in relation to pedagogical practices: hooks (2017). The methodology is oral history, based on Meihy and Seawright (2021) and Portelli (1997; 2001; 2016). The analysis is interdisciplinary by Candido (2006) and the analysis categories are gender, race and class based on Saffioti (2015). Data collection is carried out through documentary consultation by Marconi and Lakatos (2011) and through oral history interviews. The result confirms the hypothesis and shows that there are many similar memories, even after the age of 60 on average, despite generational differences, in addition to showing that orality, through dialogue and listening, it is an important way for teachers to learn a little more about their students. Therefore, prepare yourself for strong revelations: hunger, fights, friendships, romances, separations, pregnancy, studies, hopes, dreams and boldness.

Keywords: Orality. Literature. Listening. Education. Identities.

RESUMEN

En tiempos de vida acelerada, tecnológica, virtual, individual e impaciente, los intercambios presenciales de experiencias parecen estar desapareciendo. En un intento de contrastar esta realidad de la cotidianidad moderna, el objetivo de esta tesis es escuchar las historias de vida y estancia escolar de jóvenes estudiantes, de las clases populares, del 3er año de la Secretaría de Educación Técnica Integrada de la Licenciatura. Licenciatura, del Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva. Los objetos de estudio son las narrativas de las memorias de estas mujeres y la obra Cuarto de Despejo: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, que pertenece al género literario autobiográfico. La hipótesis es que las temporalidades interfieren con la interseccionalidad en el desarrollo de las trayectorias y narrativas de vida de Carolina María de Jesús y los colaboradores del IFMT. En lo que respecta a memoria, identidades y narrativas, algunos autores son: Benjamin (2012), Candau (2021), Halbwachs (1990) y Seligmann-Silva (2003; 2022), con relación a las prácticas pedagógicas: ganchos (2017). La metodología es la historia oral, basada en Meihy y Seawright (2021) y Portelli (1997; 2001; 2016). El análisis es interdisciplinario realizado por Candido (2006) y las categorías de análisis son género, raza y clase con base en Saffioti (2015). La recolección de datos se realiza mediante consulta documental de Marconi y Lakatos (2011) y mediante entrevistas de historia oral. El resultado confirma la hipótesis y muestra que existen muchas memorias similares, incluso después de los 60 años en promedio, a pesar de las diferencias generacionales, además de mostrar que la oralidad, a través del diálogo y la escucha, es una forma importante para que los docentes se conozcan un poco más sobre los estudiantes. Por eso, prepárate para fuertes revelaciones: hambre, peleas, amistades, romances, separaciones, embarazos, estudios, esperanzas, sueños y audacias.

Palabras clave: Oralidad. Literatura. Audiencia. Educación. Identidades.

RÉSUMÉ

À l'heure de la vie accélérée, technologique, virtuelle, individuelle et impatiente, les échanges d'expériences face à face semblent disparaître. Pour tenter de contrer cette réalité du quotidien moderne, l'objectif de cette thèse est d'écouter les récits de vie et de séjour scolaire de jeunes élèves, issus des classes populaires, en 3ème année de Secrétariat de l'Enseignement Technique Intégré au lycée, à l'Institut Fédéral du Mato Grosso (IFMT), campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva. Les objets d'étude sont les récits de souvenirs de ces femmes et l'œuvre *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, qui appartient au genre littéraire autobiographique. L'hypothèse est que les temporalités interfèrent avec l'intersectionnalité dans le déroulement des trajectoires de vie et des récits de Carolina Maria de Jesus et des collaborateurs de l'IFMT. Concernant la mémoire, les identités et les récits, quelques auteurs sont: Benjamin (2012), Candau (2021), Halbwachs (1990) et Seligmann-Silva (2003; 2022), en relation avec les pratiques pédagogiques: crochets (2017). La méthodologie est l'histoire orale, basée sur Meihy et Seawright (2021) et Portelli (1997; 2001; 2016). L'analyse est interdisciplinaire par Candido (2006) et les catégories d'analyse sont le sexe, la race et la classe basées sur Saffioti (2015). La collecte des données s'effectue par consultation documentaire par Marconi et Lakatos (2011) et par des entretiens d'histoire orale. Le résultat confirme l'hypothèse et montre qu'il existe de nombreux souvenirs similaires, même après 60 ans en moyenne, malgré les différences générationnelles, en plus de montrer que l'oralité, à travers le dialogue et l'écoute, est un moyen important pour les enseignants de mieux connaître leurs élèves. Préparez-vous donc à des révélations fortes: la faim, les disputes, les amitiés, les romances, les séparations, la grossesse, les études, les espoirs, les rêves et l'audace.

Mots-clés: Oralité. Littérature. Écouter. Éducation. Identités.

SUMÁRIO

DESCENDO À PRAIA: PARA UMA INTRODUÇÃO SINGULAR.....	12
1. MEMÓRIAS E VOZES FEMININAS.....	40
1.1 “QUANDO UM POEMA CONTA UMA VIDA”.....	40
1.1.1 MÔNICA: meu pai falava que eu ia crescer biscate!.....	44
1.1.2 ALINE: a mulher sempre faz mais, a carga fica sobre a mulher.....	51
1.1.3 SUELLEN: comendo carcaça de peixe comprada no mercado.....	58
1.2 ESCUTAR MULHERES.....	68
2. CAROLINA MARIA DE JESUS E O QUARTO DE DESPEJO.....	71
2.1 VIDA E OBRA DA CAROLINA MARIA DE JESUS.....	71
3. MEMÓRIAS NARRADAS: O QUE ELAS ENSINAM?.....	95
3.1 MEMÓRIAS DO HOMEM/PAI.....	95
3.2 MEMÓRIAS DA MULHER/MÃE.....	108
3.3 MEMÓRIAS DA FOME.....	120
3.4 MEMÓRIAS DA PERMANÊNCIA ESCOLAR.....	127
SUBINDO A SERRA: SE É POSSÍVEL UM CONSIDERAR.....	144
LISTA DE FONTES.....	150
REFERÊNCIAS.....	151
APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	164
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	169
APÊNDICE C - ROTEIRO DE PERGUNTAS NAS ENTREVISTAS.....	174
APÊNDICE D - AUTORIZAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL E DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS.....	175

DESCENDO À PRAIA: PARA UMA INTRODUÇÃO SINGULAR

Quem luta com as ondas? Só os tubarões.

Carolina Maria de Jesus

No sentido da poesia épica, a existência é um mar. Não há nada mais épico que o mar. Naturalmente, podemos relacionar-nos com o mar de diferentes formas. Pode-se, por exemplo, deitar na praia, ouvir as ondas e recolher as conchas por elas deixadas na areia. É o que o poeta épico faz. Mas também se pode navegar o mar. Com muitos objetivos, e sem objetivo nenhum. Pode-se fazer uma travessia marítima e cruzar o céu e o mar, sem terra à vista.

Walter Benjamin

Escrevo este parágrafo e sinto o cheiro do mar. Estou em casa, agora é de manhã, piso no chão gelado que contrasta com o calor daqui de Cuiabá, está mais 30º graus, imagino as areias nos meus pés, lembrando da última vez, até este momento, em que fui à praia. O vento do ventilador e a cortina da sala balançando trazem a sensação da brisa do mar. Esta memória e imaginação lembram a Carolina Maria de Jesus que enquanto escreve na favela, fantasia estar num castelo luminoso e num jardim florido:

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (Jesus, 2014, p. 58).

Esta é uma pesquisa interdisciplinar que, além da literatura, aborda questões históricas, antropológicas, sociológicas e pedagógicas, faz parte do Instituto de Linguagens (IL) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), no Programa de pós-graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL), na área de Estudos Literários, na linha de pesquisa: literatura, identidade e sociedade. Aproveito-me, assim, dentro do possível, da linguagem literária para costurar e misturar emoções e sensações em toda a escrita da tese.

Émile Benveniste (2006, p. 98) afirma que “a sociedade torna-se significante na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência da língua”. Sobre a relação entre linguagem e sociedade, Rildo Cosson afirma que:

Todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o **nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer**, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa. E

constituímos o mundo basicamente por meio das palavras. No princípio e sempre **é o verbo que faz o mundo ser mundo para todos nós**, até porque a palavra é a mais definitiva e definidora das criações do homem. Como bem diz o pensamento popular, se uma imagem vale por mil palavras, mesmo assim **é preciso** usar a **língua** para **traduzir** as imagens e afirmar esse valor. É por isso também que as usamos para dizer que não temos palavras para expressar um pensamento ou um sentimento. Em síntese, nosso corpo linguagem é feito das palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu **corpo linguagem** e, por extensão, maior é o meu mundo.

E de onde vêm as palavras que alimentam e exercitam o corpo linguagem? Aqui outra particularidade do nosso corpo linguagem. **As palavras vêm da sociedade** de que faço parte e não são de ninguém. Para adquiri-las basta viver em uma sociedade humana. Ao usar as palavras, eu as faço minhas do mesmo modo que você, usando as mesmas palavras, as faz suas. É por esse uso, simultaneamente individual e coletivo, que as palavras se modificam, se dividem e se multiplicam, **vestindo de sentido** o fazer humano (Cosson, 2014, p. 15-16, grifos meus).

“Vestindo-me” das palavras que constituem o meu (o nosso) “corpo linguagem”, decido escrever imaginando os embalos das ondas do mar que despertam calma para os dias em que escrevo, pois são solitários, angustiantes e ansiosos, e fazendo alusão a Carolina, na epígrafe, esses sentimentos são os tubarões; mas também são felizes, satisfatórios e emocionantes, o que lembra Benjamin, também na epígrafe, quando discorre sobre deitar, relaxar e escutar o som do mar. É preciso delirar um pouco em meio ao nosso cotidiano atribulado, inclusive este da pesquisa e da escrita, assim concordo com o poeta cuiabano, Manoel de Barros:

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz:
Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos -
O verbo tem que pegar delírio (Barros, 1993, p. 15).

Esse delírio transforma e alivia o peso do cotidiano, pois “a literatura nos ensina a melhor sentir, e [...] nossos sentidos não têm limites, [...]”, conforme Antoine Compagnon (2010, p. 51). E não só para a criança, mas em qualquer fase da vida, como mostra Carolina, abaixo, que precisa fantasiar ou delirar para tentar enganar a dor da barriga vazia e do descaso político, social, de classe, de gênero e racial no Brasil:

Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.

...A comida no estomago, é como o combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei andar mais depressa. Eu tinha

impressão que eu desliza no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida (Jesus, 2014, p. 44-45).

Nesse clima de realidade e fantasia convido você a continuar esta leitura na leveza e na força do mar. Na leveza, porque a vida é dura com muitas(os) sujeitas(os), então ler algo mais leve, trabalhando a memória e a imaginação, talvez ajude. Na força, porque é preciso pular as ondas e desviar dos tubarões (as durezas do nosso cotidiano), porque a vida exige força, coragem e luta para sobreviver. A esse respeito, Jean de La Fontaine (Zonin, 2008, p. 4) diz: “se se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim - suave e docemente que se despertam consciências”. Esses sentimentos de leveza e de força foram uns dos que as mulheres jovens estudantes, colaboradoras desta pesquisa, despertaram em mim com as suas histórias orais de vida e de permanência escolar, apresentadas e analisadas mais adiante.

Vamos descer à praia? Pega seu café ou a sua bebida preferida, seus óculos - se for o caso - e senta confortável. Imagina pegar a sua roupa de banho, seu protetor solar e vamos! A seguir, explico o caminho.

Eu nunca parei assim para sentar e analisar tudo o que passei.
(Mônica, colaboradora da pesquisa, 2022)

As(os) sujeitas(os) são (re)constituídas(os) de histórias boas e ruins. Viver é construir memórias e experiências, mas é importante “sentar e analisar” os acontecimentos, conforme a oralidade da Mônica, acima, o que requer pausa e reflexão; ação complicada na atualidade. Jorge Larrosa Bondía fala sobre isso:

A **experiência**, a possibilidade de que algo nos aconteça ou **nos toque**, requer um **gesto de interrupção**, um gesto que é **quase impossível** nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, **cultivar a atenção** e a delicadeza, **abrir os olhos** e os **ouvidos**, **falar sobre o que nos acontece**, aprender a lentidão, **escutar** aos outros, cultivar a **arte do encontro**, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Bondía, 2002, p. 24, grifos meus).

Na citação de Bondía há um exagero na quantidade de verbos - talvez seja proposital para a(o) leitora(r) estranhar, pausar, reler e refletir mais do que faria se assim não o fosse -

que abordam, de forma geral, sobre a importância da fala, da escuta atenta, afetuosa e da partilha, abaixo destaco alguns:

Requer
Parar
Pensar
Olhar
Escutar
Sentir
Demorar
Suspender
Cultivar
Abrir
Falar
Aprender
Calar
Ter
Dar

Essa dificuldade de sentir o toque da interrupção na correria do dia a dia, discorrido por Bondía, lembra Giorgio Agamben (2018, p. 28), em *O fogo e o relato*, que escreve sobre a perda das trocas de experiências e cita que as(os) sujeitas(os) estão cada vez mais longe “das fontes do mistério” e que somente a literatura, por meio da língua, pode preservar a memória do que ainda não foi esquecido:

Tal como o iniciado em Elêusis, o escritor avança na escuridão e na penumbra, por uma trilha suspensa entre deuses íferos e súperos, entre esquecimento e recordação. Há, porém, um fio, uma espécie de sonda lançada em direção ao mistério, que lhe permite medir a cada vez a distância até o fogo. Essa sonda é a língua, e é na língua que os intervalos e as rupturas que separam o relato e fogo mostram-se implacáveis como feridas (Agamben, 2018, p. 33).

Sobre esse poder implacável da linguagem que constitui as(os) sujeitas(os) e pode evitar que as memórias das experiências sejam totalmente consumidas, Anne Muxel, citada por Joël Candau (2021, p. 16), diz: “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela é também por nós modelada. [...] a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa”. As identidades, segundo Stuart Hall (2015), são processos que estão sempre em andamento e que variam de acordo com cada sujeita(o), grupo, particularidades, costumes, línguas etc., além das condições, que no caso do Brasil, são desiguais, sobretudo pelo fato de apenas serem mulheres, situação que se agrava, geralmente, se forem pretas, pardas, indígenas, LGBTQIAPN¹ e/ou das camadas populares, entre outras.

¹ Lésbicas, Gays, Bi, Trans, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

Quanto às identidades, que se transformam no viver, Felipe Watarai e Geraldo Romanelli, explicam:

A identidade pessoal refere-se à individualidade de cada sujeito, àquilo que é parte exclusiva e única de sua biografia e o distingue dos demais indivíduos, contribuindo para o processo de sua autoidentificação. Essa identidade engloba aspectos variados e sua conjunção única e particular confere a cada indivíduo elementos que compõem sua biografia e sua subjetividade (Goffman, 1978). Diferentemente da identidade pessoal, que inclui atributos próprios de cada indivíduo, a identidade social compreende a parte socializada do sujeito, ou seja, o que é compartilhado pelo seu grupo social. A noção de identidade social inclui características vinculadas a formas de conduta que o indivíduo incorpora em função de sua participação em contextos sociais específicos, como entre outros, a camada social, a etnia, a religião e a ocupação, que o autoidentificam e também o identificam perante outros, como integrante de determinado grupo social (Costa, 1989). Resulta daí o caráter plural da identidade social, pois, no decurso de sua trajetória de vida, cada sujeito adquire várias identidades sociais, correspondentes à sua inclusão em diferentes grupos. Desse modo, cada pessoa adquire uma série de identidades, como as de filho(a), estudante, amigo(a), e em sua trajetória ocorre a inclusão em outros grupos e outras identidades são incorporadas, como as de trabalhador(a), marido/esposa, pai/mãe (Watarai; Romanelli, 2010, p. 549).

Em relação ao gênero feminino e à juventude, um dos recortes² desta pesquisa, Wivian Weller afirma:

As distintas concepções de juventude e de viver a juventude serão compreendidas com clareza quando analisadas sob a perspectiva de gênero e quando realizadas com base na realidade empírica, que implica todo um trabalho de reconstrução e interpretação das ações concretas dos jovens adolescentes nos contextos sociais em que estão inseridos (Weller, 2005, p. 113).

Mas quem é a juventude? Segundo a Lei n. 12.852, de 2013, que Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE, as(os) jovens são as pessoas com idade de 15 a 29 anos, mas para além da idade cronológica, segundo Juarez Dayrell (2003, p. 42), as(os) jovens “[...] constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares”, ou seja, o entendimento nesta pesquisa é o de que a juventude é diferente e é vivida de diversas formas, são complexas “juventudes”, no “plural” (igual camadas populares), que variam conforme o gênero, raça, classe, região, família, espaço geográfico, religião etc.

² A título de informação, optei pelo recorte feminino por motivos explicados durante esta tese, mas sem desprezar as experiências difíceis e dolorosas masculinas, ainda mais se forem, geralmente, pretos, pardos, das camadas populares, LGBTQIAPN+ e/ou outros grupos, no país.

Pierre Bourdieu (1983, p. 2) considera um “abuso de linguagem” conceituar a juventude como única, “[...] falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente”. Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2014, p. 109) indicam que para as Ciências Sociais, principalmente na Sociologia e na Antropologia, a juventude está centrada nas relações sociais que passam por processos de “vínculos ou rupturas”. A música abaixo, *Não é sério*³ (p. 106), cantada pela banda Charlie Brown Jr., faz a denúncia desse período complexo que é a juventude:

Vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
 O jovem no Brasil nunca é levado a sério (...)
 Sempre quis falar, nunca tive chance
 Tudo que eu queria estava fora do meu alcance (...)

Dayrell e Carrano (2014) citam essa música e afirmam que as(os) jovens, especialmente as(os) das camadas populares, sofrem com as consequências negativas da falta e/ou da ineficiência de políticas públicas que façam justiça quanto ao acesso a bens materiais, culturais e locais de vivência. Muitas(os) jovens não têm a chance de falar onde, quando e para quem elas(es) querem, e quando têm, não são levadas(os) a sério. Essa também “[...] É uma tendência da escola [...] na hora da tomada de decisões importantes [...]. Muitas vezes, ele [o jovem ou a jovem] não é chamado[a] para emitir opiniões e interferir até mesmo nas questões que dizem respeito a ele [a ela], diretamente” (p. 106, inserções minhas). Isso não ocorre apenas na gestão das instituições de ensino, mas também no cotidiano da sala de aula, onde as(os) jovens estudantes, muitas vezes, não são escutadas(os) e estimuladas(os) a participarem das decisões das(os) professoras(es)⁴. Deixo alguns exemplos simples do que pode ser dialogado com as turmas: - O que vocês preferem, prova em dupla ou individual? Por quê? Têm alguma outra sugestão? Trouxe algumas sugestões de livros, vamos dialogar sobre qual(is) leremos? Como vocês estão? Precisam de algo que eu possa intermediar? Isso não significa que a(o) professora(r), em outros momentos, de forma variada e estratégica, não determine leituras, provas, trabalhos, atividades etc., que julgue essenciais.

Mostrar interesse afetuoso e sincero em relação à vida escolar e pessoal das(os) jovens estudantes são atitudes que podem aumentar o interesse, a autonomia e o protagonismo

³ Composição: Chorão; Negra Li; Champignon e Pelado. Fonte: [Não É Sério \(part. Negra Li\) - Charlie Brown Jr. - LETRAS.MUS.BR](#). Acesso em: 18 out. 2023.

⁴ Isso não significa que a(o) professora(r), em diversas situações, não possa (e deva) ter autonomia nas decisões, haja vista que os contextos, estudantes, condições de trabalho, ambiente etc., são muito variáveis, mas durante o período do curso é possível (é fundamental) que as(os) estudantes participem e se sintam inseridas(os).

delas(es) no processo de escolarização e na vida fora da escola. A juventude não é um “vir a ser” (p. 106), ela é no presente, é uma “categoria dinâmica” (Dayrell e Carrano, 2014, p. 112), as identidades e as histórias são influenciadas pelas experiências de vida, pelo contexto social, gênero, território, pela classe, cor/raça, cultura, religião, valores da família etc., que não desaparecem de forma automática na vida adulta, mas vão se fragmentando. Os autores afirmam que mais do que juventudes, há “jovens enquanto sujeitos” (p. 112) e sujeitas que influenciam e são influenciados no/pelos contextos.

Cynthia Miranda e Ana Lobato (2018, p. 33) apontam que “a juventude para as mulheres é construída de forma distinta da juventude de homens”, por isso esta pesquisa se debruça em escutá-las. As autoras citam Diz e Schwartz que afirmam: “tratar das juventudes e gênero requer a compreensão de que essas se referem a categorias de sujeitos e de hierarquias em estruturas de poder nas quais estão submersos” (p. 33), o que corrobora com o defendido nesta pesquisa. Judith Butler (2014, p. 253) considera que o “gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas”, faz o convite à reflexão sobre os papéis construídos e tidos como naturais que sobrecarregam as mulheres, o que tende a piorar a depender da raça, classe, idade, região entre outros.

As jovens mulheres experimentam situações dessa desigualdade uma vez que tendem a ficar adultas mais cedo em decorrência da divisão desigual das responsabilidades. As jovens mulheres das classes menos favorecidas, principalmente, costumam ter mais responsabilidades do que os homens jovens. Desde cedo, a elas tem sido atribuído o cuidado com a casa e com os irmãos mais novos, reduzindo cada vez mais o seu tempo para o lazer. Além disso, a gravidez na adolescência também provoca uma transição mais rápida para a vida adulta (Miranda; Lobato, 2018, p. 33).

Há mais pesquisas de história oral de idosas(os) do que as de jovens, esta afirmativa advém das diversas pesquisas e leituras que realizei para a escrita desta tese. Entretanto, para confirmar, fiz a seguinte pesquisa:

a) No *Google Acadêmico*⁵, com filtro entre os anos de 2000 a 2024, descritor: “*história oral de jovens*”: nesta busca aparecem 9 pesquisas; já na busca com descritor: “*história oral de idosos*”, aparecem 215, ou seja, 206 a mais, o que significa, aproximadamente, 2289% a mais, em relação às pesquisas com jovens.

⁵ Pesquisa realizada no dia 08.08.2024.

b) Na plataforma *Scielo* Brasil⁶, com o mesmo período da anterior, com filtro⁷ em “todos os índices”, com descritor: “*história oral de jovens*”, para a minha surpresa, não aparece nenhuma pesquisa. Fiz outra com o descritor: “*história oral de idosos*”, aparecem 3⁸ pesquisas. Resolvi, então, fazer um pouco diferente: coloquei o filtro em “resumo” e os descritores separados: “*história oral*” e “*jovens*”: aparecem 13⁹ pesquisas; fiz o mesmo com “*história oral*” e “*idosos*”: aparecem 20¹⁰ pesquisas, ou seja, 7 a mais, o que significa, aproximadamente, 53,85% a mais, em relação às pesquisas com jovens.

Na contramão dessa tendência¹¹, esta pesquisa escuta mulheres jovens estudantes e mostra que, mesmo na juventude, algumas mulheres já viveram muitas experiências significativas, impactantes, dolorosas, felizes, realizaram sonhos e sonham, têm muito a contribuir e precisam de apoio. Concordo com Alessandro Portelli (2016, p. 18) que as oralidades são “importantes e fascinantes” porque “não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem”, é um processo ativo e significativo do presente.

As camadas populares, que são heterogêneas, nesta pesquisa abrangem as mulheres jovens estudantes que tiveram acesso, via concurso público, ao curso técnico de secretariado¹² integrado ao ensino médio, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), *campus* Octayde Jorge da Silva¹³, que cursaram o ensino fundamental completo em escola pública, com renda familiar mensal igual ou inferior a 1,5 (um salário-mínimo e meio) per capita¹⁴. Sou professora servidora pública desse curso técnico e no

⁶ Pesquisa realizada no dia 08.08.2024.

⁷ No Google Acadêmico não há opção de filtro, por isso, aparece apenas nesta.

⁸ Aparecem 6 pesquisas, mas observei que 3 estão repetidas.

⁹ Aparecem 14 pesquisas, mas observei que 1 está repetida.

¹⁰ Aparecem 31 pesquisas, mas observei que 11 estão repetidas.

¹¹ Com outros descritores, filtros e/ou em outras plataformas, outros resultados podem ser encontrados.

¹² O curso pertence ao Departamento de Gestão e Hospitalidade (DGH), é em período integral, tem duração de 3 anos e é um dos mais concorridos do campus. Perfil do egresso: “[...] competência para organizar as rotinas da gestão organizacional; controlar e arquivar documentos; conhecer as normas e procedimentos de cerimonial e protocolo e organizar eventos empresariais e públicos. Terá ainda capacidade de liderança e habilidade de relacionamento interpessoal, com uma visão ampla e capacidade de adaptação em várias áreas da empresa, para gerenciar com efetividade o bom uso do tempo de modo a organizá-lo, priorizá-lo e equilibrá-lo” (IFMT, 2023, on-line). Disponível em: [Diretoria de Ensino \(ifmt.edu.br\)](https://cuiaba.ifmt.edu.br/diretoria-de-ensino/). Acesso em: 20 mar. 2023.

¹³ O IFMT, *campus* Cuiabá/Octayde Jorge da Silva foi fundado em 1909, inaugurado em 1910 como Escola de Aprendizes Artífices de Mato Grosso e ao longo desses anos passou por vinculações e reformas até chegar a ser, hoje, o IFMT. A história completa com as legislações está disponível em: <https://cuiaba.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/historiadocampuscuiaba/>. Acesso em: 11 out. 2022.

¹⁴ Esta é a mesma renda da lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: [L12711 \(planalto.gov.br\)](https://www.planalto.gov.br/legis/2012/08/29/lei12711.htm). Acesso em: 20 mar. 2022. No dia 13 de novembro 2023 foi sancionada pelo presidente da república, Luís Inácio Lula da Silva, a nova Lei de cotas, as principais mudanças válidas a partir de 2024 são: “No mecanismo de ingresso anterior, o cotista concorria apenas nas vagas destinadas às cotas, mesmo que ele tivesse pontuação suficiente na ampla concorrência. Agora, primeiramente serão observadas as notas pela ampla concorrência e, posteriormente, as reservas de vagas para cotas. Monitoramento anual da Lei e sua avaliação a

superior, nesse *campus*, por isso o escolhi. Quanto às camadas populares, segundo Magda Soares, citada por Ana Vasconcellos (2009, p. 20), são “[...] grupos sociais que, pertencentes às classes dominadas, identificam-se por uma característica comum, a de constituírem um conjunto de grupos polarizados em oposição àqueles de detêm o monopólio do poder e do controle econômico e social”.

O recorte do gênero feminino e das camadas populares foi pensado, em primeiro lugar, porque eu sou mulher, com descendência indígena, negra e branca, já sofri racismo, principalmente na infância, em meados da década de 1980 a 1990, com crianças falando mal do meu cabelo cacheado; estudei o ensino básico todo em escolas públicas, municipal e estadual, em Mogi das Cruzes–SP, onde nasci, além da experiência de ter só o básico para comer, não diferente de muitas(os) brasileiras(os), por exemplo: arroz, feijão, ovo e/ou algum tipo de carne em pouca quantidade, a famosa “mistura”, além do pão com margarina (não era manteiga) e o “cafezinho preto”. Tenho dolorosas e boas memórias da minha infância e juventude, mas tudo serviu e serve para compor as minhas histórias, narrativas e identidades. Comecei a trabalhar aos 14 anos, situação não ideal, mas comum a algumas/alguns brasileiras(os) que precisam trabalhar para comer o básico para sobreviver, ciente de que existem experiências diferentes das minhas, inclusive muito mais difíceis como a da Carolina Maria de Jesus, narrada em sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, e das histórias orais de vida e de permanência escolar das mulheres jovens estudantes – objetos deste estudo – apresentadas e analisadas mais adiante.

Apesar de esta tese não ter foco na saúde, mas como traz dados de estudantes, nesse caso interessa, outro fator que me chamou a atenção para fazer o recorte de gênero foi a publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE¹⁵), realizada em 2019 e publicada em 2021, que aborda a saúde mental das(os) adolescentes e jovens estudantes brasileiras(os). O estudo revela que a capital de Mato Grosso, Cuiabá, cidade onde fica o IFMT e *locus* desta pesquisa, destaca-se

cada 10 anos. Inclusão de outros ministérios, além do Ministério da Educação, como responsáveis pelo acompanhamento da Política de Cotas: Ministério da Igualdade Racial; dos Direitos Humanos e da Cidadania; dos Povos Indígenas; da Secretaria Geral da Presidência da República. Estabelecimento de prioridade para os cotistas no recebimento do auxílio estudantil. Redução do critério de renda familiar per capita para um salário-mínimo na reserva de vagas de 50% das cotas. Extensão das políticas afirmativas para a pós-graduação. Inclusão dos estudantes quilombolas como beneficiários das cotas. Vagas reservadas em uma subcota que não forem preenchidas serão repassadas para outra subcota e, posteriormente, para as vagas de escola pública. Utilização de outras pesquisas além do Censo para o cálculo da proporção de cotistas nas Unidades da Federação”. Disponível em: [Lei de Cotas — Ministério da Educação \(www.gov.br\)](http://www.gov.br). Acesso em: 13 nov. 2023.

¹⁵ A PeNSE é uma pesquisa realizada com escolares adolescentes, desde 2009, em parceria com o IBGE e com o apoio do Ministério da Educação (MEC). A pesquisa é realizada por amostragem, utilizando como referência para seleção o cadastro das escolas públicas e privadas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. Fonte: www.gov.br/saude/pt-br (2021).

no cenário nacional com 5,9% de estudantes (homens e mulheres) de 13 a 17 anos, que afirmam que não têm muitas(os) amigas(os) próximas(os), além do dado nacional de 29,6% das estudantes mulheres, na mesma faixa de idade, afirmarem que a vida não vale a pena ser vivida, conforme abaixo:

Percentual de escolares de **13 a 17 anos** que **não têm amigos próximos**, por sexo e dependência administrativa da escola, [...] segundo os Municípios das Capitais [...]: **Cuiabá (MT)** estava acima, **5,9%** de adolescentes **sem amigos próximos** [...].

Entre os escolares de **13 a 17 anos**, [...] nos 30 dias anteriores à pesquisa [...]. [...] **29,6%** das adolescentes (**mulheres**) sentiram que **a vida não valia a pena ser vivida na maioria das vezes ou sempre**, frente a 13,0% no caso dos adolescentes (**homens**) (IBGE/PENSE, 2021, p. 114; 117, grifos meus).

Diante desta realidade que considero grave, percebe-se que as mulheres jovens estudantes brasileiras¹⁶ precisam de um olhar para além do tecnicismo e/ou conteudismo no espaço escolar, ou seja, também de ouvidos atentos, afetuoso, dispostos a escutar, a considerar e a agir em prol delas. As mulheres jovens, de acordo com Miranda e Lobato (2018, p. 36), encontram “[...] obstáculos cotidianos para que possam exercer plenamente as suas capacidades, os quais tendem a ser intensificados a partir da interseção entre elementos como classe, território, cor e orientação sexual, impactando em sua possibilidade de mobilidade e ascensão social”, conforme discutido e defendido nesta tese.

A interseccionalidade, para americana Kimberle Crenshaw, criadora desse conceito, é:

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

A intelectual brasileira, Sueli Carneiro, também aborda a interseccionalidade em seu texto publicado na *Revista Geledés*, em 2011:

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso

¹⁶ É importante dizer que os homens também precisam, mas esta pesquisa tem o recorte feminino, conforme já falado, assim, a partir de agora não farei mais esse comentário.

clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras (Carneiro, 2011, on-line).

Sobre o gênero, trouxe uma explicação que considero bem ilustrativa, da Maria Beatriz Nader:

No clássico estudo de Joan Scott sobre a utilização dos estudos de gênero como categoria de análise histórica, gênero é definido como “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1990, p. 8), o que pode ser exemplificado por meio do estudo pioneiro de Margaret Mead (1999), sobre os nativos da Nova Guiné. Mead concluiu que certos padrões de comportamento, como passividade, disposição para cuidar de crianças e doentes – apontados em nossa sociedade como tipicamente femininos – podem ser definidos como atributos masculinos em uma tribo e femininos em outra, não sendo, portanto, determinados pelo sexo biológico dos indivíduos, mas pela cultura. Em Tchambuli, por exemplo, os homens são emocionalmente mais dependentes do que as mulheres, cabendo a elas a iniciativa sexual. Entre os homens de Mundugumor, as atitudes agressivas e competitivas predominavam entre homens e mulheres, enquanto que o povo Arapesh caracterizava-se por atitudes de cooperação e de passividade (Nader, 2014, p. 12).

Nesse aspecto, Cristian Pagoto e Thomas Bonnici (2007) apresentam, em seu artigo intitulado: *A dupla colonização da mulher no romance A Escrava Isaura (1875), de Bernardo Guimarães*, uma análise sobre um episódio do romance *A Escrava Isaura* (1994) e citam a “dupla colonização da mulher”, das que foram colonizadas e que têm experiências diferentes e mais complexas do que a dos homens colonizados, pois são oprimidas pelo sistema patriarcal de colonização e são tratadas como objeto, inclusive sexual, e como força de trabalho. Bonnici, referido por esses autores, afirma que o “relacionamento metrópole-colônia simbolizado pelos personagens senhor/escrava denota como o poderio masculino tenta impor sua vontade sobre a mulher sem pedir seu consentimento, objetificando-a e tentando anular a sua identidade” (p. 161). Na citação direta abaixo, esses autores destacam a situação imposta às(aos) negras(os), o que dialoga com a Patrícia Collins (2019) em seus estudos sobre a condição injusta da mulher com pouco acesso aos recursos da sociedade, bem como os estudos da Lélia Gonzalez (2018) sobre as opressões impostas às mulheres devido ao sexismo, ao racismo e às poucas e inferiores condições de oportunidades.

O negro só se sente inferior a partir do contato com o branco e esse relacionamento entre as duas culturas faz com que o negro se sinta inferior, porque ele é, segundo Figueiredo “uma criação da Europa” ou em outros termos “um constructo, ou seja, uma construção cultural do mundo branco”. A partir desse contato o negro passa por uma espécie de “crise identitária”, pois seus valores são negados pelo branco e levando-se em conta que o homem só é reconhecido como homem no momento que um outro o reconhece como homem, o negro seria um não-homem? (Pagoto, Bonnici, 2007, p. 152-153).

Sobre os termos ouvir e escutar, adoto, na maioria das vezes, o escutar, pois é possível ouvir até o que não se quer, mas escutar, geralmente, envolve vontade de ouvir e de conhecer, o que vai ao encontro do objetivo geral desta tese que é o de escutar as histórias de vida e de permanência escolar das mulheres jovens estudantes, das camadas populares, do 3º ano do Ensino Técnico de Secretariado Integrado ao Ensino Médio, no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), *campus* Cuiabá/Octayde Jorge da Silva. Os objetivos específicos são: a) comparar as histórias das estudantes com as histórias narradas na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, da Carolina Maria de Jesus; b) compreender como o gênero, a raça e a classe influenciam nas histórias de vida, de permanência escolar e no futuro das estudantes; c) analisar de que forma as(os) professoras(es), na visão das estudantes, podem melhorar as suas práticas pedagógicas.

A problemática da pesquisa diz respeito à fase da vida em que muitas coisas já aconteceram e acontecem na vida das mulheres jovens estudantes, da infância até quase aos 20 anos, dentro e fora da escola; muitos desses acontecimentos são devidos, apenas, por elas serem do gênero feminino, mas que se agravam, em diversas situações do cotidiano, se forem pretas ou pardas e/ou camadas populares, considerando que a pobreza no país tem cores específicas: pretas e pardas: “Entre as pessoas de cor ou raça preta ou parda, 40,0% eram pobres em 2022, um patamar duas vezes superior à taxa da população branca (21%)¹⁷”.

Diante das problemáticas, a hipótese é a de que as temporalidades interferem na interseccionalidade no desenrolar das trajetórias e narrativas de vida de Carolina Maria de Jesus e das colaboradoras da pesquisa. A obra *Quarto de Despejo*¹⁸ contém histórias da década de 1950 a 1960, já as colaboradoras desta pesquisa nasceram no início dos anos 2000 e relatam as suas histórias em 2022.

Atualmente, nas turbulências do século XXI, com muitos avanços tecnológicos, das virtualidades, redes sociais, telas, individualidades, do metaverso¹⁹ e com o recente isolamento forçado devido à pandemia da Covid-19 que, no Brasil, de março de 2020 a março de 2022, matou mais de 655.000²⁰ mil pessoas, a tendência é que as(os) sujeitas(os) se tornem

¹⁷ Os dados podem ser conferidos em: [Pobreza cai para 31,6% da população em 2022, após alcançar 36,7% em 2021 | Agência de Notícias \(ibge.gov.br\)](https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/geral/pobreza-cai-para-31-6-da-populacao-em-2022-apos-alcançar-36-7-em-2021). Acesso em: 25 jul. 2024.

¹⁸ A partir deste momento, na maior parte das vezes, cito apenas a primeira parte da obra para que a leitura fique mais dinâmica.

¹⁹ O metaverso é um universo virtual que promete [...]: “espelhar o mundo real no ambiente virtual, onde as pessoas poderão interagir por meio de avatares 3D e a partir de tecnologias como realidade virtual e aumentada”. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/12/metaverso-sete-fatos-para-entender-a-nova-experiencia-da-internet.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2022.

²⁰ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

mais reclusas(os), o que leva às inquietações: Quem são essas mulheres jovens estudantes? Quais são suas histórias de vida e de permanência escolar? Como as(os) professoras(es) podem contribuir, em suas práticas pedagógicas, com essas memórias? Como despertar empatia/alteridade pelas dificuldades das(os) outras(os) sujeitas(os), se não as(os) conhecemos? Ninguém vive totalmente só, somos coletivos e sociais. Nessa direção, Maurice Halbwachs cita:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2006, p. 30).

Benjamin alerta que as conversas e as trocas de experiências olho no olho estão diminuindo depois do surgimento do romance que individualiza e empobrece a comunicação entre as pessoas, o que lembra a pesquisa citada mais acima sobre a juventude ter pouca (ou nenhuma) amizade próxima.

A arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar [...]. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (Benjamin, 2012, p. 213).

Zumthor (1993, p. 265), diferente de Benjamin, está convicto de que o romance não consegue abafar a oralidade e diz: “num mundo da voz, o romance parece pretender abafá-la. E será que abafa realmente? Sem dúvidas, não”. Porém, apesar dessa aparente certeza, ele cita que há “uma nostalgia da voz viva” (p. 285), o que me faz entender que há, sim, pelo menos, uma certa preocupação; segundo Benjamin e eu concordo, há perdas e riscos, mas nem tudo está perdido, ainda é possível manter o fogo e até aumentar a fogueira, por isso as instituições de ensino, a família, o governo e outras instituições podem e devem contribuir. Marcos Natali traz uma citação de Jacques Rancière de como o narrar poético serve para qualquer aprendizagem:

[...] Narrar as aventuras de nosso espírito e verificar se são compreendidas por outros aventureiros, comunicar nosso sentimento e vê-lo partilhado por outros aventureiros, comunicar nosso sentimento e vê-lo partilhado por outros seres sencientes. No ato da palavra, o homem não transmite seu saber, ele poetiza, traduz e convida os outros a fazer a mesma coisa, ele se comunica como um artesão: alguém que maneja as palavras como instrumentos. [...] Ele se comunica como poeta: um ser que crê que seu pensamento é comunicável, sua emoção, partilhável. Por isso, o

exercício da palavra e a concepção de qualquer obra como discurso são um prelúdio para toda aprendizagem (Natali, 2020, p. 252-253).

Assim, sem hierarquia entre a escrita e a fala, entendendo que estão conectadas e se complementam, destaco a potência da oralidade na voz feminina e nas memórias compartilhadas, que pode ser um caminho interdisciplinar, literário, social, histórico e significativo para reflexões sobre o passado, o presente e o futuro, e para conhecer mais de si e das(os) outras(os). Desse modo, a fim de diminuir aquele “embaraço” descrito mais acima por Benjamin, ofereço uma escuta atenta e afetuosa às memórias e às vozes das mulheres jovens estudantes, colaboradoras da pesquisa.

Por que escolhi a Carolina Maria de Jesus? Porque ela é uma literata que, nos anos 1950/1960, no Brasil, mesmo com apenas 2 anos de estudo, mulher, em situação de miséria, preta e mãe solo²¹, não deixou de sonhar, trabalhar, escrever e narrar. Ninguém ousou mais na literatura, nesse período, do que a Carolina. Por meio da literatura, com muitas marcas da oralidade em suas escritas autobiográficas, foi possível conhecer um pouco da vida das(os) moradoras(es) da favela, da autora, do seu cotidiano miserável de trabalho e de sonhos, situação semelhante à de muitas(os) sujeitas(os) no país que, na contemporaneidade, ainda vivem situações parecidas ou até piores²². Acho prudente frisar os sonhos, pois são eles que movem as(os) sujeitas(os), foram os sonhos da Carolina que a fizeram acreditar e agir todos os dias e impactaram de forma positiva a vida dela, dos filhos João José, José Carlos e da filha Vera Eunice.

A sociedade brasileira é multicultural e desigual nos diversos aspectos da vida, por exemplo: de gênero, de classe, de raça, educacional, social, cultural, nos costumes, entre outros. Diante dessas realidades, esta pesquisa se justifica no espaço escolar porque esse é um ambiente que faz parte da sociedade, tem um importante e significativo papel que vai além dos conteúdos preestabelecidos e do foco no vestibular e/ou Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), pois proporciona uma formação ampla e emancipatória, principalmente no caso do IFMT que a missão, visão e valores²³ são:

²¹ Conforme a pesquisada Giane Silvestre, da Universidade de São Paulo, em matéria publicada “O termo mãe solo é uma releitura desse lugar, que as próprias mulheres fazem da sua condição de mãe e de exercer a maternidade com a ausência dos pais, que pode se dar de várias formas” (Jornal da USP, 2023, on-line). Disponível em: [Conceito de mãe solo ajuda a entender novo arranjo familiar nas periferias de São Paulo – Jornal da USP](#). Acesso em: 28.11.2024.

²² Quando cito que algumas experiências podem ser similares ou piores, não estou julgando subjetivamente, pois cada sujeita(o) tem uma percepção dos acontecimentos da vida e isso tem que ser respeitado, falo no sentido objetivo do que pode ser observado.

²³ Disponível em: [Reitoria \(ifmt.edu.br\)](#). Acesso em: 20 mar. 2023.

Missão

“Educar para a vida e para o trabalho”

Visão

“Ser uma instituição de excelência na educação profissional e tecnológica, qualificando pessoas para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania por meio da inovação no ensino, na pesquisa e na extensão”.

Valores

Ética
Inovação
Legalidade
Transparência
Sustentabilidade
Profissionalismo
Comprometimento
Respeito ao cidadão

A Lei n. 9.394, de 1996, que estabelece diretrizes e base da educação nacional, afirma:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Educar para a vida e para o trabalho exige, no mínimo, além das ciências e das técnicas, uma educação baseada no diálogo, na liberdade, no respeito e na alteridade. Para isso é necessário conhecer, pelo menos um pouco, sobre as vivências das(os) estudantes. Mas Luiz Moita Lopes (2002) afirma que os conteúdos em sala de aula não abordam assuntos do cotidiano das(os) estudantes; desse período em que ele escreveu, há mais de 20 anos, até os dias atuais, considero que houve uma certa melhoria, mas pouca ainda, o que pode ser observado nas histórias orais das colaboradoras da pesquisa, mais adiante.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin [1979]; 1992, p. 348).

Dialogar é estar por inteiro, é a *performance* aglutinada do corpo, da alma e da linguagem, mas as(os) sujeitas(os) têm diferentes corpos, identificações, culturas, experiências, subjetividades e várias outras condições, então é fundamental que as práticas pedagógicas sejam pensadas e adotadas para as diversas realidades de vida das(os) estudantes, principalmente das mulheres que foram e são silenciadas e marginalizadas na sociedade, ainda mais se forem pretas, pardas e/ou das camadas populares. E para isso acontecer é preciso,

primeiro, escutar as histórias. “Escutar é dar abrigo à palavra – muito além da vibração do tímpano e dos ossos auditivos” (Seawright, 2023, p. 35). Sobre esse escutar, segue o texto *Ouvir para aprender*, de Rubem Alves, na coluna do jornal *A Folha de São Paulo*, em 2004²⁴:

Ouvir para aprender

De todos os sentidos, o mais importante para a aprendizagem do amor, da vida em conjunto e da cidadania é a audição.

[...]

Só posso ouvir a palavra se meus ruídos interiores forem silenciados. Só posso ouvir a verdade do outro se eu parar de tagarelar. Quem fala muito não ouve. Sabem disso os poetas, esses seres de fala mínima. Eles falam, sim - para ouvir as vozes do silêncio.

[...]

O aprendizado do ouvir não se encontra em nossos currículos. A prática educativa tradicional se inicia com a palavra do professor.

[...]

Talvez seja essa a razão por que há tantos cursos de oratória, procurados por políticos e executivos, mas não de “escutarória”. Todo mundo quer falar. Ninguém quer ouvir. Todo mundo quer ser escutado.

[...]

Sugiro então aos professores que, ao lado da sua justa preocupação com o falar claro, tenham também uma preocupação com o escutar claro.

[...]

Há momentos para falar e para ouvir, essas duas habilidades humanas são importantes, no entanto, às mulheres apenas é dado o direito da escuta e não da fala, em muitos contextos e situações da vida privada e da vida pública.

Sobre a educação, que está relacionada com esta pesquisa, no âmbito do currículo e das práticas pedagógicas que oportunizam a voz e a escuta de todas(os), Nilma Lino Gomes traz a citação abaixo, de Tomaz Tadeu da Silva, de 1995:

o currículo não se restringe à transmissão de conteúdos, ideias e abstrações. Ele diz respeito a **experiências e práticas concretas**, construídas por sujeitos concretos, imersos nas **relações de poder**. O currículo pode ser considerado como uma atividade produtiva, é um processo de produção que pode ser visto em dois sentidos: 1) em suas **ações** (aquilo que fazemos) e 2) em seus **efeitos** (o que ele nos faz). [...] O currículo é também um **discurso** que, ao **corporificar narrativas particulares** sobre o **indivíduo e a sociedade**, participa do processo de constituição de sujeitos. [...] As narrativas contidas nos currículos explicita ou implicitamente incorporam noções **particulares** sobre o conhecimento, formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais, sobre a sexualidade. Essas **narrativas** são **potentes**. Elas dizem qual é legítimo e qual é ilegítimo, quais formas de conhecer são válidas e quais não são, o que é certo, o que é errado, o que é moral, o que é

²⁴ O texto completo está disponível em: [Folha de S.Paulo - Sabor do saber: Ouvir para aprender - 21/12/2004 \(uol.com.br\)](http://www.folha.com.br). Acesso em: 23 fev. 2023.

imoral, o que é bom e o que é mau, o que é belo e o que é feio, **quais vozes estão autorizadas a falar e quais não o são**. São **silenciadas** (Gomes, 2020, p. 227-228, grifos meus).

Assim, na intenção e na ação de não deixar as vozes femininas silenciadas, mas de destacar as suas potências, os espaços educacionais, independente das modalidades de ensino, têm o dever de adotar um currículo e práticas pedagógicas que propiciem a autonomia das(os) estudantes, considerando a realidade social, material, racial, simbólica etc., de cada sujeita(o) e/ou grupo; por isso é necessário estimular a juventude a narrar as suas próprias experiências e a escutar as das(os) outras(os), levando-as(os) a se (re)conhecer e a compreender as(os) outras(os) por meio das trocas e compartilhamentos de ideias e experiências. De acordo com Benveniste (2006, p. 99), “a língua é o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza como a experiência, portanto este composto de natureza e de experiência que se chama sociedade”.

Para Thompson (1992, p. 44), as histórias de vida podem “lançar a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo [...] traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”. Sobre isso, Ecléa Bosi (1994, p. 69) relata que “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”. Pensando na sala de aula, as histórias de vida precisam “florescer” por meio das palavras e da escuta, intermediadas pelas(os) professoras(es). A esse respeito, bell hooks (2017, p. 25) compartilha a sua experiência e diz que foi inspirada por professoras(es) que “tiveram coragem de transgredir as fronteiras” e não trabalhavam com as(os) alunas(os) feito uma “rotina de produção”, ao contrário, interessavam-se pelas particularidades, subjetividades e identidades delas(es). Em concordância, Michael Pollak afirma:

[...] As histórias de vida [...] devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais. Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves [...]. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros (Pollak, 1989, p. 11).

O espaço educacional, muitas vezes, é um dos poucos locais em que as(os) estudantes das camadas populares têm a oportunidade de compartilhar as suas histórias de vida e as suas memórias, seja com amigas(os), de forma mais privada ou em momentos coletivos das

aulas/atividades mediadas pelas(os) professoras(es). No entanto, segundo a pesquisa já citada do IBGE/PeNSE, as(os) escolares “não têm muitos amigos próximos”, com destaque para Cuiabá com 5,9% “sem amigos(as) próximos”, além de 29,6% das mulheres “sentirem que a vida não valia a pena ser vivida na maioria das vezes ou sempre”, homens 13%; ou seja, essas(es) estudantes precisam ser escutadas(os), precisam de atenção e de apoio da família, das instituições de ensino e do Estado; de acordo com Emmanuel Levinas (2012, p. 19) “a relação com o Outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas”, são momentos de exercer a fala, a escuta, a alteridade, de identificação de si e das(os) outras(os).

O processo de ensino não é apenas a transmissão de conhecimentos, conteúdos, ciências etc., mas, conforme Henri Wallon (2007), envolve aspectos subjetivos e isso inclui conhecer e considerar as memórias individuais e coletivas das(os) estudantes em processo de aprendizagem, ainda mais no período da juventude que é uma fase complexa do desenvolvimento e de grande influência em suas personalidades e identidades que, de acordo com Pollak (1992, p. 204), têm a memória como componente.

As histórias de vida e de permanência escolar deixam marcas particulares e subjetivas porque as experiências transformam, constituem e formam as identidades das(os) sujeitas(os) (Larrosa, 2016). Entretanto, as identidades estão sempre em processo de transformação:

para Bakhtin, cada sujeito é “povoado” por múltiplos outros; é, num certo sentido fragmentado internamente e externamente, mas, mesmo assim, é um ser único e insubstituível, devido ao “inacabamento” e à “situacionalidade”: não há identidade como um produto, mas um processo de autoidentificação contínuo que inicia com o nascimento e encerra com a morte, os únicos momentos em que cada sujeito está completamente sozinho (Pires; Sobral, 2013, p. 214).

Enquanto há vida, há diversas possibilidades de autoidentificação que oscilam e se transformam até a morte. E por falar em vida e morte, o filósofo e médico, Alcmeón de Crotona, referido por Candau (2021, p. 59), cita que as(os) sujeitas(os) “morrem porque não são capazes de juntar o começo ao fim”. Esse autor recorda que a “*Mnemosyne*, divindade da memória”, acredita que somente ela permite “unir aquilo que fomos ao que somos e ao que seremos”. De forma similar, as identidades não estão dissociadas dos processos históricos (Gomes, 1995; Munanga, 2012) e das histórias de vida; por esses motivos, além de outros, é preciso que as práticas pedagógicas dialoguem com as histórias e as experiências das(os) estudantes, explorem e valorizem os diferentes discursos. Sobre isso, Moita Lopes (2002, p. 63-64), diz: “[...] as narrativas, como forma de organizar o discurso através das quais agimos

no mundo, têm [...] papel central no modo como aprendemos a construir nossas identidades [...]. Esse autor, em diálogo com Madan Sarup, cita que o ato de contar e ouvir histórias “tem papel crucial na construção de nossas vidas e das vidas dos outros” e acrescenta, citando Carrithens, “que as histórias sobre mim mesmo são igualmente sobre como vejo os outros”.

A metodologia é a história oral que, conforme Verena Alberti (2005), é também uma constituição de fontes e surgiu em meados do século XX, depois da invenção do gravador de fita. A história oral acontece sempre a partir de um projeto e das entrevistas que são gravadas (áudio e/ou vídeos), com sujeitas(os) que desejam contar as suas histórias do passado e do presente.

E por que a história oral? Portelli (2016, p. 43), baseado em Charlie King, ajuda a responder: “A boa história oral tem um propósito, [...] uma missão. Ela ambiciona deixar uma marca no mundo”. Ela não termina quando o gravador é desligado, quando o documento é depositado, quando o livro é escrito - citando Emily Dickinson (1955), ‘ela começa / a viver / naquele dia’”. Então, depois da aprovação e da publicação desta tese, as histórias aqui contadas nascem para o mundo com a missão de frutificar. As histórias orais “[...] revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (Portelli, 1977, p. 31).

A história oral testemunhal, utilizada aqui, é um gênero de discurso que tem o poder de revisitar pela oralidade e depois pela escrita transcrita, uma narrativa passada (Portelli, 2001) que traz consigo os sentidos, as subjetividades e os simbolismos imbricados nas(os) sujeitas(os). Além desse autor, Meihy e Seawright (2021) dão base para a história oral nesta pesquisa e afirmam:

[...] A história oral testemunhal é o gênero narrativo que combina aspectos da história oral de vida e da história oral temática. [...] Caracterizada por narrativas inscritas nas vivências dos narradores. [...] voltado à promoção da escuta de pessoas [...]. Nesse sentido, considera-se a necessidade de se tornarem públicos os abusos, as violações de direitos humanos, assim como as condições em que os silêncios – ou a ausência de documentos escritos - se mostram como entraves para o bem-estar social de minorias (Meihy; Seawright, 2021, p. 75; 76).

Na história oral, conforme esses autores, é impossível escutar todas as narrativas, por isso, a fim de reduzir a quantidade de pessoas, define-se uma “comunidade de destino” (p. 94), em seguida se faz uma nova definição chamada de “colônia” que possibilita definir “redes” menores, conforme abaixo. Nas palavras de Meihy e Seawright (p. 99), a “comunidade de destino é afetada por mudanças radicais para a vida de pessoas desvalidas,

excluídas [...] vulneráveis aos preconceitos étnicos, religiosos, de gênero e [...] de identidades de gênero”, acrescento de classe e diversas outras.

- a) “comunidade de destino”: *mulheres jovens estudantes*;
- b) “colônia”: *mulheres jovens estudantes do 3º ano do curso técnico de secretariado integrado ao ensino médio, do IFMT, campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva*;
- c) “redes”: *mulheres jovens estudantes do 3º ano do ensino médio integrado do IFMT, campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva, das camadas populares*.

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)²⁵, peguei autorização do chefe de ensino e do coordenador do curso, em seguida fiz uma consulta documental na pasta escolar das estudantes, na secretaria escolar, e selecionei, de forma aleatória, algumas estudantes com renda familiar igual ou inferior a 1,5 (um salário-mínimo e meio) *per capita*, que cursaram o ensino fundamental completo em escola pública. A consulta documental, de acordo com Marconi e Lakatos (2011), é um caminho para que a pesquisadora possa obter informações complementares à pesquisa.

Após, entrei em contato com cada possível colaboradora, primeiro por telefone, no número que consta na ficha da estudante e me apresentei, falei da pesquisa e a convidei para uma conversa presencial em espaços abertos do IFMT, no *campus* Cuiabá/Octayde, onde todos os encontros foram feitos, fora do horário de aula (intervalo e/ou aula vaga) para não atrapalhar as aulas/atividades.

Essa conversa já foi uma pré-entrevista (Meihy; Seawright, 2021) e apresentei os objetivos e todas as etapas da pesquisa para a estudante. Esta pré-entrevista foi limitada a três estudantes, o objetivo era incluir todas com quem eu fizesse contato e aceitassem. A estudante não precisou decidir no momento da pré-entrevista se desejava ou não participar, mas pôde refletir/pensar e dar a resposta em até dois dias corridos. Foi explicado e descrito nos termos, especificados um pouco mais adiante, que a colaboradora pode desistir da pesquisa a qualquer momento em que desejar, sem apresentar justificativas e a pesquisadora fica livre para convidar ou não outra estudante, dentro dos mesmos critérios.

Na pré-entrevista uma estudante negra aceitou participar, ela se animou muito, mas após conversar com a mãe disse, com tristeza no olhar e na fala, que não participaria mais. Outra estudante branca também aceitou, mas no outro dia disse que não queria mais. Em

²⁵ Certificado de Apresentação de Certificação Ética (CAAE) n. 58532622.6.0000.8055.

ambos os casos, para respeitar o direito e a privacidade, não questionei o motivo da desistência, apenas agradei e me coloquei à disposição como professora do IFMT.

Após o aceite de três estudantes, quantidade estabelecida no projeto, entreguei a cada uma o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE A), para que assinassem, e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) para assinatura do/a responsável. Neste momento eu peguei com a estudante o número de telefone do/a responsável e entrei em contato para fazer uma explicação inicial e agendar um encontro presencial para leitura e explicação ampla sobre a pesquisa; a Mônica e a Suellen têm a mãe como responsável e a Aline é maior de idade. A minha primeira sugestão para cada responsável foi para que ela comparecesse ao *campus*, de forma agendada, de segunda a sexta, das 6h30 às 21h30; a segunda foi para eu ir à casa dela ou ao seu local de trabalho; porém todas quiseram falar comigo por chamada de vídeo porque estavam atarefadas, então assim o fiz. No início da conversa eu me apresentei com o crachá do IFMT na mão bem visível para que não houvesse dúvida que eu sou professora do instituto, pois não me conheciam. A meu pedido, para conferência, visto que eu já tinha os dados de cada uma retirados da pasta das estudantes, cada responsável mostrou a sua carteira de identidade na chamada de vídeo. Todas concordaram com a pesquisa logo de início, foram solícitas e amigáveis, o que me deixou confortável. A estudante, maior de idade, assinou os documentos. A pesquisa só iniciou quando todas as envolvidas concordaram e assinaram.

Com todas as autorizações, a colaboradora da pesquisa foi convidada a fazer uma narrativa autobiográfica, manuscrita (caderno oferecido por mim), que poderia ser escrita no local em que quisesse e depois entregasse a mim; assim, no momento da(s) entrevista(s) de história oral eu já conheceria um pouco sobre a história de cada uma. Porém, a colaboradora Mônica foi enfática e relatou que estava com muitas atividades, já que estava no 3º e último ano do curso e próximo ao período do ENEM. Nessa hora, lembrando do mar, parecia que uma onda gigante passou por mim e afundei, mas consegui me levantar rápido e percebi o momento crítico que as(os) estudantes vivem quando estão no final do ensino médio, ainda mais no IFMT que é em período integral, além da expectativa de qual faculdade irão escolher e se vão conseguir passar, as provas, atividades, horas extracurriculares, eventos etc.; veio-me, então, a lembrança de quando eu estava no último ano do ensino médio, na época o segundo grau, e para ser sincera, senti até vergonha por não pensar nisso antes, mas as mudanças de planos fazem parte da dinâmica de campo das pesquisas e, o importante, é a(o) pesquisadora(r) estar atenta(o) e disponível para mudar, não arriscaria perder a oportunidade; então agendamos direto a entrevista, ou seja, o projeto era de um jeito, mas em seu

desenvolvimento, foi alterado conforme a dinâmica do campo. Para as próximas, não deixei essa onda me derrubar e já falei para começarmos com as entrevistas, elas aceitaram sem questionar. Aline, que é maior de idade, quis fazer a entrevista no primeiro dia em que falei com ela, então fizemos.

As histórias orais narradas e transcritas nesta tese estão completas, mas todas as histórias, por mais completas que sejam, são feitas de fragmentos, nas fraturas da vida. Logo, não se conta tudo, Alberti chama esse processo de “pedaços do passado” contados nas entrevistas e faz comparação:

Não existe filme sem cortes, edições, mudanças de cenário. Como em um filme, a entrevista nos revela um pedaço do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente. A memória, já disse, é a presença do passado (Alberti, 2004, p. 15).

As entrevistas de história oral foram feitas no IFMT, local da pesquisa; duas em uma sala da biblioteca e a última, como esta estava sendo usada, foi numa sala de aula vazia. As entrevistas foram gravadas via áudio no meu celular que, para evitar interrupções, deixei em modo avião. Um encontro com duração máxima de 1 hora com cada colaboradora foi suficiente, foram histórias intensas e surpreendentes. Alguma lembrança esquecida no dia da entrevista elas contaram depois, de forma espontânea, via *WhatsApp*, mas foram poucos detalhes, alguns eu mesma perguntava pontualmente apenas para compreender algumas passagens. Todas as anotações foram registradas em um caderno de campo. Quanto aos esquecimentos, Mark Roseman, citado por Verena Alberti, Tânia Fernandes e Marieta Ferreira (2000, p. 16), diz: “‘falhas de memória’ são, na verdade, tentativas de manter um controle sobre o passado, como uma espécie de ‘distância psicológica’ que os entrevistados colocam entre si próprios e a insuportável realidade”.

De acordo com Meihy e Seawright (2021), não há necessidade de roteiros e muitas perguntas na história oral, as(os) sujeitas(os) narram as suas histórias conforme lembram e desejam. Entretanto, ainda segundo os autores, algumas perguntas de corte são importantes e podem ser feitas; sendo assim, elaborei um roteiro padrão (APÊNDICE C e descritas abaixo) com poucas perguntas para ajudar a encontrar o “tom vital” das histórias. Pelo fato de as colaboradoras terem se mostrado boas narradoras, o que não foi surpresa para mim, e nas pistas de Portelli (2016, p. 10) que afirma que história oral é a “*arte da escuta*”, fiz praticamente só a primeira pergunta e elas foram desenvolvendo as histórias, algumas vezes

eu só perguntava: — *Mais alguma coisa para me contar?* A minha intenção foi deixá-las mais livres possíveis.

- 01) Quem é você?
- 02) Qual é a sua história de vida? Conte sobre a sua infância, adolescência e juventude, momentos felizes e tristes, conquistas, lutas, resistências e dificuldades.
- 03) Qual é a sua memória da permanência escolar? Momentos felizes e tristes, conquistas, lutas, resistências e dificuldades.
- 04) Você deseja fazer alguma faculdade? Qual(is)? Como você imagina seu futuro (pessoal e profissional) depois que se formar no IFMT?

Em seguida, foi a fase da pós-entrevista, quando as narrativas orais são transcritas, textualizadas e transcriadas.

De acordo com Meihy e Seawright (2021), a transcrição é o momento da passagem integral, sem interferência, da “memória de expressão oral” (p. 131) para escrita; a próxima fase é a da textualização onde é permitido que se faça “adaptações” com “ética, rigor e busca de comunicação com o público receptor” (p. 133) e foi o que fiz, respeitei ao máximo as falas, fiz poucas interferências para coesão e coerência do texto, pois a oralidade tem algumas aceitabilidades diferentes da escrita e pelo fato de que a “proposta de pontuação adequada se rende à necessária teatralidade das narrativas orais transcritas, em que o ‘querer dizer’ pode não se esgotar no dito [...] é preciso usar interjeições, interrogativas e exclamativas. E as reticências [...] são fundamentais para dar ritmo [...] (p. 135)”. É durante a textualização que se acha o “tom vital” de cada história que é a “síntese da visão do narrador” e serve de “guia” (p. 136), é o “eixo narrativo” de cada história, é como se fosse “a coluna vertebral” (p. 137).

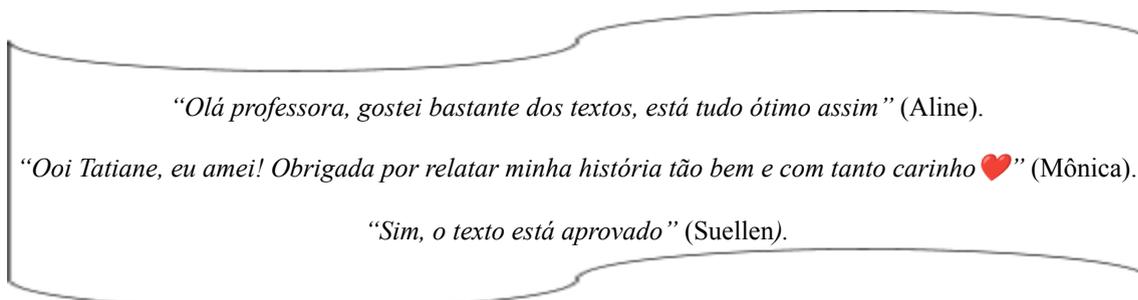
Por último, ainda segundo os autores, fiz “[...] a transcrição [que] induz coreografias de palavras e signos, conforme sugeriu Haroldo de Campos no caso da tradução poética”; é como uma “tela artística” repintada para “chegar ao destino visual acabado” (Meihy e Seawright, 2021, p. 139). Na transcrição das narrativas, mantive a narrativa em primeira pessoa, retirei algumas repetições e/ou frases soltas sem comprometer as histórias, acrescentei as emoções (choro, tristeza, pausas e interrupções) e deixei num formato pouco habitual nos trabalhos acadêmicos, inclusive na história oral. Também escrevi três poemas, um para cada história, com as palavras oralizadas por elas, apresentados antes de cada história completa transcriada. Os áudios das entrevistas estão arquivados de forma on-line (nuvem) e no meu notebook, protegidos por senha.

Cada transcrição seria disponibilizada por escrito às colaboradoras (APÊNDICE D) para interferência, caso desejassem, aprovação e depois inseridas e analisadas na tese, mas

durante a pesquisa, na tentativa de dar mais sigilo ao que foi narrado, considere que melhor do que impressa, seria enviar por e-mail, elas aceitaram e assim foi feito. Sobre isso, Fabíola Holanda afirma:

Com o procedimento transcriativo assumido, o retorno ao colaborador com o texto final para sua leitura, negociação, colaboração e aprovação, é inevitável. É a parte final do processo que iniciou-se no primeiro contato. E a sua apresentação/publicação de maneira integral no trabalho torna-se imprescindível para essa história oral, que se pretende pública e comprometida com o outro e com a comunidade pesquisada (Holanda, 2006, p. 37).

As colaboradoras identificaram-se com a transcrição, o que é fundamental, ético e respeitoso para com elas e para a pesquisa, as respostas delas por e-mail foram:



Para sigilo quanto ao nome das colaboradoras, cada uma escolheu um nome fictício, fiz isso por serem menores de 18 anos, exceto uma, conforme já dito, mas mantive o procedimento.

A pesquisa tem abordagem qualitativa (Creswell, 2014) que é um caminho para compreender como as(os) sujeitas(os) atribuem significados aos acontecimentos da vida. Esse compreender, de acordo com Dilthey, citado pela Alberti, é “reencontrar o eu no tu. É alargar nossos horizontes em relação às possibilidades de vida humana, é vivenciar outras existências” (Alberti, 2004, p. 18). A autora compreende que a história oral pode ser entendida como hermenêutica pela possibilidade de “vivenciar as experiências do outro” (p. 19) e de interpretá-las, mesmo sabendo que isso nunca será completo. Portelli (2016, p. 17) acrescenta que “a história oral nos oferece acesso à historicidade das vidas privadas - mas, mais importante ainda, ela nos força a redefinir nossas noções preconcebidas sobre a geografia do espaço público e do espaço privado, e do relacionamento entre eles”.

A análise da obra *Quarto de Despejo* e das narrativas das mulheres jovens estudantes é interdisciplinar (Candido, 2006), o que me possibilita articular as diversas áreas do conhecimento literário, histórico, social, educacional entre outros, porque “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que

desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se assim, interno” (p. 14), desse modo, além dos aspectos estéticos literários da obra, é importante compreender o contexto social, histórico, racial etc., em que a obra foi elaborada.

Para Candido (2011, p. 182), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. As(os) sujeitas(os), no decorrer do tempo e da vida, vão se brutalizando e perdendo a humanidade, talvez pelos compromissos, obrigações e violências do cotidiano, porém a literatura está ali pronta para salvá-las(os) dessas perdas. Roger Schanck, referido por Candau (2021, p. 71), diz que “contar uma história não é apenas uma simples repetição, mas um real ato de criação”, e este autor acrescenta que essa reconstrução leva ao conhecimento de si.

A análise e a discussão dos dados serão conduzidas por cada eixo temático que é o “tom vital” de cada história, conforme já dito, levantado a partir do que foi lembrado e narrado em comum entre as colaboradoras e a obra *Quarto de Despejo*. A socióloga brasileira Heleieth Saffioti (2015) considera as categorias de análise de pesquisa: gênero, raça e classe, como três contradições fundantes das relações sociais brasileiras porque, teoricamente, existe igualdade jurídica para todos(as), entretanto, na prática cotidiana, as relações são desiguais, principalmente nestas três, que a autora considera como base, e concordo. Desse modo é preciso, na teoria e na prática, que as mulheres sejam emancipadas da inferiorização, da submissão, dos estereótipos de gênero, de raça, de classe entre outros, haja vista que se apenas uma ou duas dessas categorias fossem respeitadas, ainda assim as(os) sujeitas(os) continuariam, praticamente, nas mesmas condições precárias de vida; nesse sentido, a análise e a discussão dos dados serão feitas sob a perspectiva do “nó”, conforme abaixo:

[...] o **gênero**, a **raça/etnicidade** e as **classes sociais** constituem **eixos estruturantes** da sociedade. Estas contradições, tomadas isoladamente, apresentam características distintas daquelas que se pode detectar no **nó** que formaram ao longo da história (Saffioti, 1997b). Este contém uma condensação, uma exacerbação, uma potenciação de contradições. Como tal, merece e exige tratamento específico, mesmo porque é no **nó** que atuam, de forma **imbricada**, cada uma das contradições mencionadas. Além disto, esta concepção é extremamente importante para se entender o **sujeito múltiplo** (Lauretis, 1987) e a **motilidade** entre suas facetas. Efetivamente, o sujeito, constituído em gênero, classe e raça/etnia, não apresenta homogeneidade. **Dependendo** das condições **históricas** vivenciadas, uma destas faces estará proeminente, enquanto as demais, ainda que **vivas**, colocam-se à sombra da primeira. Em outras circunstâncias, será uma outra faceta a tornar-se dominante. Esta mobilidade do sujeito múltiplo acompanha a instabilidade dos processos sociais, sempre em ebulição (Saffioti, 2015, p. 83, grifos meus).

Desta forma, as **classes sociais** são, desde sua gênese, um fenômeno gendrado. Por sua vez, uma série de transformações no **gênero** são introduzidas pela emergência

das classes. Para amarrar melhor esta questão, precisa-se juntar o **racismo**. O **nó** (Saffioti, 1985, 1996) formado por estas **três** contradições apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. **Não** se trata de **somar racismo + gênero + classe social**, mas de perceber a realidade **compósita e nova** que **resulta desta fusão**. Como afirma Kergoat (1978), o conceito de superexploração não dá conta da realidade, uma vez que **não** existem apenas discriminações **quantitativas**, mas também **qualitativas**. Uma pessoa não é discriminada por ser mulher, trabalhadora e negra. Efetivamente, uma mulher não é duplamente discriminada, porque, além de mulher, é ainda uma trabalhadora assalariada. Ou, ainda, não é triplamente discriminada. **Não se trata de variáveis quantitativas, mensuráveis**, mas sim de **determinações, de qualidades**, que tornam a situação destas mulheres muito mais **complexa** (Saffioti, 2015, p. 122-123, grifos meus).

Não se trata de soma, mas sim de uma estrutura mista e nova que se cria e que tem como base o gênero, a raça e a classe, formando um “nó”, mas um “nó frouxo” que permite a intersecção de outras discriminações, a depender do contexto.

Não se trata da figura do nó górdio nem apertado, mas do **nó frouxo**, deixando mobilidade para cada uma de suas componentes (Saffioti, 1998). Não que cada uma destas contradições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à **nova** realidade, presidida por uma lógica contraditória (Saffioti, 1988). De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta motilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada como fixo, aí inclusa a organização destas subestruturas na estrutura global, ou seja, destas contradições no seio da nova realidade - **novelo patriarcado-racismo-capitalismo** (Saffioti, 1987) – historicamente constituída (Saffioti, 2015, p. 133-134, grifos meus).

Françoise Vergès (2020), feminista, negra, francesa, nascida no departamento ultramarino, a ilha Reunião, em seu livro *Um feminismo decolonial*, defende um feminismo decolonial, o que dialoga com o “nó frouxo”, citado acima, de Saffioti; Vergès, em seus estudos, propõe uma análise “*multidimensional*” (p. 38), pensada pelo Darren Lenard Hutchinson, que considera que a raça, a sexualidade e a classe são categorias que não se excluem, mas abarcam como o “poder racista e heteronormativo cria não apenas exclusões precisas na intersecção das denominações, mas molda todas as proposições sociais e subjetivas, inclusive entre aqueles que são privilegiados”. Desse modo, Vergès partilha que o “Estado”, “patriarcado e capital [...]” (p. 38) devem ser pensados de forma conjunta, histórica e sem hierarquias, e acrescenta: “as análises mais esclarecedoras e produtivas das últimas décadas foram aquelas que puxaram o maior número de fios, colocando em evidência as redes de opressão concretas e subjetivas que tecem a teia da exploração e das discriminações” (p. 40), ciente de um caminho longo e complexo, porém sem “ressentimento” ou “amargura”, mas guardada na “memória a resistência e a coragem das mulheres racializadas” (p. 42) e da continuidade da luta pela liberdade.

Nesse sentido, é importante destacar o patriarcado nos estudos de gênero, especialmente no Brasil, na obra *Quarto de Despejo* e nas narrativas das colaboradoras, apresentadas e analisadas mais adiante, porque “gritam” a dominação masculina, além do racismo, das opressões de classe entre outras.

Em concordância com Antônio Guimarães (2003, p. 95), considero a raça, nesta pesquisa, como “categoria do mundo real”, sem vínculo biológico, que no cotidiano oprime, exclui, inferioriza, hierarquiza, estigmatiza grande parte da população preta e parda no Brasil. Quanto à classe, trabalho na perspectiva de Pierre Bourdieu (1998, p. 136) que considera as classes como “[...] conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posições semelhantes”, que envolvem além das questões econômicas, questões simbólicas e culturais. Bourdieu atrela o habitus às classes sociais, desse modo, com base nesse autor, Rogério Tineu afirma:

A herança nas classes mais abastadas não é somente econômica, é cultural, mas para que os filhos tenham o mesmo sucesso dos pais é necessário herdarem também o estilo de vida e a naturalidade, o habitus. Por meio da herança econômica que lhes deram projeção profissional e status, poderão adquirir ainda mais capital cultural para si e para seus filhos, perpetuando o ciclo virtuoso do capital cultural, dos privilégios e da riqueza econômica. A cultura de classe de um dado indivíduo está intimamente ligada à gênese social da classe a qual pertence e ao habitus absorvido desde o nascimento de maneira a ser, por vezes, quase que inconsciente (Tineu, 2017, p. 106).

Concordo que a herança não é apenas econômica e que dela surgem outras vantagens, entretanto o habitus contém variáveis que vão além do contexto e da herança, o que inclui o papel da(o) sujeita(o) nas relações que pode alterar o futuro previsto, conforme a ressalva da Débora Piotto, abaixo:

[...] o habitus não é algo estático ou eterno. A teoria do habitus possui uma perspectiva histórica, diacrônica, contemplando uma perspectiva de movimento. Em consonância com sua visão de sociedade, Bourdieu (2002b) reafirma o caráter histórico desse conceito: “... produto da história, o habitus produz práticas, individuais e coletivas, e portanto história em conformidade com os esquemas engendrados por essa mesma história” (Piotto, 2009, p. 5).

Desse modo, na seção 1 *MEMÓRIAS E VOZES FEMININAS*, apresento as histórias de vida e de permanência escolar, de forma completa, das colaboradoras da pesquisa; resolvi apresentá-las antes mesmo da obra literária para destacar a vida e a voz dessas mulheres

jovens estudantes porque ainda são desconhecidas. Na seção 2 *CAROLINA MARIA DE JESUS E O QUARTO DE DESPEJO*, apresento a história de vida da Carolina Maria de Jesus e faço uma análise dessa sua primeira obra. Na seção 3 *MEMÓRIAS NARRADAS: O QUE ELAS ENSINAM?* faço a análise, de forma dialógica, de algumas passagens e personagens da obra *Quarto de Despejo*, especialmente os que tratam de gênero, raça e classe.

Algumas/alguns autoras(es) que contribuem para esse diálogo são: Benjamin (2012), Candau (2021), Halbwachs (1990) e Seligmann-Silva (2003; 2022), hooks (2017). Meihy e Seawright (2021); Portelli (1997; 2001; 2016); Candido (2006); Saffioti (2015); Crenshaw (2002); Evaristo (2016; 2020); Carneiro (2003; 2011) entre outras(os).

Por fim, a última seção intitulada *SUBINDO A SERRA: SE É POSSÍVEL UM CONSIDERAR*, faço as considerações da pesquisa. “O discurso da memória é um labirinto” (Lejeune, 2014, p. 187), então prepare-se para ler histórias que revelam as memórias do espaço privado da família e do espaço público da escola e da sociedade em geral, com ondas de emoções e experiências, entre elas choros, alegrias, tristezas, romances, separação, brigas, raiva, facada, puxão de cabelo, fome, traumas, suicídio, resistências, estudos, gravidez, dedicações, confusões, dores, silêncios, atrevimentos, esperança e sonhos.

1. MEMÓRIAS E VOZES FEMININAS

1.1 “QUANDO UM POEMA CONTA UMA VIDA²⁶”

Lembrando do mar, abro esta seção com o apoio de Michel Leirís (Lejeune, 2014, p. 119) que diz: “deixemo-nos levar pela onda das palavras”, pois “a linguagem se transforma em oráculo e encontramos (por mais tênue que seja), um fio para guiar-nos, na Babel de nosso espírito” (p. 117) e, aqui nesta tese, é ao som das vozes das três mulheres jovens estudantes e da obra *Quarto de Despejo*. De acordo com Lejeune (2014, p. 109), as “[...] palavras servem tão bem de roupagem a nossa experiência, supomos que vêm diretamente da experiência e do coração do poeta. Há o prazer da emoção compartilhada [...]”.

As palavras das experiências das mulheres jovens estudantes das camadas populares, são, geralmente, as menos escutadas/lidas e/ou consideradas, por isso decido, conforme já dito, antes de apresentar a obra *Quarto de Despejo*, começar com as vozes totalmente desconhecidas do público, que são as das colaboradoras da pesquisa, sem que isso diminua a importância da Carolina e de sua obra, pois são essenciais aqui.

De acordo com Lejeune (2014, p. 131), “escrever e publicar a própria vida foi por muito tempo e, ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes [...] não faz parte da cultura dos pobres”. Esse privilégio não foi dado a Carolina, ao contrário, ela teve, por diversas vezes, os seus escritos desprezados e ficou esquecida por muito tempo, retomando o seu sucesso depois de alguns anos, assunto abordado na seção 2. Mas isso é, além de outros fatores, conforme Norma Telles, citada por Margareth Rago (2013, p. 163), o reflexo do “processo de exclusão das mulheres das narrativas históricas [...] em comparação com as masculinas” e impede e/ou dificulta “descobrir o passado, mas também novas formas de relacionar-se com ele e transmiti-lo”. Sobre essa exclusão feminina do cânone literário e a perspectiva de uma polifonia de vozes, Rafael Zin afirma que:

[...] será a partir da formação de um cânone literário homogêneo, constituído por uma grande maioria de escritores brancos do sexo masculino, que a literatura de autoria negra no Brasil se distinguirá, já que ela apresentará novas possibilidades estéticas para a formulação dos textos literários, revelando, assim uma polifonia de vozes ainda distanciadas de um público mais amplo, especializado ou não. [...]” (Zin, 2002, p. 20).

²⁶ Este subtítulo foi retirado, na íntegra, de Lejeune (2014, p. 113), pois expressa o caminho que resolvi seguir para esta etapa de transformar as narrativas das colaboradoras em poemas.

Na visão de Bosi (1994), a linguagem socializa a memória e, para Jacques Le Goff (1996), a história cresce na memória e faz com que o passado sirva o presente e o futuro; é o que tento fazer aqui, pois socializo as memórias das mulheres jovens estudantes por meio da oralidade e da transformação do oral em escrita para eternizá-las. Para Paul Thompson, a história oral

[...] torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial, do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo (Thompson, 1992, p. 26).

A seguir, apresento as narrativas das histórias de vida e de permanência escolar de forma completa, na sequência em que foram narradas. “Com as histórias integrais vislumbramos mais e melhor as possibilidades de interpretação, e dimensionamos a importância do tema ou assunto que queremos tratar, na fala do colaborador” (Holanda, 2006, p. 36). Coloco um subtítulo em diversas mudanças de assuntos, por que faço isso? É uma tentativa de deixar a leitura, à primeira vista, um pouco mais atraente, menos cansativa e entediante, considero que isso é transcrição. Sabe aquele primeiro olhar? A primeira impressão? Acredito que desta forma as(os) leitoras(es) da comunidade acadêmica e, principalmente, as(os) que não estão acostumadas(os) com trabalhos desse tipo, terão mais desejo de ler.

Este transcender a academia, inclusive, é um dos compromissos de quem trabalha com a história oral, sobre isso, Marta Rovai (2013, p. 133) afirma: “muitos trabalhos com história oral têm contribuído para ampliar as vozes divergentes, as fissuras na memória e a discussão em torno da cidadania e da justiça, e esse aspecto dá ao oralista um papel que extrapola o universo acadêmico”. Quanto à transcrição, nas palavras de Campos (1997, p. 52), “[...] será sempre criação paralela, autônoma, porém recíproca. [...] Numa tradução dessa natureza não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma”.

Antes de cada narrativa oral completa, ofereço aos seus ouvidos – sugiro que a leitura seja feita em voz alta – um poema sinestésico feito somente com as palavras oralizadas pelas colaboradoras, sem nenhum acréscimo, mas com a mistura das letras maiúsculas, minúsculas, negrito entre outras formas não comuns, sem relação com as entonações e gestos feitos por elas, isso também é transcrição. Que os seus lábios e ouvidos vibrem por sua garganta não

aguentar ficar em silêncio (Lejeune, 2014) e que desperte sensações, emoções e imaginações fora do habitual.

A “desagregação” na escrita e no visual dos três poemas, mais abaixo, é uma tentativa de integrar o som, a ênfase e o sentido que as palavras tiveram após a análise dos dados. Martins, citado por Elis Cardoso e Sandra Takakura (2019, p. 74), diz que esses novos formatos revelam “[...] criatividade, espírito, e sua força expressiva resulta da síntese de significados e do inesperado da combinação”. O efeito da nova combinação, que pode ser chamada de desagregação, sinestesia ou a própria transcrição, varia de acordo com quem lê/escuta. Em alusão ao mar, depende do seu mergulho, da velocidade do vento que impacta na onda, do tempo, se há sol, chuva ou lua... Sem contar que há pessoas que vão à praia e não entram no mar, algumas só molham os pés ou caminham na areia, outras nem gostam da praia ou do mar.

A desagregação vocabular é responsável por um determinado efeito de sentido. À sonoridade soma-se o aspecto visual. Os poetas modernos e pós-modernos, que trabalham de forma integrada o som, a visualidade e o sentido das palavras, propõem, como os concretistas, uma nova maneira de pensar e de fazer poesia (Cardoso, 2018, p. 162).

Essa “desagregação vocabular” aqui é representada pela sinestesia, uma figura de linguagem ou um recurso de linguagem que associa diferentes sensações: visuais, auditivas, olfativas, palatais e/ou táteis. A sinestesia, de acordo com Dieter Woll, citado por Verônica Rolón (2022, p. 52), “engloba toda a percepção sensorial que parece impedir a distância entre as diferentes sensações que podem ser sentidas, representando tudo em uma única experiência”. Ela é sentida de forma particular/individual e é representada pela escrita desacostumada, “não gosto de palavra acostumada” (Barros, 1996, p. 71). Assim, os poemas criados abaixo, podem gerar sensações visuais, táteis e auditivas, mas vai depender da(o) leitora(r), pois não são todas(os) que são sinestetas(os). Entretanto, que ao menos, surja alguma “sensação poética” (Rolón, 2022, p. 52).

Fabio André Coelho e a Lúcia Deborah de Araújo trazem a citação de Barros, abaixo, que fala sobre um possível “incômodo” que a(o) poetisa/poeta, acrescento a(o) pesquisadora(r), podem causar à(ao) leitora(r), o que é positivo, é como ultrapassar um portal que do outro lado do cotidiano atribulado e injusto, encontra a literatura onde é possível brincar com as palavras, um breve escape das durezas da vida, o que concordo:

O poeta desacomoda a palavra e a palavra incomoda o leitor. Não entendemos aqui esse incômodo como algo negativo, mas como a provocação necessária para desacostumar, também, o leitor, convidando-o a ultrapassar o portal dos usos cotidianos e adentrar, de fato, o espaço da arte literária, onde ele também pode ser um brincante da linguagem. Quanto menos acomodado o artista, mais incomodado o leitor - e mais forte o chamado para que este transite pelas possibilidades da língua [...] (Coelho; Araújo, 2016, p. 37).

Quanto aos traumas, na visão de Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva (2000, p. 8), têm dois sentidos: de “friccionar, triturar, perfurar”, mas com poder de “suplantar”, superar, é uma contradição quase mágica; o que pode ser comparado à passagem do portal, acima. Segundo George Perec, citado abaixo por Seligmann-Silva, para a(o) deportada(o) que regressa - isso pode acontecer com outra(o) sujeita(o) que sofre algum trauma, seja ela/e de gênero, de raça, de classe entre outros - narrar oralmente ou por escrito representa:

[...] uma necessidade tão imediata e tão forte quanto a sua necessidade de cálcio, açúcar, sol, carne, sono, silêncio. Não é verdade que ele pode se calar e esquecer. É necessário que primeiro ele se recorde. É necessário que ele explique, que ele narre, que ele domine este mundo do qual ele foi vítima (Seligmann-Silva, 2022, p. 141).

A necessidade de narrar é vital à condição humana, ela “faz uma pirueta e cai de pé, igual e transformada” (Lejeune, 2014. p. 137), assim, espero que as histórias orais transcritas, a seguir, toquem e façam alguma transformação positiva à(o) leitora/leitor. Porém, ainda de acordo com esse autor, não é fácil manter o “sabor e o tipo de presença que tem o discurso oral” (p. 199), é um processo parecido com o de fabricar tecidos e conseguir, ao mesmo tempo, maciez e resistência. Em uma alusão à praia, é como conseguir um bronzeado sem agredir, pelo menos um pouco, a pele.

A história oral faz com que a memória narrada e compartilhada, aliada à literatura, desperte novas e outras sensações para quem conta e para quem escuta e/ou lê. Benveniste, citado por Carmem Silva (2016, p. 38), afirma: “cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça. Nenhum poder se igualará jamais a esse...”. O poeta Clemente Padín, diz:

Poesia Visual que se vale da dimensão plástica da linguagem (a linguagem não só se “lê” mas também se “vê”). Sustenta que no poema visual os elementos plásticos não se integram ao significado total do poema mas que atuam como elementos de confusão, de “ruído” para gerar a maior ambigüidade possível (Padín, 2007, p. 28).

Ainda sobre esta plasticidade da linguagem que mistura leitura e visão, Valdevino Oliveira, com outros exemplos, cita:

A imagem tem um primeiro sentido, o do vulto, representação, figura real ou irreal que evocamos ou produzimos com a imaginação, imagem como forma, o que nos aparece diante dos olhos. As imagens pintam objetos, despertam emoções e estão numa linguagem que aspira à visualidade (Oliveira, 1999, p. 41).

Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015, p. 288) afirmam: “a expressão simbólica da arte e sua aura não bastam mais: é preciso elaborar uma “ambivalência” de sedução, um ambiente distrativo, um espetáculo completo, teatralizado em excesso”.

Antes do mergulho em cada poema e história oral, nas subseções a seguir, deixo alguns dados importantes sobre as mulheres jovens estudantes, colaboradoras da pesquisa.

1.1.1 MÔNICA: meu pai falava que eu ia crescer biscate!

Nome: Mônica (nome fictício que ela pediu para eu escolher, então assim o fiz)

Idade: 17 anos

Gênero: feminino

Estado Civil: solteira

Estado de Origem: Espírito Santo

Profissão: estudante

Curso: técnico de secretariado integrado ao ensino médio

Cotista: sim

Modalidade da cota: Escola Pública e Renda

Cor/raça (autodeclaração): parda

Profissão do(s) responsável(is): Mãe: doméstica. Pai: autônomo

Escolaridade do(s) responsável(is): Pai: Ensino médio incompleto, 52 anos. Mãe: Ensino médio incompleto.

Quantos irmãos/irmãs: 1

Quantas pessoas e quem mora na residência: 3: mãe, irmã mais nova e eu;

Escolaridade e idade de quem mora na residência: Mãe: ensino médio incompleto, 42 anos. Irmã: cursando o ensino fundamental.

Data da entrevista: 26.07.2022.

Tempo de duração da entrevista: 47 minutos (arredondados)

Quando eu falei a primeira vez com a Mônica sobre a pesquisa, ela se mostrou muito solícita em participar, e que preferia “apenas” falar sobre a história dela, do que começar pela escrita, devido às muitas atividades, conforme já citado. A entrevista aconteceu perto da hora do almoço, em uma sala fechada na biblioteca do campus. Ela estava no intervalo entre as aulas e almoçou depois da entrevista.

~ MÔNICA ~

Difícil, complicada, *CIU*menta!
BisCate!

BuRRa.
 Uma **DeCep-çãO...**
 Pai. Filha.
 Separação. ALíiiiivio.
FeLICIDADe.

Contas para pagar.
Comida e Conta.
 Conta e Comida.
 aRRastar. aRRanhÕEs.

FACADA

Quase *MATEI*.

DroGas.

Meu pai falava que eu ia crescer biscate!

Sou uma menina de 17 anos que praticamente tem uma irmã como filha, eu namoro e sou uma pessoa muito difícil de lidar. Não tenho muita coisa para falar de mim. Eu sou difícil porque cresci com um pai sendo muito ignorante, as coisas têm que ser certas para mim, peguei isso dele, sempre tive muita responsabilidade, eu sempre cuidei da minha irmã de 7 anos. Agora que eu comecei a namorar, ele conheceu meu namorado, isso nos aproximou, mas ele sempre foi muito ignorante comigo, não teve agressão física, mas teve muita agressão verbal. Ele falava que eu ia crescer e ser biscate, que eu não ia estudar, que eu era uma decepção, vários tipos de coisas que me magoaram muito no passado e hoje em dia não fazem muita diferença na minha vida.

A separação deles foi ótima para mim, foi perfeita!

Meu pai foi criado com os pais dele até os 7 anos e depois foi morando de casa em casa com outras pessoas, depois morou sozinho dentro de um banheiro, ele tem uma história muito complicada. Eu entendo muito bem o lado dele por isso. A gente está tendo somente agora uma aproximação de pai e filha, quando eu era bebê e criança não teve essa conexão.

Ele morou conosco até quando eu tinha 11 anos, em 2016, ele separou da minha mãe, agora faz 6 anos já.

A separação deles foi ótima para mim, foi perfeita! Porque quer queira, quer não, estava atrapalhando a minha infância, a minha mãe hoje em dia é tudo para mim, ela é uma mulher maravilhosa e batalhadora! Hoje eu cuido da minha irmã porque a minha mãe trabalha demais, ela é doméstica, ela trabalha muito e ela sempre foi e sempre vai ser uma ótima mãe, uma amiga para mim. Então ela ter largado do meu pai foi ótimo, tanto para mim quanto para a minha irmã mais ainda, porque ela não sofreu o que eu já sofri, isso é ótimo para ela não crescer com o trauma que eu cresci.

A questão financeira é bem difícil para nós, bem difícil!

A gente sobrevive.

Agora mora a minha mãe, a minha irmã e eu, juntas. A questão financeira é bem difícil para nós, bem difícil (*ela sorri nesse momento*). Minha mãe estava louca da cabeça esses dias com as contas para pagar, um monte de coisas, a vida financeira é muito difícil mesmo, a gente mora de aluguel, a minha irmã é pequena e ainda toma leite. A gente sobrevive! O dinheiro é para comida e conta, comida e conta! Mas graças a Deus a gente até hoje a gente não passou fome. A nossa família mora perto e um ajuda o outro, a nossa família por parte de mãe é bem unida e sempre um ajuda o outro, não tenho tudo o que eu quero, mas não posso reclamar, pelo menos fome e muita necessidade não tenho do que reclamar.

A minha mãe separou do meu pai por causa do jeito que ele era com ela e comigo. A minha mãe sempre ajudou muito o meu pai, os dois cresceram juntos. Meu pai é muito bem financeiramente, mas os dois adquiriram bens, juntos. Meu pai tem um monte de casas, ele tinha *kitnets* que agora ele deu para minha mãe, mas como ela está em maus lençóis, ela tem que reformar tudo e agora a gente está meio apertado por causa disso.

Uma vez eu quase matei ele!

Ela largou do meu pai por causa da ignorância dele, pelas coisas que ele falava para ela e para nós, filhas. Ela viu que cresceríamos traumatizadas e eu poderia sair de casa com qualquer um, por não aguentar. Ela viu o quanto que estava me prejudicando, e a ela também, porque uma mulher não precisa ser humilhada igual ela era.

Meu pai tem um bar, então minha mãe trabalhou muito naquele bar, eu também trabalhei, um ajudava o outro, além do lava-rápido que ele tinha ao lado. Eu também cuidava da minha irmã e meu pai humilhando a gente e tentando se engrandecer.

Meu pai já agrediu a minha mãe, agressão física! Uma vez eu quase matei ele. Um dia ele foi bater na minha mãe, eu era criança, eu tinha uns 10 anos. Depois desse dia ela resolveu largar dele, depois de uns 2 a 3 meses. Eu vi a minha mãe naquela situação, meu pai arrastando ela pelos cabelos, as costas dela toda arranhada, ele batendo nela.

Então eu entrei no quarto e fui ligar para a polícia. Ele arreventou a porta para eu não ligar, a porta ficou toda destruída e eu não consegui ligar. Os vizinhos vieram, mas falaram que em briga de marido e mulher não se mete a colher. Mas isso é ridículo, porque se a mulher está apanhando tem que se meter sim.

Peguei uma faca enorme!

Aí eu estava naquela situação e falei: — Meu Deus, o que eu vou fazer agora? Eu chamo as pessoas e ninguém vem. Eu era uma criança! Então eu peguei uma faca enorme e quando eu fui enfiar nele, ele estava em cima da minha mãe, quando eu fui esfaquear ele, a vizinha entrou e segurou o meu braço. Era uma vizinha que ajudava muito a gente, até hoje a minha irmã vai na casa dela. Daí ele saiu de cima da minha mãe, foi aquele alvoroço e não lembro se no dia chamaram a polícia, mas eu acho que não. Por pouco eu não fiz m...²⁷ naquele dia, a faca ia pegar na barriga dele. Eu não lembro muito da última briga deles, essa foi a última vez, acho que teve umas três, já.

Tiro!

Teve uma vez que ela deu um tiro na direção dele, mas não acertou, eu tinha uns 2 ou 3 anos, (*ela sorri nesse momento*). Eu vivi uns 15 anos entre separação e conciliação do meu pai e da minha mãe, foi uma vida muito conturbada com ele, mas não tinha necessidade, a minha mãe poderia ter saído de casa antes. Mas acho que ela tinha medo de largar dele, eu era muito criança. Ela largou dele, ficou 1 ano separada, conheceu uma pessoa maravilhosa, mas depois voltou com o meu pai. Desta situação traz aprendizado também para ela se valorizar mais, ela precisava disso, quebrar a cara para ver que não merecia aquela situação.

²⁷ Ela não completou a palavra.

Você quer celular, vai trabalhar e comprar um.

Desde o início deste ano (2022), meu pai e eu temos uma relação boa, antigamente ele saía da casa dele para ir à minha casa só para me infernizar. Uma vez ele me deu um celular, eu estava sem celular nessa época. Ele é um homem que não fica sem mulher, cada dia tem uma mulher na casa dele. Uma mulher roubou o celular dele. Então ele saiu lá da casa dele para pegar o celular que ele me deu e falou para mim: — você quer celular, vai trabalhar e comprar um, porque das minhas custas você não vai tirar um celular. Eu devolvi.

Esse é o meu terceiro namorado.

Teve uma vez, assim, eu já tive um monte de relacionamentos, esse é o meu terceiro namorado. Meu primeiro, eu era bem novinha, eu tinha 14 anos. Meu pai veio com um Termo dizendo o porquê eu não podia namorar e mandou eu escrever e assinar. Ele guarda esse papel até hoje. E falou um monte de coisas. O Termo continha: Eu, Mônica, não posso namorar porque eu só tenho 14 anos, eu não sou dona do meu próprio nariz, eu não trabalho, e tinha várias outras coisas. Eu escrevi uma folha de papel frente e verso. Ele e eu assinamos, ele falou que era para eu lembrar.

A segunda vez eu namorei e não falei para ele. Agora é a terceira vez, meu namorado é mais velho do que eu, ele tem 25 anos, ele é bem mais velho. Meu pai conversa com ele de boa, a conversa deles flui. Esse namoro me ajudou a ficar mais próxima do meu pai. Eu não esqueço das coisas que meu pai fez, mas não me machuca mais.

*Dar o rabo por R\$ 100,00 e dar R\$ 50,00 para ele,
também me chamava de burra.*

Assim, eu já fui da igreja evangélica. Antigamente eu chorava, agora não, depois que ele me fez assinar o Termo eu parei de ser besta e comecei a falar as coisas para meu pai, e nisso ele parou de me xingar, parou de falar que eu sou biscate, para eu dar o rabo por R\$ 100,00 e dar R\$ 50,00 para ele e ficar com R\$ 50,00 para mim, para dividir. Ele me chamava de burra. Daí eu pedi desculpas para a minha mãe e falei que não ia mais aceitar essa situação e que não iria deixar ele fazer comigo o que fazia com ela. Eu vou bater de frente com ele. E fiz isso e ele foi parando. Ele viu que eu não era mais daquele jeito criancinha, inferior, então ele parou, agora está mais tranquila a nossa relação.

*Medo de ser traída, de ter um homem igual
ao que meu pai foi para a minha mãe.*

Eu conheço meu namorado há 2 anos, mas namoramos há 9 meses. Eu não queria ter esse relacionamento por ele ser mais velho do que eu. Ele já foi casado também. Quando a gente se conheceu eu conversava muito com ele, eu vi o processo de término dele, as nossas famílias gostam uma da outra. Nosso relacionamento tem muita briga, eu tenho muito ciúme. E como meu pai era muito safado e traía muito a minha mãe, eu tenho esse medo de ser traída, de ter um homem igual ao que meu pai foi para a minha mãe.

Eu vejo que meu namorado apaga algumas mensagens com mulheres do serviço dele. Nós quase terminamos por causa disso, a minha sogra soube e até me ligou chorando, ela e meu sogro gostam muito de mim porque a vida do meu namorado foi muito complicada.

Eu morro de medo dele voltar a usar...

Meu namorado é ex-usuário de drogas, foi muito complicado e eu o ajudei no processo de recuperação, eu estava ao lado dele dando forças para ele largar. Quando eu o conheci, ele ainda cheirava cocaína, a gente foi conversando e ele tinha recém terminado o casamento, ele ficou muito abalado.

Nossa história de amor é baseada em brigas. Estou brincando! Nosso relacionamento é baseado em muito companheirismo, eu sou muito ciumenta, eu brigo demais, só quem vive é que sabe. Às vezes eu converso com algumas amigas, elas falam que a gente briga demais, mas eu falo que não tem jeito porque eu gosto muito dele. Ele é a primeira pessoa que eu penso em ter um futuro juntos. Mas ontem eu pensei em largar! Ele começou a usar drogas desde os 17 anos, usou por uns 7 anos, hoje ele tem 25 anos, ele parou não tem 1 ano ainda, eu morro de medo dele voltar a usar, eu penso principalmente nos pais dele, os pais são evangélicos. Ele tomava cerveja e isso o levava para a cocaína. Ele já não bebe mais. Ele veio pedir para mim para ele voltar a beber. Eu falei que ele estava louco, que não podia. Ele já ficou em casa de recuperação e não conseguiu parar. Ele só parou depois que me conheceu. Ele dormia na rua, que eu sei ele não roubou nada, mas acho que ele ficava devendo muito as pessoas por causa das drogas, os pais ficam loucos querendo pagar logo, acho que era horrível, eu peguei uma partezinha dessa vida dele.

Hoje em dia é que a gente está um pouco afastada.

Eu sempre fui muito amiga da minha mãe, sempre falei tudo para ela, hoje em dia é que a gente está um pouco afastada, acho que é porque ela está namorando, ela fica para o canto dela e eu fico no meu. Ela conheceu uma pessoa maravilhosa, graças a Deus, mas acho que ela não gosta muito dele, acho que ela está por obrigação porque a família gosta muito dele. A relação dela com meu namorado é muito boa. Ele é muito simpático, hoje em dia as mulheres estão muito foguetas e não tem mais respeito. Ele é muito brincalhão e por isso as mulheres acham que ele está dando em cima delas. Ele dorme lá em casa, a minha mãe gosta muito dele, meu pai também.

Estudar na pandemia foi muito bom, não vou mentir!

Quando eu entrei no IFMT, logo depois de 2 meses veio a pandemia. Estudar na pandemia foi muito bom, não vou mentir! Eu colava muito, tudo era muito fácil, nem estudava direito, nem participava das aulas. Agora é complicado! Eu achei que agora que voltou o presencial seria difícil, mas para mim até agora no terceiro bimestre está tranquilo, as minhas notas estão boas, mas o medo de reprovar é grande, porque na pandemia e nem estudei direito e fui passando de ano, agora no presencial estou sentindo que estou no IFMT, agora tem prova presencial e não tem mais como colar, agora tenho que pensar. Os professores não estão dando muita prova, é mais apresentação, acho que é por isso que estou passando com nota boa, mas se fosse prova eu acho que eu não passaria.

Antigamente eu queria fazer medicina, mas agora eu quero ser esteticista, quero aplicar *Botox*. Penso em ser empresária, dona do meu próprio negócio, quero abrir franquias. Eu quero muito isso, quero fazer estética e biomedicina. Eu quero fazer vários cursos em conjunto com a faculdade para eu me sustentar porque a renda é pouca. Eu penso em crescer muito.

Passar no IFMT foi muito gratificante, eu passei na primeira chamada. A minha prima já estudou aqui, ela lutou muito para estudar aqui, a gente teve que fazer cursinho, estudou demais! Depois do sorteio no lugar do concurso dá para ver muita diferença porque muitos alunos sorteados não dão valor por estudarem aqui, eu vejo o pessoal toda hora no corredor com caixa de som e ouvindo umas músicas. A senhora não está aqui para ver, é ridículo, parece a minha escola antiga. É aluno que xinga professor, antes, nunca teve isso.

Eu fiquei de dependência de português, era para ser presencial, mas a professora fez on-line, eu vejo a diferença dessa turma do segundo ano que entrou por sorteio, para a minha turma que fez concurso, eles (do sorteio) fazem muita bagunça. Quem entrou por sorteio não respeita, ele não lutou para estar aqui. Acho muito feio para o IFMT, acho que não tinha que ter esta diferença de concurso e sorteio. Pode conversar com várias pessoas aqui, eles vão falar a mesma coisa que eu falo sobre o concurso. No técnico de secretariado entraram muitos meninos depois do sorteio. O IFMT, depois dos sorteados, não é mais o mesmo.

Eu não gostaria que meus filhos estudassem no IFMT, é muita droga. (Perguntei se ela viu/soube de drogas dentro do IFMT). Ela continua: Eu sei de drogas fora do IFMT, aqui dentro não, são estudantes que descem na praça perto do IFMT para comprar drogas. Tem gente que pensa que você só vai porque você quer, mas é muita influência negativa de amigos, às vezes é para aparecer para os amigos. Eu mesma já fui chamada várias vezes para usar drogas. (Eu perguntei se ela foi chamada para usar drogas aqui no IFMT). Ela continua: Aqui não, mas na antiga escola, sim. Eu tenho 17 anos só, mas tenho muita experiência, vivências muito fortes, mas nunca fui influenciada por amigas, mas tem gente que tem mentalidade fraca e faz coisas erradas, igual ao meu namorado, espero que ele não volte mais.

1.1.2 ALINE: a mulher sempre faz mais, a carga fica sobre a mulher

Nome: Aline (nome fictício escolhido por ela)

Idade: 19 anos

Gênero: feminino

Estado Civil: solteira

Estado de Origem: Espírito Santo

Profissão: estudante

Curso: técnico de secretariado integrado ao ensino médio

Cotista: sim

Modalidade da cota: Escola Pública e PPI (pretos, pardos ou indígenas)

Cor/raça (autodeclaração): negra

Profissão do(s) responsável(is): Pai: motorista de aplicativo; Mãe: técnica em enfermagem

Escolaridade do(s) responsável(is): Pai: 49 anos. Ensino médio incompleto. Mãe: Ensino médio completo e ensino técnico.

Quantos irmãos/irmãs: 5

Quantas pessoas e quem mora na residência: 6, sendo 2 irmãos, 1 sobrinho, minha mãe e minha filha.

Escolaridade e idade de quem mora na residência: Mãe: ensino médio e técnico completos, 55 anos. Irmão: ensino superior completo, 28 anos. Irmã: cursando ensino técnico, 22 anos. Sobrinho: cursando ensino fundamental, 7 anos.

Data da entrevista: 19.7.2022.

Tempo de duração da entrevista: 27 minutos (arredondados)

Aline, maior de idade, aceitou participar da pesquisa no primeiro dia em que falei com ela presencialmente e quis fazer a entrevista no mesmo dia, e assim foi feito na hora do intervalo do almoço. Ela perguntou se o melhor amigo poderia ficar ao lado dela durante a entrevista, eu disse que se ela fosse se sentir bem e à vontade, por mim não havia problema, então ele ficou. Em nenhum momento ele interferiu com palavras - se o tivesse feito, acredito que não teria problema, no caso específico desta amizade talvez até enriquecesse a narrativa com outras memórias, isso pode ser percebido com a leitura da história na íntegra, à frente - ele interferiu apenas com gestos amorosos e de apoio nos momentos mais intensos com sorrisos e emoções.

~ ALINE ~

Cabelo *ALTO*.

Sem brinCo, parece um meninoO.

MAgReLA.

Pai longe.

MÃE **SOZ**Inha, TRABALHANDO e
com *FILHOS E FILHAS*.

Avó não muito amigável. *Escola*. Melhor
amigo.

SEM CASA.

Quase FOME. Só o básico.
Nunca comíamos o que realmente
queríamos.

Di-VÓR-ci-o

angústia.
piores momentos...

Terreno, CASA PELA METADE.

16 anos, namorando.

GRÁ-vi-da.

Nunca tinha parado, sentado e analisado
tudo o que passei.

ChO-
Ro.

Término do namoro.

SONHO realizado: ensino médio no IFMT.
Vibre*, *alegria*, *nome na lista!

Muito esforço, foi segunda tentativa.
ALEGRIAS NÃO FORAM TANTAS
porque estávamos em casa

Perseverança! Amizade Fortalecida.

Estudo integral. Desespero.
Pensei em desistir dos estudos,
acolhimentos.

COVID-19. **MORtES...**

Ensino remoto.

Filha, estudos e estágio
Dificuldades.
Falta de tempo.

Reconciliação. ***Namoro***.

Casas separadas. *Sem dinheiro*.
Muitas **RESPONSAbilidades** sobre a
MÃE.
Sigo!

Antes de irmos para Cuiabá.

Meu nome é Aline, nasci no Espírito Santo. Minha família é composta pela minha mãe, meu pai, cinco irmãos mais velhos e eu, no total, somos oito. Em 2013, quando eu tinha 10 anos, a minha mãe, o meu pai, meus quatro irmãos e eu, viemos morar em Cuiabá, em busca de melhores condições de vida e de mais acesso. Dois irmãos ficaram no Espírito Santo porque já eram casados. Antes de mudarmos para Cuiabá, morávamos num bairro pequeno do Estado do Espírito Santo, ele era pequeno para o tanto de coisa que foi acontecendo no decorrer do tempo. Lá era muito agitado e foi piorando com o tráfico de drogas, assassinatos, bocas de fumo... Pessoas que se envolviam com coisas erradas. A minha mãe, com quatro filhos homens, se viu cercada daquilo e percebeu que não seria bom, então meus pais sempre tiveram o desejo de vir para Cuiabá, mas não tinham condições financeiras, então adiaram, não sei exatamente o tempo certo.

*Eu não consigo esquecer, está ainda bem
lúcido na minha mente.*

Um dos meus irmãos se envolveu com aquele pessoal e quase foi morto por duas vezes, acho que estavam perseguindo ele. Na segunda vez, um amigo de infância nosso, que estava com o meu irmão e outras pessoas, foi atingido por um tiro e morreu na frente de casa, ouvimos o barulho de dentro de casa. Quando saímos já tinha um monte de gente na rua e o corpo dele estava no chão (perguntei depois a cor/raça dele, ela disse que era negro); eu lembro dessa cena, eu era bem criança, eu não consigo esquecer, está ainda bem lúcida na minha mente. Isso abalou muito a minha mãe e reforçou o desejo que ela já tinha, há muito tempo, de vir para Cuiabá, não me lembro quanto tempo depois, mas viemos. No começo, ninguém queria vir, eu não me lembro de contestar porque eu era bem criança, mas eu me lembro que meus irmãos não queriam, teve um que queria ficar e morar com o pai dele, mas a minha mãe não deixou, um ficou por uns 5 meses e depois a minha mãe comprou passagem para ele vir, e assim a minha mãe tirou todos nós de lá.

Meu pai e a minha mãe se divorciaram.

Depois de um certo tempo em Cuiabá, mais ou menos uns 3 anos, meu pai e a minha mãe se divorciaram. Hoje eu vivo só com a minha mãe e dois irmãos, o outro casou aqui e não

mora mais conosco. A minha irmã faz curso técnico, meu irmão se formou em turismo no IFMT, meu outro irmão também estudou no IFMT. Meu sonho era estudar no IFMT, eu consegui por meio de muito esforço.

Morávamos na casa da minha avó.

Quando chegamos em Cuiabá morávamos na casa da minha avó, por parte de mãe, nesse tempo muitas coisas aconteceram, inclusive muitos problemas familiares porque ela não era uma avó muito amigável, havia conflitos entre os parentes que moravam no mesmo terreno. Hoje as relações estão melhores. Só a minha mãe trabalhava nesse período, meu pai voltou por uns dois anos para o estado do Espírito Santo para ganhar um dinheiro, pois o carro que ele tinha era em troca de um serviço que ele estava executando e ainda não estava pago, nesse período ele veio algumas vezes nos visitar, tipo umas férias. A minha mãe ficou sozinha aqui conosco até ele conseguir ficar definitivamente em Cuiabá. Foram dias difíceis, não passamos fome, mas só tínhamos o básico, nunca comíamos o que realmente gostávamos.

Um dos piores momentos da minha vida.

Um dos piores momentos da minha vida foi quando meu pai se divorciou da minha mãe, foi muito difícil (*neste momento ela chora*), e depois disso, nós saímos da casa da minha avó e compramos um terreno, meu pai comprou junto com a minha mãe, e hoje estamos construindo uma casa que só tem uma parte pronta, mas eles continuam separados.

Nosso sonho era estudar no IFMT.

Nesse período eu passei a estudar numa escola no Centro de Cuiabá onde eu conheci meu amigo Augusto e somos até hoje muito amigos. Nosso sonho era estudar no IFMT, no curso técnico de secretariado integrado ao ensino médio, mas não passamos na primeira tentativa, ficamos bem tristes e abalados, foi muito difícil. Então entramos numa escola bem-conceituada do Estado.

Nunca parei assim para sentar e analisar tudo o que passei.

Em 2019, eu comecei a namorar um rapaz que conheci no ensino fundamental, e nós dois, depois, com 16 anos, descobrimos que eu estava grávida. Foi muito difícil, eu nunca parei assim para sentar e analisar tudo o que passei (*ela chora muito nesse momento, fizemos uma pausa*). Como não planejamos a gravidez, no mês em que a nossa filha nasceu nós terminamos o namoro, mas foi até melhor, pois amadurecemos, foi uma decisão conjunta, mas um período ruim porque eu sentia que ia acabar, foi em setembro de 2019. Depois que tive a minha filha ele sempre esteve por perto, nunca me deixou, sempre ajudou.

Felicidade!

Depois que tive a minha filha, o meu amigo Augusto sempre me incentivou a tentar de novo o concurso do IFMT, no concurso de 2019 para iniciar em 2020, pois era o nosso sonho. Eu falava para ele que seria muito difícil porque a minha filha estava com apenas 5 meses e que se eu não passasse desta vez, iria me conformar e saber que não daria mais. Mas foi uma felicidade enorme porque passamos e vimos na lista os nossos nomes na mesma sala.

Outro sofrimento.

Logo depois, veio um outro sofrimento porque a minha filha estava com 6 meses e eu estudava em período integral alguns dias na semana e ela não se adaptou longe de mim. Foi aí que meu amigo disse que iria me apoiar. Nesse período, o pai da minha filha também estudava no IFMT, mas em outro curso. Meu amigo e eu falamos com a coordenadora do nosso curso e ela apoiou que eu trouxesse a minha filha para as aulas. Meu amigo foi até a minha casa para irmos juntos ao IFMT, no primeiro dia em que a minha filha estaria presente na sala de aula. Eu me senti muito acolhida por todos, claro que as pessoas olhavam com um certo estranhamento, mas todos queriam ajudar, abraçar e apadrinhar a minha filha, eu me senti muito bem. Mas foi ficando difícil porque a minha filha chorava e eu tinha que sair da sala de aula com ela, eu vinha de ônibus com ela e isso tudo me desgastou muito, foram duas semanas muito cansativas. Eu falei para meu amigo que iria trancar o curso, não dava mais! Ele disse que se eu trancasse ele trancaria também e voltaria só quando eu voltasse.

Pandemia da COVID-19, ensino remoto.

Logo em seguida, em março de 2020, veio a pandemia da COVID-19, o IFMT entrou em quarentena e com o ensino remoto. Eu tive a oportunidade de continuar os estudos em casa, cuidar da minha filha e fazer o meu estágio do curso, para mim foi muito bom.

Voltamos a namorar!

Nesse período, meu ex-namorado amadureceu bastante e voltamos a namorar em novembro de 2020. Ele vai umas três vezes por semana na minha casa me ver e ver a nossa filha, ainda não moramos juntos por questões financeiras, mas temos planos para isso. Ele me contou que em uma dessas viagens para a minha casa, o pai dele sempre o levava, mas neste dia ele foi de *Uber* e o motorista começou a contar que teve filho muito cedo, meu namorado surpreso, disse que também, e inclusive estava indo visitá-la (a filha). Então o motorista continuou e falou que se um dia ele (o namorado) tivesse que escolher entre ficar de onda com os amigos ou ficar junto da família, ele deveria escolher a família porque só a família é para sempre. Então, nesse dia, ele me disse que se eu estivesse disposta, ele queria voltar comigo. E voltamos a namorar! A gente tem bastante planos, ele começou a estudar na UFMT.

*A mulher fica com todas as responsabilidades,
a mulher sempre faz mais, a carga fica sobre a mulher.*

A nossa relação é complicada porque a mulher fica com todas as responsabilidades, a mulher sempre faz mais, a carga fica sobre a mulher. Ele está lá na casa dele e eu fico com a minha filha na maior parte do tempo com todas as preocupações, eu estou aqui no integral hoje, no IFMT, e fico pensando que poderia estar com ela, tenho sempre esta preocupação pensando em como ela está. Hoje é um dia que ele está com ela. A minha responsabilidade parece ser três vezes maior do que a dele, isso eu acho uma injustiça porque quando a gente não vive no mesmo ambiente acaba tendo esse desfalque.

*O moço falou que eu pareço um menino
porque eu uso o meu cabelo todo para cima.*

Quando eu era criança, eu lembro que eu não usava brinco, ainda não uso. Eu fui em uma vendinha e o moço falou que eu pareço um menino porque eu não uso brinco e uso meu

cabelo todo para cima. Eu fiquei bem quietinha, não respondi nada a ele. Quando eu cheguei em casa, contei para a minha mãe, ela sempre me apoiou. Falei para ela que eu queria alisar o cabelo, que cansei! Daí ela falou que eu não ia alisar até eu ter 18 anos, depois disso eu poderia fazer o que eu quisesse com o meu cabelo. Eu amo meu cabelo, não quero mais alisar, eu o aceitei desde nova. Ela sempre falava para eu passar creme, fazer cachinhos e elogiava meu cabelo, ela me ajudou a me identificar do jeito que eu sou.

As pessoas são diferentes mesmo.

As pessoas sempre falavam também da minha magreza, mas eu nunca liguei porque eu gosto de mim do jeito que eu sou. Eu não demorei muito para me aceitar porque a minha mãe e o meu pai, na época em que estavam juntos, eram bem firmes comigo nesse sentido. Eles falavam que eu era linda do meu jeito, sem precisar mudar nada. Eu fui aprendendo a não ligar para o que as pessoas falam e a entender as pessoas da forma que elas são, as pessoas são diferentes mesmo.

*Aqui no IFMT alegrias não foram tantas,
acho, porque estávamos em casa.*

Aqui no IFMT as alegrias não foram tantas, acho, porque estávamos em casa. Eu amo esporte, mas eu não consegui fazer nada no campus por causa da quarentena, mesmo agora, na volta do ensino presencial, eu ainda não consigo fazer esporte porque sobra pouco tempo e prefiro ficar com a minha filha. Todos os professores são excelentes, exceto alguns, sempre tem! Eu sempre indico o IFMT para as pessoas, essa escola é diferente, eu passei por outras escolas e afirmo que aqui é diferente, as pessoas têm amor pelos alunos, desde o começo eu sempre senti isso, desde que eu trouxe a minha filha, eu me senti acolhida, as pessoas não ficavam me julgando, as pessoas daqui têm esta percepção maior do que algumas lá de fora que só julgam. Aqui as pessoas te entendem, perguntam o que está acontecendo, ajudam. Eu senti isso desde o começo, os professores muito presentes comigo. Se alguma vez eu falhei, a culpa foi minha, às vezes deixei de fazer a prova ou a atividade, mas os professores estão sempre dispostos a ajudar.

Alguns professores não inovam, ficam no método de falar muito e os alunos só ouvirem.

Alguns professores não inovam em sala de aula, ficam só com o método de falar muito e os alunos só ouvirem. Mas acho que isso tem mudado bastante, temos um professor que ensina a matéria, na prática, e deixa a gente usar a criatividade para desenvolver as atividades e tem dado muito certo. É bem melhor do que ter só o professor falando, fora as aulas de campo que a gente queria mais! Eu gosto muito de esporte, depois que eu me formar no IFMT, como eu gosto muito de estar junto com as pessoas, eu quero fazer Educação Física. Quando entrei aqui já me imaginei dando aula aqui. Em segundo plano penso em fazer administração porque quando eu fiz estágio gostei muito dessa área que envolve o secretariado, eu gostei muito do curso técnico de secretariado, eu amo este curso, desde o começo eu e meu amigo queríamos fazer ele. Aqui no IFMT, diferente da escola que estudei, os alunos têm liberdade de falar, os próprios professores propõem que os alunos falem e deem opinião e sugestão, eles perguntam se o método está bom ou se querem que mude, a gente pode opinar.

— Mãe, fala para a tia colocar a prima lá! (no IFMT)

Eu falo: — Mãe, fala para a tia colocar a prima lá (no IFMT)! Algumas pessoas falam que é só o IFMT, mas não sabem! Se tivessem entrado teriam uma experiência muito boa! Mesmo com o ensino remoto por causa da COVID-19, valeu a pena! E também esse nome do meu currículo será muito bom! Não tenho do que reclamar, acho que foi perfeito!

1.1.3 SUELLEN: comendo carcaça de peixe comprada no mercado

Nome: Suellen (nome fictício escolhido por ela)

Idade: 17 anos

Gênero: feminino

Estado Civil: solteira

Estado de Origem: Mato Grosso

Profissão: estudante

Curso: técnico de secretariado integrado ao ensino médio

Cotista: sim

Modalidade da cota: EP+PPI+RENDA (escola pública, pretos, pardos ou indígenas e renda)

Cor/raça (autodeclaração): parda

Profissão do(s) responsável(is): Pai: vigilante; Mãe: autônoma

Escolaridade do(s) responsável(is): Pai: Ensino médio completo. Mãe: Ensino médio completo.

Quantos irmãos/irmãs: 5

Quantas pessoas e quem mora na residência: 4, sendo pai, mãe, irmã e eu.

Escolaridade e idade de quem mora na residência: Pai: 56 anos, ensino médio completo. Mãe: 45 anos, ensino médio completo, 45 anos. Irmã: 14 anos, concluindo o ensino fundamental.

Data da entrevista: 29.7.2022.

Tempo de duração da entrevista: 57 minutos (arredondados)

Suellen se mostrou bastante interessada em participar da pesquisa, agendamos para o período vespertino em um dia que ela não tinha aula no contraturno, depois do almoço, durante o estágio dela no IFMT, autorizado pela chefia do departamento. Como a sala da biblioteca estava ocupada, fizemos em uma sala de aula que estava livre.

~ SUELLEN ~

MÃE, estou com **FOME!**

Comendo *CArCAÇA de Peixe*,
“COMPRADA” no mercado.

NOJo

Sem bolacha, sem leite, sem nada.

iN - dE - ci - sA.

Coração bom, besta e estressada.

BaiXa, PeLUda, crente e **SEM TETO**.

Lobisomen.

INÚTIL, nas palavras do meu pai.

Agressões verbais. Reprimida.

Não sei lidar com as *EmoÇõeS*.

Na PANDEMIA..., por pouco eu não **DESISTI DE MIM**.

SUICÍDIO é Pecado!

Não conseguia estudar,
 me sentia **BuRRA**.

Decepção *Amorosa. Tem Outra.*

Não quero mais AMOR!

Estupro culposo?!

Meu *SONHO* é ter a minha casa com móveis planejados.

Indecisa.

É difícil falar sobre mim. Eu sou uma garota de 17 anos, completamente indecisa. Não decidi a minha profissão. No mercado para comprar alguma coisa eu sou indecisa, fico lendo os rótulos e demoro para comprar, tem um aqui perto do IFMT que nem vou mais lá porque o segurança fica me olhando achando que eu ia roubar. É a segunda vez que eu vou lá e isso acontece!

Quase dei um soco!

Tenho um coração muito bom, chego até ser besta. Sou estressada, às vezes por uma coisa de nada eu tenho um surto, explodo fácil, eu guardo muita coisa e depois explodo. Ontem mesmo eu briguei com a minha irmã por causa de um fone de ouvido, quase dei um soco nela, na verdade, foi um puxão de cabelo! Ela tem 14 anos e é mais alta do que eu. Todo mundo lá em casa é estressado, grosso e arrogante! Mas às vezes eu falo as coisas sem pensar e sou ignorante sem querer!

Brigas e agressões verbais.

Eu moro com a minha mãe, meu pai e a minha irmã. Minha irmã está errada e consegue fazer a cabeça do outro convencendo que o outro está errado. Minha mãe é um pouco tapada, ela não enxerga determinadas situações do jeito que realmente são, eu tento mostrar o outro lado e ela não aceita, e para ela eu sou ignorante e para mim ela que é. Meu pai hoje em dia não, mas antigamente ele ofendia a gente com palavras. Por exemplo, a minha mãe trabalhava fora e ele estava desempregado, então quando a gente fazia alguma coisa que ele não gostava, ele nos ofendia com palavras, também chamava a gente de inútil. Eu cresci num ambiente com brigas. Eram agressões verbais. Eu cresci reprimida, até hoje eu não sei lidar com as minhas emoções.

Ela já foi abusada quando era pequena.

Hoje em dia que meu pai começou a trabalhar ele ficou mais carinhoso. A minha mãe não sabe muito demonstrar sentimentos, ela não é muito de abraçar e beijar, a mãe dela morreu quando ela tinha 3 anos, então ela não teve carinho de mãe, ela morou com outras pessoas, sofreu agressão física e psicológica, ela é traumatizada até hoje, ela já foi abusada quando era pequena, mas ela acha que tudo isso não influencia nela hoje.

... Ela apanhava da patroa e nunca recebeu um centavo.

A minha mãe, com 12 anos, era babá de três crianças, ela não podia estudar em casa. Era a patroa dela quem fazia as tarefas escolares para ela não parar de cuidar das crianças (as filhas da patroa), se as crianças se machucassem ela apanhava da patroa. Ela nunca recebeu um centavo. Minha avó morreu, meu avô ficou com ela, mas ela ficava na casa de um e na casa de outro. Uma época meu avô se acidentou e não tinha mais ninguém para ficar com ela e com os irmãos dela, então eles foram para o Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes, aqui em Cuiabá.

Morte.

Tem uma coisa que eu não superei que foi a morte do meu primo, de 25 anos, ele morreu de câncer um dia antes das aulas começarem, no início de 2020. Ele foi enterrado no domingo e segunda-feira começaram as aulas no IFMT. Era o primo que eu mais gostava (*ela chora neste momento*). Eu não tinha rede social porque a minha mãe não deixava, ela falava que eu era muito nova, mas eu conversava com ele por horas pela rede social dela. Quando era eu, ele respondia, quando era ela, ele não respondia (*ela sorri*). Ele era um homem e eu tinha 14 anos, a gente conversa assuntos nada a ver!

A minha mãe quer fazer um curso de empreendedorismo, aqui no IFMT.

Agora meu pai trabalha de guarda (segurança) e a minha mãe está desempregada, mas ela vende produtos de revistas. Meu pai trabalha de noite, esse mês de junho que passou ele trabalhou todos os dias à noite para cobrir um colega que a esposa morreu, meu pai substituiu

ele, mas foi ficando fraco, gripado e por isso voltou a trabalhar só nos dias dele. Minha mãe cuida do meu priminho para a minha tia trabalhar, porque quando meu primo nasceu a minha tia não podia trabalhar e acumulou um monte de dívida, a minha mãe cuida dele e da irmã dele. A minha mãe quer fazer um curso de empreendedorismo aqui no IFMT.

Na pandemia, por pouco eu não desisti de mim.

Eu fico o dia todo no IFMT, saio cedo de casa e fico até quase às 18h, todos os dias. Na pandemia teve uma época que eu me perdi de mim, eu não sabia de mais nada, eu não queria mais nada, eu tinha desistido de tudo, por pouco eu não desisti de mim, realmente! Foi bem difícil! (ela se emociona neste momento). Era muito desânimo! Na pandemia eu não saía para lugar nenhum, só ficava dentro de casa, mesmas pessoas, mesmas coisas, eu não conseguia estudar porque eu ia estudar e me dava crise, eu passei a me sentir burra, a me sentir insuficiente. Eu pensei em desistir de mim, mas como eu cresci numa família religiosa, eu aprendi que suicídio é pecado, então quando eu pensava, eu chorava, enfim... Mas eu realmente perdi todas as minhas amizades, eu me afastei de todo mundo.

Decepção amorosa.

Eu tive uma decepção amorosa (*ela sorri*), foi quase no fim de 2021, mas eu não quero muito falar sobre isso. (*Mesmo assim ela prossegue*). Mas a pessoa foi na minha casa, conheceu meu pai, a minha mãe e agora está namorando outra pessoa! Eu nem quero mais amor e encontrar ninguém! Eu ainda tenho muito carinho por ele, tenho falta da amizade que a gente tinha, mas isso abalou a nossa amizade. Ele é da minha igreja, quero evitar!

*Nós morávamos no terreno da igreja
porque meus pais não tinham casa.*

Antigamente nós morávamos no terreno da igreja, eu já sofri *bullying* por isso! Eu já sofri *bullying* por ser baixa, por ser peluda, me chamavam de lobisomem por causa dos pelos, por ser crente e por morar na igreja. Acho que por conta disso eu fico no meu mundinho e não interajo muito com as pessoas. Como nós éramos da igreja, a minha mãe falava que eu tinha que dar exemplo, porque querendo ou não, um monte de gente se espelhava em mim, então eu tinha que ser exemplo! Então a minha mãe sempre me obrigava a ir à igreja! Mas agora eu

vou porque eu quero, eu me afastei e agora voltei. A minha irmã parou de vez de ir e a minha mãe não força mais. Nós morávamos no terreno da igreja porque meus pais não tinham casa.

Atividades sem pé nem cabeça.

No primeiro ano da pandemia em 2020, que foi quando eu entrei no IFMT, eu passei de ano, mas no segundo eu fiquei de dependência de quatro matérias. Em algumas eu acho que foi por falha minha e em outras é porque eu não gosto dos professores. Alguns davam umas atividades sem pé nem cabeça. Daí eu olhava assim e falava: - ah, eu não vou fazer isso! E fiquei de dependência! Teve uma que fiquei por meio ponto e a outra por zero vírgula quatro pontos. Dá uma raiva do porquê o professor não deu. Mas eu também não fui atrás dos professores. Agora na volta do presencial, em 2022, eu estou com muita dificuldade, mas eu tenho vergonha de pedir ajuda aos professores.

Um mês comendo carcaça de peixe comprada no mercado.

Teve uma época da pandemia, eu não sei o que aconteceu, que meu pai não estava recebendo e a minha mãe desempregada, o que ajudou a gente foi a cesta básica que o IFMT estava dando aos estudantes. Teve uma coisa que me marcou muito de forma negativa, meu pai e a minha mãe estavam desempregados, na pandemia, em 2020, nós passamos um mês comprando carcaça de peixe no mercado, agora eu não posso nem ver peixe, eu peguei nojo (*neste momento, nós duas choramos, foi impossível conter as minhas lágrimas*).

A família do meu pai nunca aceitou a minha mãe.

Meu pai tem mais quatro filhos com a mulher anterior dele, então quando a minha mãe casou com ele (*neste momento ela chora*). A família do meu pai nunca aceitou a minha mãe, então até hoje eu não tenho contato com esses meus irmãos, só uma vez por ano (*ela chora novamente*). Minha tia só procura a minha mãe quando ela precisa, com os meus primos tenho pouco contato, eu só via eles quando tinha alguma festa e eles chamavam só o meu pai, mas eu ia junto.

Na vida torta ele ganhava mais do que na vida certa.

Dos meus irmãos por parte do meu pai, uma mora em Portugal, ela tem dois filhos, dois moram em Várzea Grande–MT e o outro está no presídio Pascoal Ramos, em Cuiabá, ele cometeu um crime, ficou preso, parece que pagou fiança e saiu depois de um tempo, mas agora ele voltou a ser preso, não sei o motivo. Ele tem 27 anos. Meu irmão mais velho tem uma filha e o outro tem quatro filhos, ele também era criminoso, mas depois que ele teve a primeira filha, ele mudou de vida. Mas uma coisa que eu estava reparando é que quando ele estava na vida torta ele tinha mais condições de sustentar as filhas, mas agora não. O criminoso tem mais condições do que o trabalhador, então eu fico pensando o quão frustrante para ele deve ser, saber que na vida torta ele ganhava mais do que na vida certa. Meus primos sempre estão doentes, não sei o que acontece, toda semana estão doentes. Esses dias o mais novo estava internado com uma infecção.

Não sou muito fã da minha avó, ela nunca fez questão da gente.

Eu não sou muito fã da minha avó, a mãe do meu pai, porque ela não gosta da minha mãe e isso afetou a gente também. Ela nunca fez questão da gente, só dos meus irmãos mais velhos, filhos do antigo casamento do meu pai. Quando a minha mãe teve a minha irmã, que é mais nova do que eu, ela foi para a casa da minha tia, no período do resguardo. E a minha avó foi para a casa onde a gente morava, na igreja, cuidar do meu pai. Mas quem ganhou neném e precisava de cuidado era a minha mãe, não meu pai! E um dia antes da minha mãe voltar ela arrumou as coisas dela e foi embora. Ela nunca fez questão da gente, sinceramente eu não lembro da minha avó muito bem. Eu me lembro de ir para a casa dela, quando eu já tinha uns 9 anos, é a primeira lembrança dela. Agora ela está bem velha fazendo xixi no chão e eu não consigo ter carinho por ela. Às vezes eu me sinto mal por isso, mas eu não consigo, eu não cresci com ela presente. Eu nunca ganhei nada dela. Para falar que eu nunca ganhei nada, uma vez eu ganhei R\$ 44,00 (quarenta e quatro reais), há 3 anos. Foi a única coisa que ela me deu na vida toda, às vezes eu me sinto mal por isso, eu me sinto ruim, mas não sei! Essa é a única mágoa que eu realmente guardo.

A gente briga, a gente se mata, mas está sempre unida.

A minha família por parte de mãe já é mais tranquila, a gente briga, a gente se mata, mas está sempre unida. Teve uma vez que briguei com meu primo, a gente ficou um tempão sem se falar, voltamos e agora brigamos de novo. Tenho uma tia que cuidou muito dos filhos dos outros e esqueceu de cuidar do filho dela, ele tem 14 anos e os pais já liberam carro para ele sair com os amigos, ele faz coisas erradas. Eu tolero muitas coisas do meu primo, fico quieta geralmente, mas dessa última vez, faz pouco tempo, eu explodi com ele e não estamos conversando. Tenho outro primo que tem 12 anos que já tem passagem pela polícia, parece que teve uma briga que teve até canivete, mas a mãe dele não enxerga isso. Eles estão indo para o mal caminho, estão bebendo. Tem um que dá golpe na X²⁸, mas a minha tia não vê.

Eu tenho dois sonhos em "off".

Eu pensava em fazer o ESA (Escola para Sargentos), mas meu pai não deixou porque a inscrição era em outra cidade, mas depois explicaram para ele que se eu passasse não seria bagunçado, que eu não poderia sair da escola sem autorização etc., mas aí já passou, ele se arrependeu. Eu tenho dois sonhos em *off*, tenho vontade de ser confeitadeira e de ser barbeira, ter meu próprio negócio. E sobre faculdade eu tenho vontade de fazer Psicologia e me especializar na área jurídica. Já pensei em fazer Direito, Economia, Gestão Contábil... Mas algumas pessoas falam que não são carreiras boas e eu fico na dúvida... pensei em Psiquiatria, mas fazer Medicina é muito concorrido e eu não gosto de sangue. Mas realmente eu sou apaixonada pela carreira militar.

Que quero um homem, nada!

Eu não me vejo casada, nem ter namorado, nem nada. Às vezes eu penso que eu quero um homem, mas daí repenso: - ah, que quero um homem nada, sai pra lá, não quero sofrer mais não! Eu tenho muita carência de irmãos, e quando eu tenho algum amigo, ele acaba criando algum interesse por mim, mas eu gosto como se fosse um irmão, mas eu quero depositar no meu amigo essa carência.

²⁸ Ela falou o nome, mas achei prudente deixar em sigilo o nome da empresa.

Meu sonho é ter a minha casa com móveis planejados.

Eu me vejo passando no ENEM esse ano, se Deus quiser, fazendo a minha faculdade. Mas daí eu já penso em conciliar a faculdade e o trabalho, porque não dá, vai pesar. Estudando, trabalhando, adquirindo a minha casa, as minhas coisinhas. Meu sonho é ter a minha casa com móveis planejados. E o maior deles é morar em um condomínio fechado. Eu acho muito chique!

Estupro culposo! ...Se fosse uma pessoa pobre...

Quero registrar aqui a minha revolta: — Estupro culposo! Eu passei uma semana extremamente revoltada, é porque quem tem dinheiro seu crime é invalidado, se fosse uma pessoa pobre..., não justifica, mas não seria! Meu maior repúdio também é contra os assediadores, que ódio! Sempre quando eu andava na rua os homens assobiavam e falavam: — Ôh lá em casa, isso e aquilo! Daí uma época eu comecei a estranhar e a me questionar: — Será que eu estou feia?! Eu comecei a ficar frustrada, porque eu normalizei isso na minha cabeça. Depois eu parei para pensar e falei: — Meu Deus, não faz sentido! Era tão normal, acontecia com tanta frequência. Eu abaixava a cabeça e seguia, vou fazer o quê? A minha irmã xingava, mostrava o dedo. Teve uma vez à noite, umas 18h, eu estava voltando da casa da minha tia ou dos correios, algo assim, e tinha um homem deitado numa rede amarrada nas árvores de uma praça, daí ele mexeu comigo, eu xinguei ele. Daí ele falou: — É isso que ensinam na sua igreja? Eu respondi: — É isso que ensinam mesmo! Por eu ser crente sempre achavam que eu tinha que tolerar um monte de coisas, isso me revolta!

Não tinha água.

Eu morei em duas igrejas em bairros diferentes, em uma delas não tinha água, eu era bebê. Em uma delas não tinha água e minha mãe tinha que ir para a casa dos outros, pegar água para lavar roupa, até para tomar banho. Um rapaz foi cavar um poço para tentar conseguir água para nós e não conseguia, já tinha tentado nas profundidades adequadas e até mais um pouco e disse para a minha mãe que não dava mais. Nesse momento a minha mãe foi orar com a gente (as filhas), e na hora que ela voltou, ele achou água! Ele falou: - moça, a sua oração é forte, porque eu já ia desistir! A minha mãe falou: — Não é a minha oração, não, é Deus!

*Nossa casa já estava sem nada,
não tinha bolacha, leite, não tinha nada.*

Minha família nunca foi muito bem material, mas teve uma época que meu pai estava trabalhando num supermercado e até estava bom, mas meu pai foi demitido por justa causa. O companheiro de trabalho dele estava roubando e disseram que ele provavelmente também estava e demitiram ele, mas a empresa nem conferiu nada, só mandou embora. E nossa casa já estava sem nada, não tinha bolacha, leite, não tinha nada. Eu falei para a minha mãe que eu estava com fome. Aí minha mãe falou: - vamos orar, filha. E logo depois meu pai chegou com as compras!

...se não sarasse até os 7 anos, eu morreria.

Quando eu era pequena eu tinha um tipo de verme, eu não sei o nome, eu sei que mata! Indicaram uma mulher para a minha mãe ir, e essa mulher disse para a minha mãe levar umas sete ou nove plantas de cheiro, daí a minha mãe foi atrás dessas plantas e a moça deu banho em mim e eu sarei. A mulher disse que se eu não sarasse até os 7 anos, eu morreria. Eu estava bem feia, barrigudinha. Os vermes saíram todos pelo meu corpo. Meu pai ficou um bom tempo com os vermes guardados num pote, depois ele jogou fora quando mudamos de casa. Eu já entrei na frente do ônibus, sem paciência para esperar! Quando eu era pequena eu já virei dentro da banheira, a minha avó que me salvou.

Só de eu ter no currículo, o IFMT, vai ser muito bom para mim!

Quando eu entrei no IFMT foi um baque para mim, na minha antiga escola eu era uma das melhores alunas, mas o nível da minha antiga escola é muito baixo, quando eu cheguei aqui foi um baque, eu quase chorava, meu olho enchia de lágrimas, com um mês de IFMT eu falava para a minha mãe que eu queria sair. Minha mãe falava que se eu entrei, eu vou até acabar. Eu falava que eu era burra, ela me retrucava falando que eu era inteligente. Eu confio em você! Mas eu não confio em mim. Eu me questionava: - Será que aqui é o meu lugar? Mas é muito cansativo. Mas só de eu ter no currículo, o IFMT, vai ser muito bom para mim!

*Os professores poderiam ser mais compreensíveis,
dialogar mais, descobrir mais sobre os alunos.*

Os professores poderiam excluir as provas, poderiam adotar mais trabalhos, seminários, individuais, em grupo, rodas de conversa... Na prova você pode saber, mas na hora é difícil. Os professores fazem isso, mas acho que poderiam fazer mais. Eu não tenho laudo, mas eu desconfio que eu tenho TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), eu tenho muita dificuldade de concentração e várias coisas que eu leio do transtorno que eu tenho. Então seria interessante os professores acharem uma maneira de incluir a todos, quem tem, quem não tem, de uma forma mais dinâmica! Os professores poderiam ser mais compreensíveis, dialogar mais, descobrir mais sobre os alunos, porque às vezes eles cobram demais, acham que a gente não tem problemas e cobram demais. Eu pego três ônibus para ir para o IFMT e três para voltar para casa, gasto cerca de 4 a 5 horas do meu dia nos ônibus.

Machista.

Meu tio por parte da minha mãe é bem machista. Ele mandou a minha mãe calar a boca, eu fiquei brava com ele, mas ela não falou nada. Quando a minha mãe trabalhava fora, meu pai fazia a comida e a minha irmã e eu limpávamos a casa. Uma época meu pai teve úlcera e a úlcera dele explodiu, a sorte é que era um dia que tinha culto e uma pessoa levou ele de carro. Tem um priminho meu que nasceu o ano passado, mas ele não anda, não consegue ficar sentado.

1.2 ESCUTAR MULHERES

A transcrição das histórias orais das colaboradoras da pesquisa, Mônica, Aline e Suellen, pode ser considerada igual ao processo de germinação e colheita das plantas, flores, árvores e frutos, conforme a passagem de Eugene Vale, citada por José Carlos Sebe Bom e Fabíola Holanda Bom Meihy (2011, p. 133): “Se alguém quer gerar uma rosa, não pode pegar a flor e simplesmente colocá-la na terra... tem que semeá-la no solo, pois só assim nascerá uma outra rosa”. Transcriar é “o senso estético [que] encontra aí colo que abriga aproximações sempre evocadas entre literatura e história oral” (p. 133). Para Marcela Boni Evangelista (2013, p. 3), a transcrição “se apropria de recursos literários para compor um

texto de natureza diferente de seu referente, que é a entrevista pautada no discurso oral”, facilita a leitura e contribui para que o texto chegue a públicos diversificados.

Assim, foi possível perceber, por meio das narrativas transcritas, que as histórias orais são tristes em muitos momentos, mas também revelam mulheres jovens estudantes que reagem diante das “ondas” da vida, que têm a coragem de narrar e compartilhar a própria história. Sobre escutar mulheres atrevidas, não ligadas apenas às situações negativas ou frágeis delas, e no combate à pesquisa “coxa, manca, pela metade [...]” que centralizada os homens e despreza “preciosas” narrativas femininas²⁹, Saffioti afirma:

A maioria esmagadora das pesquisas lida com dados coletados junto a homens. **Procuram-se homens** para informar sobre aquilo que cientista deseja saber sobre a realidade social. **Raramente, os cientistas procuram ouvir mulheres.** Este fato tem, no mínimo, duas consequências negativas. Uma delas é negativa para a própria ciência que, trabalhando apenas com informantes masculinos, deixa de lado informações **preciosas** passíveis de serem fornecidas por mulheres a partir de **suas vivências**. Assim, a ciência centrada no homem é, no mínimo, uma ciência **coxa, manca, pela metade** [...]. Geralmente, a mulher é associada a valores considerados negativos, tais como, emoção, **fragilidade**, resignação. Tais valores contêm ideias como: a mulher é incapaz de usar a razão; **não** é capaz de **lutar contra ocorrências adversas**, já que **se conforma com tudo**; e é **insegura**. Estes característicos são apresentados como inerentes à mulher, isto é, como algo que a mulher traz desde o nascimento (Saffioti, 1987, p. 33;34, grifos meus).

Esta pesquisa é realizada por uma mulher que escuta outras mulheres, é preciso que elas sejam escutadas e respeitadas não apenas quando adultas ou mais velhas, mas também na juventude e no período escolar, fase de descobertas, transformações e muitas histórias. Na contramão do que historicamente é esperado das mulheres na maioria das vezes, as colaboradoras da pesquisa não se mostram frágeis, mas sim potentes, atrevidas, corajosas, estudiosas, ousadas e sonhadoras, mesmo diante do sofrimento, dos choros, da vontade de desistir e do desânimo, haja vista que as mulheres não têm que ser fortes o tempo todo. Quanto ao desistir, acredito que, a depender das circunstâncias, pode ser sim um ato de coragem, por exemplo: desistir de um relacionamento abusivo, desistir de um curso para fazer outro, desistir de um projeto para outro... É possível seguir outros sonhos, planos, desejos, necessidades etc.

Se você leu até aqui, sugiro que continue a “nadar” ou se preferir outra analogia em diálogo com o primeiro parágrafo desta seção, que continue a “regar a rosa” junto comigo por meio da sua leitura e reflexão, pois na próxima seção discorro sobre a escritora Carolina

²⁹ Apenas para reforçar, não significa que todas as pesquisas que abordam/ouvem apenas os homens sejam negativas e/ou incompletas, aqui é uma crítica geral quando há o desprezo, de forma explícita ou não, das mulheres, diminuindo o seu valor e a sua importância.

Maria de Jesus - atrevida e ousada tanto quanto as colaboradoras desta pesquisa - e a obra *Quarto de Despejo*.

2. CAROLINA MARIA DE JESUS E O *QUARTO DE DESPEJO*

2.1 VIDA E OBRA DA CAROLINA MARIA DE JESUS

Imagem 1: Carolina Maria de Jesus



Fonte: SME-SP (2021, on-line)³⁰

Carolina Maria de Jesus, autora da obra *Quarto de Despejo*³¹, nasceu em Sacramento, no estado de Minas Gerais, por volta de 1914, esta data não é precisa, viveu por 63 anos e faleceu em 1977. No período do seu nascimento, de acordo com Tom Farias, a situação da população pobre era:

O nível de empobrecimento das famílias negras era deprimente, social e culturalmente, e gritante, do ponto de vista político e econômico. Sem estudos ou qualquer profissão certa, largados a própria sorte, totalmente desamparados por governos, negros e negras se tornaram alvo exploratório da mão de obra barata, da violência do sistema, e do genocídio incondicional da polícia. Se a polícia não matava, no entanto, matava a penúria, a fome e as doenças. Os homens tinham uma baixíssima expectativa de vida, pelo estilo de vida que levavam: bebida, excesso de

³⁰ Imagem disponível em: [Carolina Maria de Jesus e a Rede Municipal de Ensino | Secretaria Municipal de Educação - Secretaria Municipal de Educação \(prefeitura.sp.gov.br\)](https://carolina.maria.de.jesus.e.a.rede.municipal.de.ensino.secretaria.municipal.de.educacao.prefeitura.sp.gov.br). Acesso em: 7 mar. 2024.

³¹ Algumas outras obras da autora são: Obra individual: *Casa de alvenaria*: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1961. (Memórias). *Pedaços da fome*. Prefácio de Eduardo de Oliveira. São Paulo: Águila, 1963. (Memórias). *Provérbios*. São Paulo: [s. n.], 1963. Publicações Póstumas: *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. (Memórias). *Meu estranho diário*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine. São Paulo: Xamã, 1996. (Memórias). *Antologia pessoal*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. (Poesia). *Onde estaes felicidade?* Organização de Dinha e Raffaella Fernandez. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. (Conto, memória e estudos críticos). *Meu sonho é escrever...* contos inéditos e outros escritos. Organização de Rafaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018. *Casa de Alvenaria. Volume 1: Osasco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. *Casa de Alvenaria. Volume 2: Santana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. *O escravo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. (romance). Fonte: [Carolina Maria de Jesus - Literatura Afro-Brasileira \(ufmg.br\)](https://carolina.maria.de.jesus-literatura.afro-brasileira.ufmg.br). Acesso em: 28 fev. 2024.

cigarro que fumavam e, sobretudo, o pesado trabalho insalubre. Imaginem-se as crianças. Era alto o nível de óbito entre elas. Estas nasciam, em geral, em casa, sob os cuidados das parteiras. As mães dessas crianças recém-nascidas muitas vezes tinham apenas o leite do peito para oferecer as crias. Carolina, como toda criança negra daquela fase da vida, nasceu de parteira e a história da mãe não é muito diferente das demais histórias de outras mães sacramentanas (Farias, 2017, p. 33).

De acordo com Penteado (2018), Carolina nasceu de um relacionamento extraconjugal por parte da mãe. Quando seu padrasto, mulato, viu que a filha nasceu preta retinta, foi embora, largou até o filho biológico. Ela não conheceu o pai, a informação que teve é que ele era boêmio, analfabeto, não adepto ao trabalho, gostava de tocar violão e de declamar versos; acredita que o gosto pela arte foi herdado do pai.

Carolina trabalhou muito tempo como empregada doméstica em Minas Gerais e em São Paulo, aos 16 anos ela e a sua mãe foram morar em Franca, interior de São Paulo, em 1937, em busca de melhores condições de vida. Sua mãe faleceu em 1947, ano em que Carolina migra sozinha para a capital paulista, aos 33 anos. Na capital paulista trabalhou como “faxineira em hotéis, auxiliar de enfermagem em um hospital, vendeu cerveja e algumas vezes tentou ser artista de circo” (Meihy; Levine, 2015, p. 24). É importante lembrar que entre meados do século XIX e início do XX vigorava a tese do racismo científico, conforme citado por Tatiane de Oliveira, abaixo:

Nina Rodrigues e Silvio Romero difundiram o racismo científico no Brasil, cada um de uma forma, porém ambos almejavam o branqueamento da população. Nesse período, as características físicas, as “marcas raciais”, estavam relacionadas ao caráter e à personalidade dos sujeitos. A partir dos anos 1930, a tradição culturalista de Gilberto Freyre, via mestiçagem, passou a vigorar como identidade nacional, desconsiderando a origem dessa mestiçagem e vendendo a ideia para o Brasil e para o mundo que as três raças viviam em harmonia, culminando na chamada democracia racial brasileira (Oliveira, 2021, p. 242-243).

Diante dessa realidade racista, não muito diferente dos tempos atuais, principalmente para os grupos inferiorizados compostos pelas(os) sujeitas(os) pretas(os), pardas(os), em situação de pobreza, com pouca escolaridade entre outros, havia falta de oportunidades de emprego, apesar da industrialização na capital paulista, conforme Florestan Fernandes, referido abaixo por Gilmar Penteado (2018):

O resultado é que deste processo de urbanização e industrialização ocorrido em São Paulo do final do século XIX a 1930, os negros e os mulatos participaram de seus benefícios em proporções ínfimas. Poucos conseguiram se classificar como operários. Nas fábricas, sobravam aos homens os serviços que os italianos recusavam: os mais pesados e arriscados à saúde. As mulheres negras tinham dificuldade em se empregar como tecelã, restando-lhes os serviços domésticos. Os casos raros de libertos com alguma ascensão social podiam ser explicados pela

permanência do velho sistema de dominação pessoal. Após a abolição, famílias tradicionais mantinham sob sua proteção um pequeno número de ex-escravos, as antigas “crias” da casa. [...] Para Florestan Fernandes, [...] maior parte das oportunidades nasceria de setores de trabalho braçal, no serviço semiqualficado ou sem qualificação (Penteado, 2018, p. 217; 218).

O racismo também pode ser visto em alguns anúncios deste período, conforme levantado pelas pesquisadoras Kelly Cristina de Oliveira e Sônia Maria de Oliveira Pimenta (2016):

Creada – Precisa-se de uma, branca, com boas referências para arrumar/ quartos e que entenda também de costu/ra: rua Visconde de Rio Branco, n.3 Correio Paulistano, 21 de Setembro de 1911.

Precisa-se com urgência/ de uma cozinheira para/ família pequena. Paga-se bem. Prefere-se branca. Trata-/se á rua General Ozório, n.132 O Estado de S.Paulo, 25 de outubro de 1912.

Precisa-se com urgência/ de uma criada para ser-/viços de uma família pe-/quena. Prefere-se branca O Estado de S.Paulo, 25 de outubro de 1912 (7) PRECISA-SE de uma boa co-/sinheira para ir para o in-/terior. Prefere-se branca./Tratar á rua Riberio de Lima n./80. O Estado de S.Paulo, 12 de maio de 1919 (Oliveira; Pimenta, 2016, p. 392).

Por volta de 1948, Carolina engravidou de seu primeiro filho, o João, com um marinheiro português que a abandonou, ficando mais difícil conseguir um novo emprego, pois a família para a qual prestava serviços domésticos a dispensou. Sem saída, carregou materiais que sobravam da construção de uma igreja e ela mesma construiu seu barraco na favela do Canindé, próxima ao Rio Tietê, em São Paulo, povoada por migrantes que chegavam na esperança de conseguir empregos e uma vida melhor (Meihy; Levine, 2015). Esse cenário lembra a passagem do livro *Vidas rebeldes, belos Experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais* da Saidya Hartman (2022, p. 24): “um mundo inteiro se espreme em um pequeno quarteirão lotado de pessoas negras apartadas de quase todas as oportunidades que a cidade oferece, mas ainda assim *intoxicadas pela liberdade*”. Em consequência do racismo, do sexismo, do preconceito, da discriminação, do abandono e de diversas injustiças e crueldades impostas à população preta e parda, especialmente às mulheres, Carolina se viu obrigada a trabalhar como catadora de papel e outros recicláveis para sobreviver. “Era-lhe pago cerca de um cruzeiro por quilo de papel usado, garrafas e latas, o que era ínfimo para o sustento” (Meihy; Levine, 1994, p. 22); concomitante a isso, escrevia poemas e seu diário em cadernos que achava no lixo. Raffaella Fernandez (2015, p. 40), estudiosa da autora, afirma que nos papéis “ela encontrou seu papel, como espaço da escrita e suporte de sua produção”.

Em 1958, o jornalista Audálio Dantas fez uma reportagem na favela do Canindé, na capital paulista, onde a Carolina morava, os dois conversaram e ela aproveitou a oportunidade para apresentar o seu diário. Ele, surpreso com a potência dos seus escritos, devido às condições impostas a ela, intermediou a publicação de alguns trechos até a publicação da obra *Quarto de Despejo*; no prefácio ele cita um pouco da trajetória de trabalho da autora: “Da reportagem – reprodução de trechos do diário – publicada na *Folha da Noite*, em 1958, e mais tarde (1959) na revista *O Cruzeiro*, chegou-se ao livro, em 1960” (Jesus, 2014, p. s/n).

A autora, 20 anos antes da publicação da sua primeira obra *Quarto de Despejo*, ia de porta em porta nos jornais para divulgar seus escritos, um deles é o poema *O colono e o fazendeiro*³², publicado em 1940, no jornal *Folha da Manhã*, com intermédio do jornalista Willy Aureli (Penteado, 2018, p. 264-265), onde é possível perceber a crítica racial e social dela, além da preocupação e o cuidado com a métrica e a sonoridade, conforme abaixo:

O colono e o fazendeiro

Diz o brasileiro
que acabou a escravidão...
mas o colono sua o ano inteiro
e nunca tem um tostão!

Se o colono está doente
é preciso trabalhar!
Luta o pobre no sol quente
e nada tem para guardar...

Cinco da madrugada:
toca o fiscal a corneta,
despertando o camarada
pra ir fazer a colheita

Chega à roça. O sol nasce.
Cada um na sua linha
Suando. E para comer?
só feijão e farinha...

Nunca pode melhorar
esta negra situação.
Carne não pode comprar
pra não dever pro patrão!

Fazendeiro ao fim do mês
dá um vale de cem mil réis.
Artigo que custa seis
vende ao colono por dez!

³² Penteado (2018, p. 265) afirma que “Esse mesmo poema foi publicado no livro póstumo de poesias *Antologia pessoal* (Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 147-149). No livro, são 15 estrofes, seis a mais do que na *Folha da Manhã*. Provavelmente, a versão menor [...] no jornal tenha sido motivada por falta de espaço. A versão do livro traz modificações na pontuação e correções de concordância verbal”.

Colono não tem futuro
trabalha todo o dia.
O pobre não tem seguro
e nem aposentadoria...

Ele perde a mocidade
a vida inteira no mato
e não tem sociedade!
onde está o seu sindicato?

Ele passa o ano inteiro
trabalhando. Que “grandeza”!
Enriquece o fazendeiro
e termina na pobreza!

Conceição Evaristo (2020b, p. 53) faz um questionamento interessante que dialoga com a vida e a escrita da Carolina: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?” Antes da resposta da Carolina, descrita mais abaixo, quando cita algumas de suas motivações, apresento a resposta da própria Evaristo:

Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (Evaristo, 2020b, p. 53-54).

O ato de ler, escrever, contar alguma história, seja real e/ou ficção, torna-se, talvez, a única esperança de inscrição no mundo, mesmo que isso gere incômodos.

Carolina, na década de 1950/60, responde aquela questão dizendo que seu amor pela literatura (ler e escrever) começou devido aos incentivos da sua professora Lanita Salvina. Quando não tinha nada para comer, ao invés de xingar, preferia escrever, e como as horas de fome eram muitas, escrevia bastante (Jesus, 2014). Sobre isso, Luiz Antônio Assis de Brasil (2019, p. 8) cita: “[...] ninguém nos obriga a escrever —, temos certeza de que, se algo de nós ficar imperecível, será apenas nossa literatura, que resistirá ao tempo e ao descaso dos nossos contemporâneos, [...]”. Essa prática de leitura e de escrita da Carolina mostra a sua intenção de fazer literatura e contraria os estereótipos sobre as mulheres negras, um deles é: “[...] as

negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”” (hooks, 1995, p. 469). Quanto à mulher que busca seus sonhos, Carolina faz a confissão:

Cansei de suplicar às editoras do país e pedi à editora Seleções [do Reader's Digest] nos Estados Unidos se queria publicar meus livros em troca de casa e comida e envie uns manuscritos para eles ler. Devolveram-me... Depois que conheci o repórter [Audálio Dantas] tudo transformou-se (Jesus, 2014, p. 195).

Essa súplica, inclusive em troca de casa e comida, dialoga com as palavras abaixo, da Norma Telles (1989), citada por Rago (2013), e acrescento que se for mulher preta, parda e/ou das camadas populares, no Brasil, a situação, na maioria das vezes, fica ainda mais difícil:

Para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino, e propaga o preceito segundo o qual, para a mulher, o melhor livro é a almofada e o bastidor, é necessário rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes. O ato de escrever implica numa revisão do processo de socialização, assim como das representações conscientes e um enfrentamento do inconsciente, também ele, invadido pela situação objetiva de dependência do homem e que condicionaram a formação do eu (Telles, 1989, p. 75).

Carolina conta o sentimento que teve quando seu primeiro livro foi publicado, o *Quarto de Despejo*, com diários do dia 15 de julho de 1955 a 1º de janeiro de 1960, com algumas pausas nesses períodos, traduzido para mais de 13 idiomas, sendo o mais vendido no Brasil, na época, com mais de 100 mil exemplares (Jesus, 2014):

Fiquei alegre olhando o livro e disse: ‘O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor’. E li o meu nome na capa do livro. ‘Carolina Mara de Jesus. Diário de uma favelada. Quarto de despejo’. Fiquei emocionada. É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti (Jesus, 2014, p. 195).

É emocionante e de arrepiar imaginá-la alegre olhando o seu nome na capa do próprio livro, ainda mais para uma mulher, nos anos 1960, preta, pobre, mãe solo, moradora da favela, escritora, trabalhadora, sonhadora, convicta, decidida, afrontosa, desafiadora e atrevida. Sobre isso, a Regina Dalcastagnè cita:

Pensem no quanto é grande o desejo de escrever, para que essas pessoas se submetam a isso – a fazer o que “não lhes cabe”, aquilo para o que “não foram talhadas”. Imaginem o constante desconforto de se querer escritor ou escritora, em um meio que lhe diz o tempo inteiro que isso é “muita pretensão” (Dalcastagnè, 2012, p. 4).

Sem caber neste lugar que não foi imaginado para algumas/alguns e em diálogo com Silviano Santiago (2000, p. 26), Carolina está no “entre-lugar”, na “clandestinidade”, “entre o

sacrifício e jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão [...]”, isso tanto na favela quanto na sua obra porque ela não se reconhece na favela e não é reconhecida por muitas(os) moradoras(es) de lá, ela se estranha e é estranhada.

Além de outros fatores, isso acontece pelo fato de a Carolina saber e gostar de ler e escrever, algo que não era comum às(aos) moradoras(es) da favela e na época, também devido às desigualdades históricas, sociais, raciais, de gênero, educacionais etc., além de o fato da Carolina quebrar barreiras com muito sacrifício e esperança, e publicar a sua obra mesmo sendo mulher, preta, pobre e sem domínio do código linguístico. Desse modo, está no entre-lugar do formal e informal, da linguagem culta e a do cotidiano, e mesmo assim fura algumas “bolhas” com suas próprias convicções e identidades que são fronteiriças e contraditórias, inclusive com linguagem própria resiste, busca e realiza muitos de seus sonhos, dois deles são o de sair da favela e o de publicar seus escritos, assim transita pelos lugares.

Carolina utilizou uma das forças da literatura que, para Roland Barthes (1978, p. 27-28), é a semiótica: “*jogar* com os signos em vez de destruí-los, em colocá-los numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram, em suma, em instituir no próprio seio da linguagem servil uma verdadeira heteronímia das coisas”. Para o autor, as(os) sujeitas(os) estão submetidas(os) ao poder da língua e a única forma de escapar disso é pela literatura, ou seja, a Carolina precisou quebrar as travas do poder que a impedia de avançar em direção ao que é considerado cânone, por meio da força da linguagem que adquiriu praticamente sozinha. Barthes continua: “trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura” (p. 15).

O atrevimento da Carolina faz com que ela trapaceie o poder por meio da linguagem e realize seu sonho de fazer literatura que perdura e se renova até hoje, mesmo que esquecida por mais de 2 décadas, lutar contra o poder estabelecido é difícil. As produções acadêmicas podem, nesses casos, e em diversos outros, contribuir para abalar esse poder que desfavorece e prejudica algumas/alguns sujeitas(os). Fernandez, cita Deleuze e Guattari, que em 1976, escreveram sobre a linguagem que fica fora do que é considerado padrão, a linguagem que escorre, flui e explode, veja:

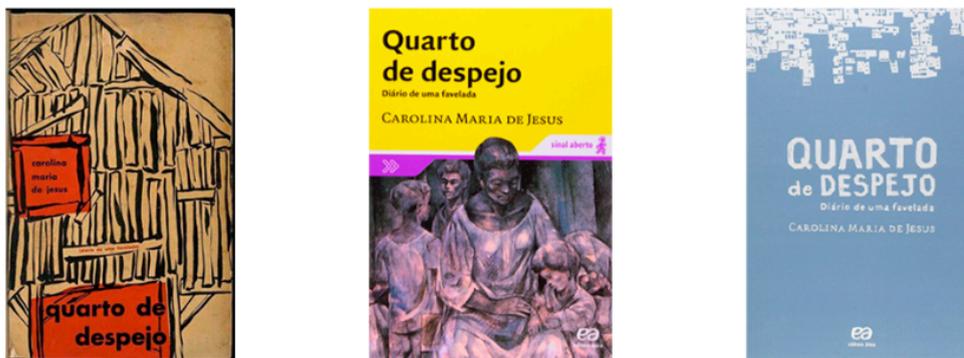
É isso o estilo, ou melhor, a ausência de estilo, a assintaxe, a agramaticalidade: momento em que a linguagem não se define mais pelo que diz, ainda menos pelo que a torna significativa, mas a faz escorrer, pelo fluxo, fluir, explodir – o desejo. Porque a literatura é exatamente como a esquizofrenia: um processo e não uma meta, uma produção e não uma expressão (Fernandez, 2008, p. 135).

A escrita paulatina dos diários, em *Quarto de Despejo*, entre os dias de fome, miséria e angústias, revela o processo contínuo, árduo e corajoso que a Carolina teve que enfrentar, movida pelos seus desejos e sonhos para que a sua voz fosse escutada.

Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura; ou, ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade (Dalcastagnè, 2012, p. 3).

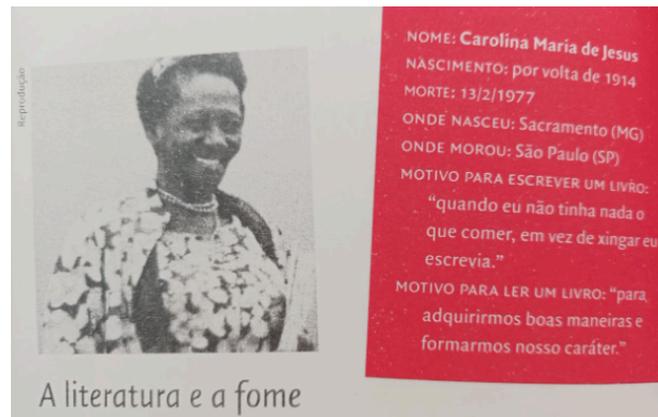
A materialização do atrevimento de Carolina, “voz não autorizada”, voz da fome, pode ser vista abaixo nas capas das edições publicadas de sua primeira obra *Quarto de Despejo* (Imagem 2): a imagem da esquerda é a primeira de 1960, a do meio é a de 2004 e a da direita é a atual, publicada em 2014. A primeira edição contém apenas 12 páginas e 11 dias de relatos de maio a junho de 1958, porém capazes de impactar (Penteado, 2018). Mais abaixo, constam duas imagens da autora, a primeira (Imagem 3) é da edição atual e a segunda (Imagem 4) de uma publicação do *Instagram* de uma das netas da Carolina, a Lilian de Jesus.

Imagem 2: Capas das edições do livro da Carolina Maria de Jesus



Fonte: Souza (2021).

Imagem 3: Carolina Maria de Jesus



Fonte: Jesus (2014, p. 194).

Imagem 4: Foto rara da escritora Carolina Maria de Jesus



Fonte: Jesus (2023)³³.

Destaco, a seguir, algumas/alguns pesquisadoras(es)³⁴, a partir da mais antiga publicação, porém há diversas(os) outras(os), que escreveram suas teses de doutorado com foco no *Quarto de Despejo* e/ou na autora:

³³ Íntegra do texto na postagem que foi feita no dia 3 de julho de 2023. Eu encontrei outras publicações com esta mesma foto em preto e branco, porém esta foi a única colorida que encontrei: “Esta foto de Carolina de Jesus é uma foto que poucos conhecem. Foi publicada no jornal Última Hora, no dia 23 de fevereiro de 1963 junto com a seguinte nota junto a essa foto: “A escritora favelada Carolina Maria de Jesus confeccionou esta original fantasia de galinha carijó, para sair no Carnaval, em São Paulo, com toda animação. O traje foi idealizado e confeccionado por ela mesma, constando de um manto coberto de penas autênticas de galinha carijó, bem como de um chapéu também coberto de penas brancas e pretas””. Disponível em: [Lilian De Jesus \(@lilian_de_jesus649\) no Instagram](#). Acesso em: 4 jun. 2023.

³⁴ O pesquisador Wesley Rocha, em sua tese de doutorado, apresenta uma lista com dissertações e teses que têm a Carolina Maria de Jesus como protagonista, sugiro a leitura.

- a) Elzira Divina Perpétua, título: Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de *Quarto de Despejo*, em 2000;
- b) Aline Alves Arruda, título: Carolina Maria de Jesus [manuscrito]: projeto literário e edição crítica de um romance inédito, em 2015;
- c) Raffaella Andréa Fernandez, título: Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus, em 2015;
- d) Gilmar Penteado, título: Estética da vida no limite: autenticidade, ponto de vista interno, testemunho e valor literário em *Quarto de Despejo (diário de uma favelada)*, em 2018;
- e) Fernanda Rodrigues Miranda, título: Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada, em 2019;
- f) Fernanda Silva e Souza, título: A terrível beleza cotidiana do negro drama: uma leitura com e contra o arquivo da escravidão dos diários de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus, em 2024; e
- g) Wesley Henrique Alves Da Rocha, título: Espaços branqueados e, agora, denegridos em casa de alvenaria (1961; 2021), de Carolina Maria de Jesus: dos fantasmas do colonialismo ao seu caráter exúnico, em 2024.

Carolina é uma mulher e escritora atrevida. Segundo o dicionário on-line³⁵, atrever é “ousar”, “convicto”, “decidido”, “ir mais longe”, “expressar confiança”, “afrontar”, “desafiar”, “enfrentar”. No trecho abaixo é possível perceber algumas dessas identidades citadas, visto que Carolina dá banho nas crianças, sai para catar papel, mesmo indisposta, e no frio ela lê, faz comida e ainda contempla o céu. Assim, segue atrevida e na batalha em meio às adversidades e injustiças históricas:

Dei banho nas crianças e preparei para sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem (Jesus, 2014, p. 24).

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. [...] Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a Estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos dos imaginários (Jesus, 2014, p. 58-60).

³⁵ Fonte: <https://www.dicio.com.br/atrever/>. Acesso em: 20 set. 2022.

Este ambiente de imaginação que Carolina relata é o que “o testemunho justamente quer resgatar o que existe de mais terrível no ‘real’ para apresentá-lo. Mesmo que para isso ele precise da literatura” (Seligmann-Silva, 2003, p. 375), como faz a autora. Candido, abaixo, corrobora desta visão e afirma que a realidade vinculada à estilização da linguagem é literatura, o que, sem dúvidas, é encontrado na obra *Quarto de Despejo*.

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade (Candido, 2006, p. 62).

Carolina é dona de uma linguagem arbitrária fora do padrão e mesmo assim conseguiu o que muitas(os) autoras(es) da sua época, adequadas(os) ao padrão, não conseguiram. Em diálogo com Marisa Lajolo, seria isso um milagre? Esta autora, abaixo, afirma que o que torna a linguagem literária ou não, é a situação em que é utilizada e quando proporciona interação das subjetividades entre autora(r) e leitora(r), e escapa, de alguma forma, do que é esperado, isso é o que a Carolina faz, em *Quarto de Despejo*, conforme diversas passagens descritas ao longo desta tese, a exemplo de: “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (Jesus, 2014, p. 29).

Parece que o milagre se dá quando, através de um texto, autor e leitor (de preferência ambos) suspendem de alguma forma a convenção de significado corrente. Assumindo ou recusando o câmbio oficial da linguagem de seu tempo, mas de qualquer forma fecundando-o, têm, no texto, um momento de verdade que, com licença poetinha, “não seja imortal posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure (Lajolo, 1984, p. 38).

A Carolina soube pôr fogo e aproveitar a chama causada pelos seus escritos enquanto foi possível, e a sua inteligência e o seu atrevimento, como um vento forte, arrastam cinzas ardentes até hoje, a sua literatura permanece viva, apesar da fome, da miséria, do lixo, de ser mulher, do racismo e dos preconceitos. Nas palavras de Cosson (2014, p. 17), a literatura é isso, ela: “[...] nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. [...]”.

Quanto aos traumas, Seligmann-Silva (2022, p. 149) diz: “o trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço”. O lixo presta serviço para a Carolina, pois lá encontra comida (estragada ou quase) para comer e dar aos seus filhos e filha, e dele consegue algum dinheiro com as

vendas dos papéis; e também a literatura prestava-lhe serviço, livrando-a, pelo menos um pouco, da cruel realidade.

Ter que deixar os estudos foi também um trauma para a autora, veja o relato dela para o José Meihy e ao Robert Levine:

Foi com pesar que eu deixei a escola. Chorei porque ainda faltavam dois anos para eu receber o meu diploma. Tive que resignar-me, porque as decisões paternas vencem. A minha mãe encaixotar os nossos utensílios, eu encaixotar os meus livros. A única coisa que realmente eu venerava (Meihy; Levine, 1994, p. 176).

Esse “pesar” sentido e dito pela Carolina, dialoga com o fragmento do poema *De noite, arrepanhados* de Paul Celan, referido pela Mariana Camilo Coelho (2008, p. 185), que fala sobre o momento em que a(o) sujeita(o) se encontra na situação do “indizível”, mas lava a palavra como um “cadáver” e imagina um caminho de alívio, o “céu”, uma linguagem, uma narrativa possível:

Uma palavra - bem sabes:
um cadáver.
Vamos lavá-lo,
vamos penteá-lo,
vamos voltar-lhe os olhos para o céu

Deste “lavar” nasceu a obra *Quarto de Despejo* que tem características da linguagem oral porque a Carolina estudou por apenas 2 anos quando criança, esse período representa o atual 1º e o 2º ano do ensino fundamental; sua mãe mudou para uma fazenda, por isso teve que abandonar os estudos para trabalhar e ajudar no sustento da família, igual a muitas crianças da época (Penteado, 2018); outros conhecimentos adquiriu lendo livros doados, emprestados e catados no lixo (Jesus, 2014), além dos conhecimentos que a vida ensina no ato de viver e nas experiências diárias, que são tão importantes quanto os dos livros ou até mesmo das escolas.

A Vera, filha da Carolina, ciente do preconceito e da solidão vividos pela mãe, diz para Marta Teresinha Godinho (2015, p. 176): “acho que os livros foram os únicos companheiros dela, porque eles não escolhem seu leitor”, isso é tão verdade quanto à afirmativa de que a escola não é o único espaço de saber, prova disso é a própria história de vida da Carolina, do movimento negro educador (Gomes, 2017) e de muitas outras mulheres pretas, pardas, das camadas populares e outros grupos. Haja vista que, conforme dito por Guacira Louro (2004), a ocupação das salas de aula também é questão de gênero, raça, idade, religião entre outros. Nessa crítica, quais são os livros que essa população tem acesso? Quais

são as condições dos livros? Onde são encontrados? No lixo? Rasgados, furados, molhados, sujos, faltando páginas? Qual é o preço pago para esse acesso? De novo, a própria história da Carolina responde isso. Algumas populações leem no conforto de suas casas, no ar condicionado, nas bibliotecas; outras no lixo, na favela, na rua, só livros doados, não escolhidos etc.

Penteado (2018) cita que a Carolina, quando percebeu que já conseguia ler, saiu contente pela cidade lendo todas as placas e avisos. Sobre isso, com muita sabedoria, ela diz: “Percebi que os que sabem ler têm mais possibilidades de compreensão” (p. 255). O romance *A Escrava Isaura* foi o primeiro livro que leu, emprestado da vizinha, então afirma: “já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidi que deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava” (p. 255), assim como os olhos embaçam na leitura de *Quarto de Despejo*. De volta ao assunto sobre os conhecimentos adquiridos com as experiências da vida, cito a Vergès (2020):

Não foi [...] frequentando uma universidade que descobri que o capitalismo, racismo, sexismo e imperialismo são companheiros de estrada; tampouco foi lendo Simone de Beauvoir que reencontrei o feminismo anticolonial e antirracista - ele foi parte de meu entorno desde a primeira infância (Vergès, 2020, p. 25).

A saber, trago uma explicação de Peter Ekeh (Vergès, 2020, p. 33), já que foi citado por esta autora, sobre a distinção entre colonização e colonialismo; o primeiro é um “acontecimento / período”, o segundo é um “processo / movimento” de “perpetuação”, realidades do Brasil que ainda tem a sociedade estruturada, principalmente pelo gênero, raça e classe. O colonialismo que de forma teórica, no Brasil, foi de 1530 a 1822, pode ser compreendido nesse caso, como colonialidade, que segundo a autora, é uma forma de continuação de “uma política de vidas descartáveis [...] por meio da espada, da pena de escrever, da fé, do chicote, da tortura, da ameaça, da lei, do texto, da pintura e, por meio da fotografia e do cinema” (p. 34).

Sobre a educação no país, segundo Florestan Fernandes, citado por Claudemir de Quadros (2010, p. 44), a taxa de analfabetismo, em 1872, era de 84%; em 1890, 85%; em 1920, 65%; em 1940, 55%; em 1950, 50% e, em 1990, 65%”. Sobre o período anterior a 1930, Fernandes afirma:

[...] era acanhado o uso que se fazia da educação escolarizada. Mesmo entre os agentes da aristocracia só um pequeno número precisava dela, requerendo ainda assim parca contribuição positiva da escola, representante nitidamente como uma agência especializada na transmissão de técnicas letradas e de conhecimento mais ou

menos esotéricos e dignificantes. É certo que a situação se alterou, principalmente em virtude dos surtos de crescimento urbano, ocorridos a partir do último quartel do século 19, das tendências à urbanização e à democratização do poder político, do crescimento demográfico, da formação de novos padrões de vida, da intensificação dos contatos entre as diversas áreas da sociedade brasileira ou com o exterior (Quadros, 2010, p. 48).

No período de 1960, época da publicação do livro *Quarto de Despejo*, o analfabetismo³⁶ no país era de 39,7% entre a população com 15 anos ou mais, e a média de escolaridade era de 1 ano e 8 meses; a Carolina estava um pouco acima da média (Penteado, 2018), mesmo nas condições de sexismo e racismo, expostas abaixo:

Aqui e ali, no entanto, havia escolas – certamente em maior número para meninos, mas também para meninas; [...] Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura.

[...]

Para a população de origem africana, a escravidão significava uma negação do acesso a qualquer forma de escolarização. A educação das crianças negras se dava na violência do trabalho e nas formas de luta pela sobrevivência. As sucessivas leis, que foram lentamente afrouxando os laços do escravismo, não trouxeram, como consequência direta ou imediata, oportunidades de ensino para os negros. São registradas como de caráter excepcional e de cunho filantrópico as iniciativas que propunham a aceitação de crianças negras em escolas ou classes isoladas – o que vai ocorrer no final do século. Algo semelhante se passava com os descendentes indígenas: sua educação estava ligada às práticas de seus próprios grupos de origem e, embora fossem alvo de alguma ação religiosa, sua presença era, contudo, vedada nas escolas públicas (Louro, 2004, p. 371-372).

Diante dessa realidade racista, o jornalista Audálio Dantas foi um único caminho necessário e estratégico para Carolina publicar seu primeiro livro, convicta da sua capacidade de expressão, mesmo diante da definição de quem pode fazer literatura no Brasil, nos anos 1950 e 1960, que a excluía, conforme abaixo:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de literatura exclui suas formas de expressão (Dalcastagnè, 2007, p. 21).

O livro *Quarto de Despejo*, do gênero diário, é narrado em primeira pessoa, conta a dura realidade da autora que é narradora e personagem, o enredo trata da vida cotidiana de

³⁶ “A taxa de analfabetismo recuou de 6,1% em 2019 para 5,6% em 2022. O Nordeste tinha a taxa mais alta (11,7%) e o Sudeste, a mais baixa (2,9%). No grupo dos idosos (60 anos ou mais) a diferença entre as taxas era ainda maior: 32,5% para o Nordeste e 8,8% para o Sudeste”. Disponível em: [Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste | Agência de Notícias \(ibge.gov.br\)](#). Acesso em: 19 jan. 2024.

fome e miserável da própria autora que é mãe solo, trabalhadora e escritora, bem como de outras(os) personagens que são suas(seus) vizinhas(os), moradoras(es) da favela na década de 1950, das(os) prestadoras(es) de serviço entre outros - muitas passagens estão descritas e analisadas mais adiante e, principalmente, na seção 3. Algumas/alguns personagens são:

- Carolina Maria de Jesus: autora, narradora e personagem principal;
- Alfredo: atual encarregado da luz;
- Antônio Lira: peixeiro;
- Arnaldo: vende pão, leite, sabão, açúcar;
- Eduardo: vende óleo, carnes, arroz, pão, tinteiro, querosene;
- João José: filho primogênito da Carolina;
- João Carlos: segundo filho da Carolina;
- Vera Eunice: terceira e última filha da Carolina;
- Luiz: frei que doava pães e visitada as(os) moradoras(es) da favela, ensinava o catecismo para as crianças e fazia sessão de cinema na favela;
- Manoel: um dos pretendentes da Carolina, ela o achava bonito e inteligente, mas não queria nada sério com ele;
- Orlando Lopes, encarregado da luz e da água;
- Raimundo: o cigano, um dos pretendentes da Carolina;

O conceito de fome, no Brasil, segundo Flávio Valente, é subjetivo, diferente de má nutrição e engloba:

[...] desde aquela sensação fisiológica ligada à vontade de comer, conhecida de todos nós, até as formas mais brutais de violentação do ser humano, ligadas à pobreza e à exclusão social. Ver os filhos passarem fome é passar fome. **Comer lixo é passar fome.** Comer o resto do prato dos outros é passar fome. Passar dias sem comer é passar fome. Comer uma vez por dia é passar fome. Ter que se humilhar para receber uma cesta básica é passar fome. Trocar a dignidade por comida é passar fome. Ter medo de passar fome é estar cativo da fome. Estar desnutrido também é passar fome, mesmo que a causa principal não seja falta de alimento (Valente, 2003, p. 56-57, grifos meus).

Na obra *Quarto de Despejo* a palavra “fome” aparece 71 vezes, na primeira a autora relata: “...O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. E preciso conhecer a fome para descrevê-la” (p. 29), na última narra: “A pior coisa do mundo é a fome” (p. 191). A dor da fome é tão grande que Carolina chega ao ponto de relatar: “Morreu um menino aqui na favela. Tinha dois meses. Se vivesse ia passar fome” (p. 127). Para tentar

ilustrar a fome no Brasil, fiz uma pesquisa no *Google*, no ícone de imagens, com as palavras “fome no Brasil”, as primeiras que aparecem estão abaixo (Imagem 5). Entretanto, nada de novo, pois as cores preta e parda são as cores predominantes da fome e da miséria, no país.

Imagem 5: Cores da fome no Brasil



Fonte: Google (2024)³⁷

Na foto da Carolina, abaixo (Imagem 6), é possível ver a estética da fome em seu corpo magro que, apesar de tudo, é elegante.

Imagem 6: Carolina Maria de Jesus



Fonte: O Globo (2021, on-line)³⁸

³⁷ Disponível em: [fome no brasil - Pesquisa Google](#). Acesso em: 29 fev. 2024.

³⁸ Imagem disponível em: [Nova biografia de Carolina de Jesus tenta afastá-la do estereótipo de 'escritora de favela'](#) - Jornal O Globo. Acesso em: 7 mar. 2024.

Carolina, consciente de que é uma poetisa, afirma: “Deus devia dar uma alma alegre para o poeta” (Jesus, 2014, p. 138). Esta súplica pela alegria advém da tristeza, da fome, da miséria, do racismo, dos preconceitos e da exclusão, e é observada em sua escrita realística, testemunhal e artística, conforme alguns exemplos abaixo em que a autora utiliza figuras de linguagem:

Comparação:

“A lingua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha” (p. 14);

...A comida no estomago é como o combustível nas maquinas. Passei a trabalhar mais depressa (p. 44);

“...Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros” (p. 154).

Metáfora:

“Come qualquer coisa. Tem estomago de cimento armado” (p. 19);

“O céu está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido” (p. 32);

“...Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais” (p. 54).

Sinestesia:

“...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre” (p. 37).

“Eu estava suando e sentia o odor do suor” (p. 135).

“O local onde eles acamparam está sujo e exala mau cheiro. Um odor desconhecido” (p. 140).

“...Na casa de dona Nenê o cheiro de comida era tão agradável que as lagrimas emanava-se dos meus olhos, que eu fiquei com dó dos meus filhos. Eles haviam de gostar daqueles quitutes” (p. 106).

Leyla Perrone-Moisés (1998, p. 157), escritora e crítica literária, cita que as(os) escritoras(es) e críticas(os) modernas(os) não apreciam a “adequação da palavra à Idéia”, mas sim a “adequação da palavra à experiência que temos ou podemos ter das coisas, que é

revelada e ampliada pela obra”, e isso é o que faz Carolina ao utilizar-se da sinestesia e dar cor à experiência e aos sentimentos, veja:

- O **roxo** representa a **amargura**: “Parei para concertar o saco que desliscava da minha cabeça. Contemplei a paisagem. Vi as flores **roxas**. A cor da agrura que está nos corações dos brasileiros famintos” (p. 141); “...Chegou o esquife. Cor **roxa**. Cor da amargura que envolve os corações dos favelados” (p. 34);

- O **preto** representa a **vida dela e da vizinhança na favela**: “Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor **negra** do feijão. Porque **negra** é a nossa vida. **Negro** é tudo que nos rodeia” (p. 43); “A minha, até aqui, tem sido preta. **Preta** é a minha pele. **Preto** é o lugar onde eu moro” (p. 167); e

- O **amarelo** representa a **fome**: “Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos” (p. 44); “Tem um mocinho que mora na Rua do Porto. E amarelo e magro. Parece um esqueleto ambulante” (p. 137).

Na obra *Quarto de Despejo*, a autora narra e denuncia além da fome, a miséria, as violências, principalmente a violência doméstica e a violência sexual, o incesto, a pedofilia, o suicídio, o trabalho duro no lixo, o espaço geográfico das(as) excluídas(os), contraria a suposta identidade nacional, expõe a elite paulistana, narra romances, brigas, alcoolismo, bem como o sonho e o atrevimento da autora-narradora-personagem que mistura o relato da realidade com lirismo romântico, pois na favela onde o “prefeito [...] é o diabo” (p. 91), ela consegue, em alguns momentos, sentir um dia “maravilhoso”, contemplar o “céu estrelado”, o “astro-rei”, o “espaço”, ficar “alegre” e “cantar”, veja:

Domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O Sol está tépido (Jesus, 2014, p. 14).

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água (Jesus, 2014, p. 21).

Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço (Jesus, 2014, p. 25).

Sobre o título do livro, Carolina (2014, p. 195) conta que em 1948 o governo começou a demolir algumas casas para construir edifícios e a população pobre foi despejada e obrigada a ir para debaixo das pontes:

É por isso que eu denomino que a **favela é o quarto de despejo de uma cidade**. Nós, os pobres, somos os trastes velhos. [...] eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. [...] Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido (Jesus, 2014, p. 37; 39, grifos meus).

Carolina faz críticas à política brasileira, essa é uma das suas revoltas, especialmente ao governo de Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil de 1956 a 1961. Débora Specht, Maria Helena Marin e Priscila Farias dos Santos (2009), baseadas na pesquisa de Ricardo Maranhão, afirmam que no período desse governo houve o processo de industrialização do país, fator essencial de mudanças na estrutura social da população que primeiro migrou do campo para a cidade - que foi também o caso da Carolina - trocando a economia agrária pela industrial, o que gerou outros padrões de consumo; entretanto, nem todas(os) conseguiam emprego e ficavam à própria sorte, veja:

Em 1956 Juscelino Kubitschek toma posse como presidente do Brasil, que consegue se eleger devido às suas promessas desenvolvimentistas, que almejavam uma melhora na economia brasileira, assim também como uma grande intensificação da industrialização. Mas, sobretudo essas promessas agradaram muito a classe média que no período é o grande grupo votante, já que o voto é vetado aos analfabetos e a grande maioria da classe popular fica excluída disso (Specht; Marin; Santos, 2009, p. 168).

Jânio Quadros e Adhemar Pereira de Barros, nesse mesmo período, eram políticos no Estado de São Paulo, sobre isso, Carolina reflete e diz:

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer.
 ...Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos.
 Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil?
 [...] (Jesus, 2014, p. 33).

...O que eu aviso aos pretendentes a politica, é que o povo não tolera a fome. E preciso conhecer a fome para saber descrevê-la (Jesus, 2014, p. 29).

[...] Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitoraes (Jesus, 2014, p. 32).

Nesse assunto de política, citado pela Carolina, é importante demarcar que as mulheres jovens estudantes, colaboradoras da pesquisa, nasceram no início dos anos 2000, nos primeiros anos do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, que governou em dois mandatos consecutivos, de 2003 a 2011 e está atualmente, desde 2023, no terceiro; na época em que as colaboradoras iniciaram os estudos no IFMT, que foi em 2020, o país era governado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, de 2019 a 2022.

Mesmo fora de alguns dos planos políticos, e mesmo quando fazem parte, na prática, não se percebe grandes mudanças para as mulheres, porém resistem, especialmente as que carregam o peso da interseccionalidade de gênero, raça, classe, idade etc., inclusive resistem de forma crítica igual a Carolina e “borram” a literatura majoritariamente branca:

A autoria de mulheres negras na literatura brasileira traz uma vertente com novas histórias, novos enredos, novos personagens, que na verdade borram a literatura. Essa autoria tem um discurso literário que se distancia do que foi escrito até hoje a nosso respeito. Ela parte de dentro de nossas experiências, somos nós dizendo de nós mesmos, nós como sujeitos de autoria, como sujeitos de temática, criando os nossos próprios enredos (Evaristo, 2017, on-line)³⁹.

Os escritos “borrados” da Carolina causam estranheza em muitas(os) sujeitas(os), por exemplo no “Seu João” que foi na casa dela para tirar dúvidas sobre onde encontrar folhas de batata para a filha que estava com dor de dente, e diz: — “Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você”. Carolina responde: — “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler”. Essa narrativa dialoga com hooks (1995, p. 468) que afirma que “o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros”.

O “Seu João”, mesmo talvez sem uma intenção ruim, mas pelo contexto geral do país sexista, racista e classista onde não era comum ver mulheres com oportunidade de ler, de estudar e de escrever, ainda mais no contexto da favela com menos oportunidades e com muitas injustiças sociais, históricas, materiais, educacionais etc., estranha ao ver Carolina, mulher, preta, moradora da favela e com pouco estudo formal, com tanta dedicação aos livros e aos estudos. E ela está determinada a não desistir de escrever e publicar seu o livro, pois o “diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real” (Lejeune, 2014, p. 303).

³⁹ “Conceição Evaristo - ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’”, entrevista realizada pela Juliana Domingos de Lima, no dia 26 de maio de 2017. Disponível em: [Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’ | Nexo Jornal](#). Acesso em: 28 mar. 2023.

A obra *Quarto de Despejo* é uma escrita cotidiana com as datas, chamada de diário (Lejeune, 2014), é a “memória viva” (p. 302), é um “*alter ego* perdido no futuro, [...] uma construção para memória coletiva”, “garrafa lançada ao mar” (p. 303), pertence ao gênero autobiográfico que, segundo esse autor, é escrito em prosa e conta as experiências reais da própria pessoa, o que o autor chama de “pacto autobiográfico” que “é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro”, não fica a dúvida da “identidade do nome (autor-narrador-personagem)” (p. 30), entretanto, como há os esquecimentos e/ou equívocos na memória, de forma consciente ou inconsciente, o autor complementa o “pacto autobiográfico” pelo “pacto referencial” que é “o real ao qual o enunciado pretende se *assemelhar*” (p. 43).

O que o Lejeune (2014) chama de autobiografia pode ser um “sistema referencial ‘real’” e um “sistema literário” sem aspiração “à transparência”, porém pode “imitar, mobilizar” o primeiro sistema (p. 67). Pois “dizer a verdade sobre si, se constituir em sujeito pleno, trata-se de um imaginário” (p. 77), isso é o que Carolina faz ao misturar a realidade com ficção e imaginação, contando sobre a sua vida e a das(os) moradoras(es)-personagens da favela. A respeito disso, Ricoeur (1997, p. 317) afirma que “a história se serve, de algum modo, da ficção para refigurar o tempo e, por outro lado, a ficção se vale da história com o mesmo objetivo”. Além da própria vida, Carolina (2014, p. 195) afirma: “Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados”, o que dialoga com a “escrevivência” da Evaristo, que é escrever sobre si, sobre as próprias experiências, subjetividades e sobre a coletividade, especialmente se é mulher, preta, parda e/ou das camadas populares. A autora diz:

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2020a, p. 223).

A autobiografia, de acordo com Vapereau, em seu “*Dictionnaire universel des littératures* (1876)”, é “[...] obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc., cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos” (Lejeune, 2014, p. 62). Carolina (2014) conta sobre o seu cotidiano na favela, lugar que deseja muito sair, afinal, quem gosta de morar no quarto de

despejo? Ela, por meio das lembranças, revela fragmentos de suas memórias individuais que também são coletivas. Halbwachs (2006) considera que toda memória individual contém memória coletiva e são passíveis de mudança a depender do lugar e das relações. Lúcia Helena Vianna (2003, n.p) afirma que “a memória individual faz o inventário caótico das coisas mínimas, é completamente amoral, roça sempre o inexplicável, ao contrário da memória coletiva que atende à construção de uma moralidade (Agullol). [...]”. A memória individual é autônoma, diria até atrevida, pois não obedece a regras, faz seu caminho em meio ao caos da vida, das lembranças e dos esquecimentos, porém não deslocada totalmente do coletivo e do social, mas com autonomia da subjetividade e da imaginação.

A poetisa Maria Tereza, autora do poema intitulado *Carolina Maria de Jesus*, abaixo, reconstrói, por meio da memória e das palavras, o valor e o atrevimento da Carolina que mesmo tendo que se “espremer” diante da sociedade perversa e injusta, faz o que tem que ser feito mediante às “podas” para furar algumas “bolhas” e realizar os seus “sonhos”⁴⁰, porém sem deixar de se preocupar e repassar seus conhecimentos, veja:

Carolina Maria de Jesus

Comprei um sapato lindo número trinta e nove
sendo que calço número quarenta e dois. Andei
muito a pé, assentei-me. Pra acalmar os pés e
não repetir esse ato insano fiz uma salmoura de
água quente e ensinei crianças e adolescentes
que não se vende o próprio sonho (Tereza, 2007, p. 25).

De acordo com Elódia Xavier (1991), todo discurso feminino traz consigo suas experiências, o que pode ser visto em *Quarto de Despejo*, principalmente em relação à fome, dado que a autora vive na expectativa da comida e da morte, pois a comida do dia seguinte nunca estava garantida para muitas(os) moradoras(es) da favela. Desse modo, o diário escrito pela Carolina, possivelmente, como dito por Lejeune (2014, p. 313), é também um “espaço fantasmático” que traz proteção da morte pela ideia de continuidade, “poética e existencial, [...] baseada na fragmentação e na vibração” (p. 308). Nas palavras de Seligmann-Silva (2022, p. 271), é a “*literatura como inscrição do eu*”, pois [...] “não existe comensurabilidade possível entre a dor-corpo e as palavras”. Dito de outra forma, não há como medir ou até mesmo separar a dor sentida no corpo e na alma, das palavras; são palavras machucadas, palavras feridas ou palavras cicatrizadas.

⁴⁰ Palavras entre aspas são em alusão ao livro de minha autoria: *Entre bolhas raciais, podas e sonhos: relação entre identidades negras e brancas na UFMT*, da EDUFMT, fruto da dissertação de mestrado; esta pode ser consultada em: [Plataforma Sucupira \(capes.gov.br\)](https://plataforma.sucupira.capes.gov.br). Acesso em: 11 jan. 2024.

Entretanto, Lejeune (2014) cita que Roland Jaccard fez uma publicação de uma antologia que traz reflexões de Henri-Frédéric Amiel, de Maurice Blanch e outros autores, que tecem duras acusações contra o diário:

Amiel: Se os carnívoros já são uma caça medíocre, porque vivem de outros seres vivos, o animal que vivesse dele próprio seria, sem dúvida, o pior de se comer. Um gato que corre atrás da própria cauda é, por outro lado, um bicho bem ridículo. Pois bem! Um diário nos mostra justamente um indivíduo entregue a essas duas ocupações estereis, perseguir-se ou degustar-se.

Blanchot: Há no diário como que uma feliz compensação de uma dupla nulidade. Quem não faz nada na vida, escreve que não faz nada e pronto, é como se houvesse feito alguma coisa. Quem se deixa desviar da escrita pela futilidades de seu dia, recorre a esses nada para contá-los, denunciá-los ou se comprazer e, pronto, mais um dia cheio... finalmente, portanto, não se viveu nada, nem se escreveu, duplo fracasso, a partir do qual o diário encontra sua tensão e sua gravidade (Lejeune, 2014, p. 307-308).

Como diz Lejeune (2014, p. 309), “o diário é humano”, isso basta, e digo mais, aqui no Brasil, a maior prova de que as afirmações da citação direta acima não procedem, é a obra *Quarto de Despejo*, porque inclusive, a autora escreve um diário poético e crítico, além de outras publicações literárias, ela trabalha muito, trabalha doente, cata lixo, lava roupa, busca água longe de casa, lê, escreve, cuida, educa, alimenta os dois filhos e a filha, apoia as(os) vizinhas(os) - até exagera muitas vezes, entre outros afazeres; ou seja, está longe de correr apenas “atrás da própria cauda” ou de um “duplo fracasso”, visto que teve duplo sucesso ao conseguir publicar seus escritos diante das condições precárias e miseráveis que a sociedade submete às mulheres e a população pobre, preta e parda em geral, no Brasil, e ao sair da favela.

Sobre o testemunho e o diário, em nossa sociedade violenta, em seu recente livro *A Virada testemunhal e decolonial do saber histórico*, Seligmann-Silva, afirma que:

O testemunho e o diário são dispositivos que surgem na literatura dentro desse embate entre esse Eu moderno e o Mundo, sobretudo quando o mundo se apresenta como uma manifestação violenta. Testemunho e diário são marcas ou as pegadas do indivíduo na era da sua desapareção. Esse indivíduo precisa se apegar a um Eu que ele está recriando e reafirmando tanto quanto lhe é permitido em um mundo que o puxa, se não para o extermínio, ao menos para o anonimato e para a sua insignificância. Na nossa era da pandemia, evidentemente essa situação pós-romântica se radicalizou rapidamente (Seligmann-Silva, 2022, p. 191).

Nessa era de “desapareção”, onde quase não se consegue olhar olho no olho e sentir a presença uma/um da(o) outra(o), mas apenas observar as suas pegadas deixadas na areia, ainda mais depois do isolamento recente devido à pandemia, além do contexto sexista, racista, excludente, etarista, de fome, de miséria, de falta de uma educação de qualidade, de falta de

escuta de vozes plurais, entre outros, as(os) sujeitas(os) ficam marcadas(os) por essas mazelas; mas apesar das marcas, quando possível, recriam e narram suas dores, é uma forma de alívio, de sair do anonimato e dar significado à própria vida, é o que faz Carolina, principalmente na obra *Quarto de Despejo*. Esse “quarto” também representa um lugar de tristezas, sonhos, atrevimentos, de recriar e narrar, testemunhar, falar e escrever. De volta ao mar, é como se as pegadas fossem apagadas pelo oceano e nem isso restasse, mas algumas ondas não foram capazes de apagar o legado da autora, haja vista que nasce aqui mais uma tese sobre a sua obra e vida.

Inclusive, uma noite antes da defesa desta tese, foi aprovado pela Câmara dos Deputados, o projeto de Lei n. 773/24⁴¹, de autoria da deputada federal, Érika Hilton, que inscreve Carolina Maria de Jesus, escritora, catadora e multiartista, no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

⁴¹ O projeto ainda será enviado ao Senado. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados](#). Acesso em: 28 nov. 2024.

3. MEMÓRIAS NARRADAS: O QUE ELAS ENSINAM?

Antes de seguir com esta seção, onde apresento e analiso fragmentos das memórias narradas pelas colaboradoras da pesquisa de forma articulada com a obra *Quarto de Despejo*, trago, abaixo, uma linha do tempo (Imagem 7) com algumas datas que considere importantes, já citadas nas seções anteriores, apenas para facilitar a lembrança. A falta de alinhamento e as cores diferentes são propositais em alusão às oscilações e surpresas da vida, assim como as ondas do mar.

Imagem 7: Linha do tempo: Carolina e Colaboradoras



Fonte: Elaboração da autora (2024).

3.1 MEMÓRIAS DO HOMEM/PAI

Para Jerome Bruner, em diálogo com Immanuel Kant e Paul Ricoeur, citado por André Vieira e Margarida Henriques (2014), a representação humana sobre o tempo só acontece na forma de narrativa e sobre isso propõe duas teses:

A primeira tese é a seguinte: nós não temos outra maneira de descrever o tempo vivido a não ser na forma de uma narrativa... Minha segunda tese é a de que a mimesis entre o que chamamos de vida e a narrativa é uma via de mão dupla: isto é, assim como a arte imita a vida, no sentido de Aristóteles, assim, como propõe Oscar Wilde, a vida imita a arte. Narrativa imita a vida, vida imita a narrativa. Vida, neste sentido, é o mesmo tipo de construção da imaginação humana do que a narrativa. Ela é construída pelos seres humanos a partir de um raciocínio ativo, através do

mesmo tipo de raciocínio a partir do qual nós construímos as narrativas (Vieira; Henriques, 2014, p. 164).

Se a única forma de descrever o tempo vivido é pela narrativa, então as palavras têm poder, essas “brasas acesas” do poder das palavras podem ser sentidas (e cuidado para não se queimar) no poema da Jucelia Fonseca, citado por Ana Santiago (2018, p. 36), a seguir:

É tomar um gole
De brasas acesas
E não beber água em seguida
Esse ventre há de parir
Tochas de palavras
E ações em chamas
Revertendo todo o processo
De um mundo caduco.

As palavras “em chamas” podem curar ou ferir, animar ou desanimar, deixar cicatrizes e traumatizar. As memórias abaixo, narradas pela Mônica, logo aos 2 primeiros minutos da nossa conversa, mostram que as palavras proferidas pelo pai, na infância dela, deixaram “trauma”:

*“Ele falava que eu ia crescer e ser **biscate**, que eu **não ia estudar**, que eu era **uma decepção**, vários tipos de coisas que me **magoaram** muito no passado. [...] Ele me chamava de **burra**” (Mônica).*

*“A **separação** deles (do pai e da mãe) foi ótima para mim, foi perfeita! Porque quer queira quer não, estava atrapalhando a minha infância” (Mônica).*

*“Então ela ter largado do meu **pai** foi ótimo, tanto para mim quanto para a minha irmã mais ainda, porque ela não sofreu o que eu já sofri, isso é ótimo para ela não crescer com o **trauma** que eu cresci” (Mônica).*

Pai, dai-me apoio, dai-me incentivos
estou apenas na juventude,
posso me espelhar em você?
:
:
:
Vidro trincado.⁴²

Sobre esse poder das palavras e violência de gênero do homem sobre a mulher, seja membro da família ou não, e neste caso é, a violência torna-se mais “cortante” porque tem mais/outros significados e “trinca o vidro” do afeto e da segurança familiar, mesmo que

⁴² Poema de minha autoria.

depois seja remendado. Essa situação lembra a narrativa da Carolina (2014), abaixo, que revoltada com o tal Vitor, o valentão da favela, em confronto com ele, diz:

Dia 1 de janeiro de 1958 ele disse-me que ia quebrar-me a cara. Mas eu lhe ensinei que a é a e b é b. Ele é de ferro e eu sou de aço. Não tenho força física, mas as **minhas palavras ferem mais do que espada**. E as feridas são incicatrísaveis (Jesus, 2014, p. 48, grifos meus).

As cicatrizes, a depender do organismo e da profundidade, demoram para fechar, algumas ficam bem visíveis, outras quase somem, assim são as palavras proferidas a alguém, podem deixar marcas e traumas que ficam “ardendo” por muito tempo, às vezes durante a vida toda. Entretanto, apesar das palavras do pai da Mônica: “*biscate*”, “*não ia estudar*”, “*uma decepção*” e “*burra*”, Seligmann-Silva (2022, p. 142) afirma: “narrar o trauma tem, em primeiro lugar, esse sentido primário de desejo de (re)nascido, é [...] um sobrevivente buscando a atenção e a escuta de um outro tendo em vista a construção de um mundo menos inóspito [...]”, e é isso que a Mônica faz ao contar as suas histórias orais nesta pesquisa. A história oral testemunhal, de acordo com Marta Rovai (2013, p. 134), em diálogo com Meihy, “mantém olhos, ouvidos e espírito atentos ao relato do trauma, entendido aqui como ferida aberta na alma e no corpo [...]. Sem nossa vontade de ouvir, não existe possibilidade do testemunho enquanto narrativa”.

Muxel, citada por Candau (2021, p. 57), assevera que a “memória coletiva familiar seria uma coleção de fragmentos esparsos, contidos na possibilidade de um encontro frágil de imagens e emoções [...] contidas na singularidade própria de cada indivíduo”, assim, os fragmentos narrados pela Mônica revelam o quanto um pai pode atuar de forma negativa na vida da filha logo a partir da infância, além de que essas agressões verbais, dominação masculina e sexismo podem gerar traumas e consequências graves para a vida toda. Nas palavras da Carla Garcia, o sexismo é:

o conjunto de todos e cada um dos métodos empregados no seio do patriarcado para manter em situação de inferioridade, subordinação e exploração o sexo dominado: o feminino”, tratando-se “de uma ideologia que defende a subordinação das mulheres e todos os métodos utilizados para que essa desigualdade se perpetue (Garcia, 2011, p. 18-19).

Por isso, segundo Sueli Carneiro (2003, p. 118), é preciso escutar “as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres [...]” que estão no “[...] silêncio e na invisibilidade”, que no caso desta pesquisa, são as mulheres jovens estudantes, das camadas

populares, que têm esta oportunidade de lembrar e narrar as suas memórias como autoras da própria história.

Nessa direção, Carolina relembra e conta que foi ao fórum receber a pensão da Vera, pois esta queria muito comprar um vestido, mas para a tristeza da filha o pai não levou o dinheiro. Então a Vera, com seus sapatos furados que ficam cheios de água quando chove, mesmo sendo uma criança, analisa a situação e diz: “— Mamãe, o meu pai não presta!” (Jesus, 2014, p. 166). O pai, que é bem-sucedido financeiramente, mesmo ciente da miserável realidade da filha, não se comove. Em situações assim, Carolina chega a sentir “desgosto de ser mulher”:

...Levantei, acendi o fogo e mandei o João comprar 10 de açúcar. Bateram no barracão. Os filhos falaram:
 - E o pai da Vera.
 - É o papai - ela sorria para ele.
 Eu é que não fiquei com a tal visita. Ele disse-me que não levou o dinheiro lá no Juiz porque não teve tempo. Mostrei-lhe os **sapatos da Vera que estão furados e a agua penetra**.
 - Quanto pagou isto?
 - 240.
 - É caro.
 ... Ele deu-me 120 cruzeiros e 20 para cada filho. Ele mandou os filhos comprar doces para nós ficarmos sozinhos. Tem hora que eu tenho **desgosto de ser mulher**. Dei graças a Deus quando ele despediu-se (Jesus, 2014, p. 178, grifos meus).

As memórias da Mônica e da Carolina demonstram como o sexismo e o patriarcado mantêm as mulheres, em diversas idades, em situação de desigualdade, oprimidas e inferiorizadas, seja no âmbito da vida pública e/ou da vida privada.

Utilizando-se de diversos métodos para continuar e demonstrar o seu poder patriarcal, o pai da Mônica, além de oprimi-la, ofendê-la, traumatizá-la e inferiorizá-la de forma verbal e psicológica, situações que podem impactar as identidades da filha (Saffioti, 2015), faz o mesmo com a mãe e vai além, ou seja, agressão física, o que causou uma reação drástica da Mônica, conforme abaixo:

*“Meu pai já agrediu a minha mãe, agressão física! Uma vez **eu quase matei ele**. Um dia ele foi **bater na minha mãe**, eu era **criança**, eu tinha uns **10 anos**. Depois desse dia ela resolveu largar dele, depois de uns 2 a 3 meses. Eu vi a minha mãe naquela situação, **meu pai arrastando ela pelos cabelos, as costas dela toda arranhada, ele batendo nela**” (Mônica).*

“Então eu entrei no quarto e fui ligar para a polícia. Ele arrebentou a porta para eu não ligar, a porta ficou toda destruída e eu não consegui ligar. Os vizinhos vieram, mas

falaram que em briga de marido e mulher não se mete a colher. Mas isso é ridículo, porque se a mulher está apanhando tem que se meter sim” (Mônica).

As narrativas da Carolina e da Mônica, mesmo que oralizadas em tempos distantes, revelam a semelhança e a perpetuação das agressões contra as mulheres, violência contra a mãe e a filha, mas só foi o tempo cronológico que passou, pois o pensamento e o comportamento sexista e patriarcal, não. Por falar em tempo, ele é subjetivo e às vezes “[...] parece tão breve, mostra-se enorme ao imaginário da esperança, e tende inclusive a se alongar [...] em eventos traumáticos”⁴³, dolorosos (Portelli, 2016, p. 138). Sobre a violência doméstica e intrafamiliar, dentre tantas outras agressões que a Carolina narra, tem o caso do senhor Alexandre e da Dona Nena, exemplo similar à situação vivida na família da Mônica:

[...] E fiz o almoço para eles. Era 1 hora quando eu ia recomeçar a escrever. O senhor **Alexandre** começou a bater na sua esposa. A Dona Rosa interviu. **Ele dava ponta-pé nos filhos**. Quando ele ia **enforçar** a Dona Nena, a Dona Rosa pediu socorro. Então o soldado Edison Fernandes foi pedir ao senhor Alexandre para não bater na sua esposa. Ele não obedeceu e ameaçou o soldado com uma peixeira. O Edison Fernandes deu-lhe uns tapas. O Alexandre avoou que nem balão impelido pelo vento.

O soldado Edison mandou-me telefonar para a Radio Patrulha. Eu fui avuando. Telefonei e voltei correndo. Quando cheguei na favela a briga estava quente. O Alexandre chingava as crianças que iam olhar e avançou para o meu filho João. E desacatava o soldado Edison, querendo bater-lhe no rosto e dizendo-lhe:

- Leva a minha mulher para você! Mulher depois que casa é para **suportar** o marido e eu não admito soldado dentro da minha casa. Você está interessado na minha mulher?

Assim que os favelados me viram, gritaram:

- Cadê a Policia?

- Já telefonei.

Em 5 minutos a Radio Patrulha apareceu (Jesus, 2014, p. 96, grifos meus).

Na década de 1950, conforme citação acima, o senhor Alexandre declara que as mulheres casadas devem “suportar” o marido, dá pontapés nos filhos e se não fosse a chegada da vizinha, a Dona Rosa, ele teria enforcado a esposa. Desse modo, mesmo após mais de 60 anos, em média, as memórias de violência doméstica, intrafamiliar, de gênero e patriarcal são semelhantes. Naquela década, nem as mães das colaboradoras da pesquisa eram nascidas, já que a mais velha tem 55 anos e a mais nova 42.

Nota-se, também, consciência e atitude crítica da Mônica que, mesmo com apenas 10 anos, tentou ligar para a polícia e ao dizer que é “ridículo” não interferir em briga de marido e mulher, “*porque se a mulher está apanhando tem que se meter sim*”. Quanto à violência intrafamiliar, cabe destacar, segundo Dalka Ferrari, citada por Miura *et al.* (2018), que ela acontece quando existem abusos/violências entre sujeitos(as) da mesma família como, por

⁴³ Nesta passagem, Portelli trata da memória da comunidade judaica.

exemplo, do pai para com a filha, ou vice-versa, com avós, primos, tios etc. Também citadas por Miura *et al.*⁴⁴, Amélia Azevedo e Viviane Guerra intitulam as violências contra crianças e adolescentes como “violência doméstica” ou “violência de gênero” e dizem que essas terminologias são, geralmente, mais utilizadas. Mas a minha intenção não é aprofundar esses termos, trago a título de informação.

As mulheres são socialmente encorajadas a serem mais pacíficas, ao contrário dos homens que são encorajados a serem agressivos, essa situação leva, muitas vezes, à “amputação” do uso da “razão” e do “exercício do poder” pelas mulheres (Saffioti, 2015, p. 37). Mas as memórias da Mônica revelam o uso desse exercício do poder por ela mesma quando, em continuidade da briga narrada, enfrentou o pai para defender a mãe, além da reação da mãe ao dar um tiro, descrita abaixo. O que chama a atenção, também, é a Mônica demarcar que ela era apenas uma criança:

“Eu era uma criança! Então eu peguei uma faca enorme e quando eu fui enfiar nele, ele estava em cima da minha mãe, quando eu fui esfaquear ele, a vizinha entrou e segurou o meu braço. Era uma vizinha que ajudava muito a gente, até hoje a minha irmã vai na casa dela. Daí ele saiu de cima da minha mãe, foi aquele alvoroço e não lembro se no dia chamaram a polícia, mas eu acho que não. Por pouco eu não fiz m... naquele dia, a faca ia pegar na barriga dele. Eu não lembro muito da última briga deles, essa foi a última vez, acho que teve umas três, já” (Mônica).

Teve uma vez que ela deu um tiro na direção dele, mas não acertou, eu tinha uns 2 ou 3 anos, (ela sorri nesse momento). Eu vivi uns 15 anos entre separação e conciliação do meu pai e da minha mãe, foi uma vida muito conturbada com ele, mas não tinha necessidade, a minha mãe poderia ter saído de casa antes. Mas acho que ela tinha medo de largar dele, eu era muito criança. Ela largou dele, ficou 1 ano separada, conheceu uma pessoa maravilhosa, mas depois voltou com o meu pai. Desta situação traz aprendizado também para ela se valorizar mais, ela precisava disso, quebrar a cara para ver que não merecia aquela situação” (Mônica).

⁴⁴ Essas(es) autoras(es) fazem uma análise desses termos, caso haja interesse, o link do artigo consta nas referências.

A violência doméstica ou a violência intrafamiliar⁴⁵ envolve afetividades, romper este “ciclo da violência” instável é muito difícil, muitas vezes isso só é possível com o apoio de alguma instituição (Saffioti, 2015), essa dificuldade é nítida na memória da Mônica quando se mostra indignada pela mãe ir e voltar com o pai, mesmo depois de tantas violências, porém logo justifica que é devido ao medo, coloca-se na história e acredita que esse medo talvez fosse por ela ser ainda criança.

No grupo domiciliar e na família não impera necessariamente a harmonia, porquanto estão presentes, com frequência, a competição, a trapaça e a violência. Há, entretanto, uma ideologia de defesa da família, que chega a impedir a denúncia, por parte de mães, de abusos sexuais perpetrados por pais contra seus (suas) próprias(os) filhas(os), para não mencionar a tolerância, durante anos seguidos, de violências físicas e sexuais contra si mesmas (Saffioti, 2015, p. 78).

De acordo com essa autora, ainda que as mulheres permaneçam convivendo com o agressor, não significa que estejam sendo passivas e cúmplices, mas reagem dentro da relação com outra estratégia. Nesse ponto, Saffioti diverge da Marilena Chaui – publicação de 1985 – e da Maria Filomena Gregori – publicação de 1989 – que vêm as mulheres, nesses casos, como cúmplices. Saffioti justifica que as mulheres só poderiam ser consideradas cúmplices caso tivessem o mesmo poder dado socialmente aos homens (Saffioti, 2015).

Eu concordo com a Saffioti, pois numa relação que envolve menor poder histórico, cultural e social, além de haver afetividade, uma decisão de separação é extremamente difícil e dolorosa, é uma mistura de sentimentos, ainda mais quando se têm filhas(os), porém em caso de violência, é necessária e urgente. Sendo assim, também concordo com a Mônica que acredita que a mãe não largou do pai antes, porque era ainda uma criança, dentre outros motivos, talvez até financeiros; ela oraliza: “*a questão financeira é bem difícil para nós, bem difícil*”. A percepção do poder masculino é observada pela Carolina (2014, p. 53) que diz: “Quando eu era menina o meu sonho era ser homem [...]”, o que não é de se estranhar, pois aos homens, na maior parte das vezes e contextos, é dado todo o poder. Aqui é possível perceber a afirmação de Portelli (2016, p. 20): “rememorar e contar, são, de fato, ações influenciadas pelo contexto histórico [...]”.

A narrativa da Mônica sobre a quase facada no pai, relatada anteriormente, lembra o filme *Cria cuervos*, de Carlos Saura, citado pela Saffioti, abaixo, que mostra como as crianças percebem o comportamento das(os) adultas(os) da família e podem agir igual:

⁴⁵ Deixo algumas vezes, durante toda a tese, duas ou mais terminologias para facilitar em futuras pesquisas quando as abordagens forem iguais ou parecidas, com termos diferentes.

[...] Cercada de **rivalidades, traições, malícia**, presentes nas relações entre os **adultos**, a **criança** pode praticar atos nada inocentes como, por exemplo, **matar**. Como o próprio título do filme indica, a família tem tudo para criar corvos prontos a abater sua presa. Via de regra, a família reúne muito menos condições para criar anjinhos. E poderia ser de outra forma, se as relações entre homem e mulher são de dominação-exploração? A **criança percebe** que, mesmo quando a **mulher ganha na argumentação**, é **sempre o homem que tem razão**, porque **ele é o chefe**, e **ele que manda** (Saffioti, 1987, p. 38, grifos meus).

Segundo Candau (2021, p. 77), a percepção do passado é atual, “o sentimento do passado se modifica em função da sociedade” e o “passado só sobrevive em forma de linguagem [...]” (Lajolo, 1984, p. 49). A memória é atual e oscilante, a experiência do passado sentida no presente é alterada conforme a(o) sujeita(o) se transforma, o que vejo como positivo, uma forma de amenizar as experiências violentas e traumáticas, familiares ou não. Nora, abaixo, traduz esse processo da memória como mágica e libertadora, veja:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] (Nora, 1993, p. 9).

Bosi (2003, p. 20) concorda com essa flutuação e afirma que a memória “caminha em curvas e desvios obrigando uma interpretação sutil e rigorosa”. Quando a Mônica oraliza que o pai a chamou de “*biscate*”, ela não revela algo que, mais tarde, no decorrer da sua história, é acrescentado à sua fala - destaque esta passagem mais adiante, o que confirma as palavras de Nora, acima, que a memória não se acomoda no que lhe é confortável e está a todo tempo disponível à dialética, entre as lembranças, os esquecimentos e as manipulações. Da mesma forma que a memória, a narrativa não é um “texto fixo e um depósito de informações, mas sim um processo e uma performance” (Portelli, 2016, p. 19), e também uma arma contra o tempo e o esquecimento (Portelli, 2004). Nesse sentido, Agostinho, diz:

Nos palácios da memória, estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie... Ali repousa tudo o que a ela foi entregue, que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou... Ai estão presentes o céu, a terra e o mar, com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recorro das ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recorro, aprendidos pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem (Agostinho, 2001, p. 98).

Aproveitando-me do “céu”, da “terra” e do “mar”, citados por Agostinho, é como se sentada na areia, em frente ao mar, contemplando o amanhecer ou o entardecer, as ondas que vão e vem e molham os meus pés, fossem a memória, essa às vezes trabalha de forma mais suave, às vezes mais intensa, às vezes aquece o coração, às vezes faz turbilhão. As imagens das experiências boas e ruins ficam guardadas na memória até que o esquecimento as leve, às vezes esse processo demora, sobretudo se a experiência for significativa, lembrando que, segundo Portelli (2016), a memória não faz oposição ao esquecimento, esse último faz parte da memória que trabalha em busca de sentidos. Ao narrar as suas histórias, a Carolina e as mulheres jovens estudantes estão em busca de sentidos e de suas identidades, a exemplo da narrativa abaixo, da Mônica:

*“[...] e nisso ele parou de me xingar, parou de falar que eu sou **biscate**, para eu dar o rabo por R\$ 100,00 e dar R\$ 50,00 para ele e ficar com R\$ 50,00 para mim, para dividir. Ele me chamava de burra. Ele me chamava de burra. Daí eu pedi desculpas para a minha mãe e falei que não ia mais aceitar essa situação e que não iria deixar ele fazer comigo o que fazia com ela. Eu vou bater de frente com ele. E fiz isso e ele foi parando. Ele viu que eu não era mais daquele jeito criancinha, inferior, então ele parou, agora está mais tranquila a nossa relação” (Mônica).*

Antes, a Mônica contou sobre o pai chamá-la de “*biscate*”, porém, ao lembrar disso novamente, acrescenta que ele falava para ela “*dar o rabo*” e “*dividir*” o “*dinheiro*” com ele, além de chamá-la de “*burra*”, o que a fazia se sentir “*inferior*”. Nesse caso, conforme bell hooks (2017, p. 223), “as palavras se impõem, lançam raízes na nossa memória contra a nossa vontade”. Isso que o pai faz é uma violência linguística, que pode ser intitulada de violência verbal, linguagem violenta ou violência de linguagem, independente do termo que se queira utilizar.

O discurso, segundo Eni Orlandi (2005), baseada em Pêcheux, “é assim palavra em movimento, [...] a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social, constitutivo do homem e da sua história” (p. 15); “a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (p. 25). Em diálogo com essa autora, Denis Cuche (2002) afirma que “as palavras têm uma história e, de certa maneira também, as palavras fazem história” (p. 17), desse modo, é possível perceber que o pai da Mônica usa a linguagem como um discurso patriarcal para agredir, inferiorizar, discriminar e estereotipar a filha.

Todo discurso é carregado de sentido e produz efeito (Orlandi, 2005), no caso da Mônica, efeitos negativos na vida dela que é filha. O abuso, a sensação de poder e a dominação do pai ultrapassam a oralidade e ele a obriga a assinar um “*Termo*”, conforme narrativa abaixo, para registrar a ordem dele, ou seja, usa da linguagem oral e da escrita para exercer, mostrar e demarcar o poder dado histórica, social e culturalmente aos homens. Nas palavras de Slavoj Žižek (2014, p. 52), “a violência verbal não é uma distorção secundária, mas o último recurso de toda a violência especificamente humana”, porque “[...] é a linguagem, e não o interesse egoísta primitivo, o primeiro e maior fator de divisão entre nós”, o que remete à Torre de Babel⁴⁶.

“O Termo continha: Eu, Mônica, não posso namorar porque eu só tenho 14 anos, eu não sou dona do meu próprio nariz, eu não trabalho, e tinha várias outras coisas. Eu escrevi uma folha de papel frente e verso. Ele e eu assinamos, ele falou que era para eu lembrar” (Mônica).

Essa narrativa lembra uma situação contada pela Carolina, abaixo, que apesar de ser sobre incesto⁴⁷, que não é o caso da Mônica, mas dialoga com a memória dela e mostra como o “poder é macho” (Saffioti, 2015, p. 33) e esse poder oferecido/construído pela sociedade dá a tranquilidade a alguns homens para abusar física, linguística/verbal e/ou psicologicamente de muitas mulheres, inclusive das filhas. Joan Scott (1991, p. 9-10) afirma que a linguagem “[...] não designa unicamente palavras, mas os sistemas de significação, a ordem simbólica que antecede o domínio da palavra propriamente dita, da leitura e da escrita [...] é através da linguagem que é construída a identidade de gênero”. Em complemento, Cuche (2002) considera que as identidades são construídas socialmente nas relações e envolvem poder, hierarquias e interesses.

Quanto ao caso de incesto, segue o relato da Carolina:

[...] Falamos do J. P., que quer amasiar-se com a sua filha I. (...) Ele mostra para a filha e convida...
 - Vem minha filha! Dá para o seu papaizinho! Dá... só um pouquinho.
 Eu já estou cansada de ouvir isto, porque infelizmente eu sou vizinha do J. P. (...) É um homem que não pode ser admitido numa casa onde tem crianças.
 Eu disse:

⁴⁶ Sobre este assunto, sugiro a leitura do artigo: Linguística, tradução e literatura: observando a transformação pela arte, da Adriana Zavaglia. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/download/4259/3851/10310>. Acesso em: 20 ago. 2024.

⁴⁷ Para saber sobre o incesto, sugiro a leitura da Saffioti (2015), que tem uma seção do livro apenas sobre essa temática.

- E por isso que eu digo que a favela é o chiqueiro de São Paulo. Enchi minha lata e zarpei, dando graças a Deus por sair da torneira. A C. disse que pediu dinheiro ao seu pai para comprar um par de sapatos, e ele disse:
 - Se você me dar a... eu te dou 100.
 Ela deu. E ele deu-lhe só 50. Ela rasgou o dinheiro e a I. catou os pedaços e colou. Por isso que eu digo que a favela é o Gabinete do Diabo.
 ...Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insipido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior.
 Percebi que estava me reanimando. Quando anoiteceu eu fiquei alegre. Cantei. O João e o José Carlos tomaram parte. Os vizinhos ébrios interferiram com suas vozes desafinadas. Cantamos a *Jardineira* (Jesus, 2014, p. 179).

Carolina diz que está cansada de ouvir sobre abusos, o que demonstra que essa situação não é esporádica, mostra-se indignada e diz que a “favela é um chiqueiro”, “Gabinete do Diabo”, sente-se “infeliz” e com “vontade de morrer”. Evidente que esta situação não é exclusiva das(os) moradoras(es) das favelas, acontece em todas as classes sociais e lugares, o que muda, geralmente, são as abordagens (Saffioti, 2015). Esse cotidiano oscilante, que às vezes nos faz bem e às vezes mal, pode ser compreendido na citação abaixo, de Michel de Certeau:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velados. [...]. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres (Certeau, 2008, p. 31).

Esse cotidiano, narrado por Carolina e pelas colaboradoras da pesquisa, é um meio de aprendizagem necessária, legítima e importante, conforme diz Carlos Ferrazo:

[...] os textos e discursos elaborados e compartilhados por esses sujeitos cotidianos da pesquisa precisam ser pensados não como citações e/ou exemplos dos discursos das autoras/autores que estudamos nas academias, mas como discursos tão necessários, legítimos e importantes quanto estes (Ferrazo, 2007, p. 78).

O cotidiano nos espera dia após dia, só acaba com a morte, mas quando é violento, como no caso da Carolina (2014) e da Mônica, com a dor de não ter nada ou quase nada para comer, com a angústia de ter que comer comida do lixo e estragada, de não ter água em casa, sob agressões físicas e verbais/linguísticas da família, vizinhas(os) e do próprio pai, com brigas, xingamentos etc., fica mais difícil suportá-lo, assim o presente martela a memória do

sofrimento diário e contínuo, igual a água que goteja. Mas esse cotidiano tem forças para ensinar quando se está disposto a narrar, a escutar, a refletir, a aprender e a compartilhar.

Suellen, abaixo, narra um trauma vivido pela mãe, na infância desta, que foi a falta de demonstrações de afetos, além de uma situação de assédio e violência que se normalizou por acontecer muito:

“A minha mãe não sabe muito demonstrar sentimentos, ela não é muito de abraçar e beijar, a mãe dela morreu quando ela tinha 3 anos, então ela não teve carinho de mãe, ela morou com outras pessoas, sofreu agressão física e psicológica, ela é traumatizada até hoje, ela já foi abusada quando era pequena, mas ela acha que tudo isso não influencia nela hoje” (Suellen).

“Sempre quando eu andava na rua os homens assobiavam e fulavam: — Óh lá em casa, isso é aquilo! Daí uma época eu comecei a estranhar e a me questionar: — Será que eu estou feia?! Eu comecei a ficar frustrada, porque eu normalizei isso na minha cabeça. Depois eu parei para pensar e falei: — Meu Deus, não faz sentido! Era tão normal, acontecia com tanta frequência. Eu abaixava a cabeça e seguia, vou fazer o quê?” (Suellen).

Sobre os abusos e as classes sociais, Saffioti diz:

Imputar aos pobres uma cultura violenta significa pré-conceito e não conceito. A **violência de gênero**, especialmente em suas modalidades **doméstica e familiar**, ignora fronteiras de classes sociais, de grau de industrialização, de renda per capita, de distintos tipos de cultura (ocidental x oriental) etc. Aliás, é mais fácil entender relações incestuosas quando, às vezes, nem mesmo um cobertor separa os corpos do que nas residências em que cada um tem seu próprio dormitório. Esta questão da pobreza relacionada à violência não tem sido posta em termos adequados. Pode-se interrogar a realidade, a fim de se tentar descobrir se as condições materiais que caracterizam a pobreza têm um peso significativo na produção da violência. Como desencadeadoras da violência, acredita-se que tenham uma função, como, aliás, tem o **álcool** (Saffioti, 2015, p. 87-88, grifos meus).

Saffioti fala do álcool como um desencadeador de violência e a Carolina (2014) também narra sobre isso em diversos momentos em *Quarto de Despejo*, inclusive na passagem já citada que fala do incesto, e após toda tristeza e indignação, ao anoitecer, tentando se reanimar, canta com os seus dois filhos, João e José, a marchinha de carnaval intitulada *Jardinagem*, ao som das vozes dos alcoolizados da favela. Na obra há diversas personagens que têm problemas com o álcool, a exemplo do senhor Ismael; do Adair Mathias; do Ramiro; do Arnaldo que ficou “estupido, pornográfico, obsceno e alcoolatra” (p. 51), do

Valdemar; do Alexandre; da Maria José, conhecida como Zefa, e da Leila. Aqui, entre outras passagens, nota-se o “entrelugar” (Santiago, 2000), já que é possível observar o trânsito da Carolina entre o código culto e os desvios da língua portuguesa, o que não demarco como um problema, ao contrário, ela foi atrevida e ousada e tem minha admiração por isso, cito apenas para observação dos “entrelugares” da linguagem e da vida, sobretudo no Brasil pelo contexto colonial. Sobre esse “entrelugar” e atrevimento, vale acrescentar uma passagem de Lajolo, citada por Fernandez (2015, p. 236): “Carolina de Jesus não cedeu à mídia, nem aos projetos da direita ou da esquerda, permanecendo sem uma definição de lugar”.

As memórias da Suellen são semelhantes às da Mônica, já citadas, porque as duas sofrem agressões verbais do pai; no caso da primeira, foi quando ele estava desempregado, conforme abaixo:

*“Meu pai, hoje em dia não, mas antigamente ele **ofendia a gente com palavras**. Por exemplo, a minha mãe trabalhava fora e **ele estava desempregado**, e quando a gente fazia alguma coisa que ele não gostava ele nos ofendia com palavras, também **chamava a gente de inútil**. Eu cresci num ambiente com **brigas**. Eram **agressões verbais**. Eu cresci **reprimida**, até hoje eu não sei lidar com as minhas emoções”* (Suellen).

Assim, o gênero, a família e o território domiciliar contêm hierarquias, nas quais os homens figuram como dominadores-exploradores e as crianças como os elementos mais dominados-explorados. Nos termos de Welzer-Lang, “**a violência doméstica tem um gênero: o masculino**, qualquer que seja o sexo físico do/da dominante” (Saffioti, 2015, p. 78, grifos meus).

Suellen, em sua oralidade, faz questão de demarcar que as violências do pai eram quando ele “*estava desempregado*”. Ela, mesmo ainda muito jovem, percebeu, sabiamente, a relação do desemprego com a violência intrafamiliar (Saffioti, 2015). Essa autora cita as duas faces do poder, uma contém a “potência” e a outra a “impotência” (p. 89), dessa forma, as mulheres são ensinadas a viver, em muitos sentidos da vida, com o lado da impotência, já os homens, ao contrário, com a potência. O desemprego para os homens está relacionado com a impotência, situação em que as chances de serem violentos aumentam, porque o papel deles de provedor se inverte, principalmente se a mulher estiver trabalhando, assim ela fica no topo da hierarquia da casa, acima dele, que foi o caso da mãe e do pai da Suellen, o que gerou a violência dele contra a filha.

As narrativas das memórias da Suellen revelam que ela, ainda no presente, não consegue lidar com as emoções, nesse aspecto, a Saffioti (2015, p. 79) afirma que todas “as

violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente” e sempre deixam marcas emocionais difíceis de serem curadas. Isso pode ser visto também quando ela cita a falta de afeto da mãe e a violência que esta sofreu na infância.

Mônica, abaixo, lembra e narra mais um trauma:

“E como meu pai era muito safado e traía muito a minha mãe, eu tenho esse medo de ser traída, de ter um homem igual ao que meu pai foi para a minha mãe” (Mônica)

O que se mostra de difícil utilização é o conceito de violência como ruptura de diferentes tipos de integridade: física, sexual, emocional, moral. Sobretudo em se tratando de **violência de gênero**, e mais especificamente **intrafamiliar e doméstica**, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de **suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos** (Saffioti, 2015, p. 79-80, grifos meus).

Essa sujeição relatada pela autora lembra a obra *A confissão da leoa*, de Mia Couto que, entre outras questões, fala sobre a condição de muitas mulheres; no diálogo entre pai e filha, abaixo, é possível observar um desses momentos:

Decidi então intervir, em defesa de minha mãe. Ao me ver sair da penumbra, as fúrias redobraram em meu pai: ergueu o braço, pronto para impor o seu reinado.
 — Vai-me bater, pai?
 Ele fitou-me, perplexo: sempre que me assomam raivas, os meus olhos se clareiam, incandescentes. Genito Mpepe baixou o rosto, incapaz de me enfrentar.
 — Sabe quem chamou o caçador? — perguntei.
 — Toda a gente sabe: foram os do projeto, esses da empresa — respondeu meu pai.
 — Mentira. Quem chamou o caçador foram os leões. E sabe quem chamou os leões?
 — Não vou responder.
 — Fui eu. Fui eu que chamei os leões.
 — Vou dizer-lhe uma coisa, escute bem — declarou, zangado, nosso pai. — Não olhe para mim enquanto falo. Ou já perdeu o respeito?
 Baixei os olhos, como fazem as mulheres de Kulumani. E voltei a ser filha enquanto Genito reganhava a autoridade que, por momentos, lhe havia escapado.
 — Quero-a aqui fechada quando chegar esse caçador. Está a ouvir?
 — Sim.
 — Enquanto essa gente estiver em Kulumani, você nem despona o nariz fora de casa.
 O silêncio se reinstalou no quarto. Eu e a mãe sentámo-nos no chão como se fosse o último lugar no mundo.
 Toquei o seu ombro num esboçado gesto de conforto.
 Ela desviou-se. Num instante, estava refeita a ordem do universo: nós, mulheres, no chão; o nosso pai passeando-se dentro e fora da cozinha, a exhibir posse da casa inteira. De novo nos regíamos por essas leis que nem Deus ensina nem o Homem explica (Couto, 2012, p. 25-26).

3.2 MEMÓRIAS DA MULHER/MÃE

“Agora mora a minha mãe, a minha irmã e eu, juntas (Mônica).

“Hoje eu vivo só com a minha mãe e dois irmãos” (Aline).

Suellen é a única colaboradora da pesquisa que o pai mora junto, a Mônica e a Aline moram com a mãe e com as(os) irmãs/irmãos, igual a Carolina (2014) com os seus filhos e a filha. Muitas vezes, sobreviver sozinha no papel de mãe, quando há solidão e/ou abandono, é como tecer rendas para não cair. Na passagem abaixo, Grada Kilomba fala sobre a “Outridade dupla” que pode ser entendida como a solidão de muitas mulheres, duplamente com as pretas e pardas:

Mulheres negras, por não serem nem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade. [...] As mulheres brancas têm um status oscilante, como o eu e como a “Outra” dos homens brancos porque elas são brancas, mas não homens (Kilomba, 2019, p. 190; 191).

Sobre estar casada e/ou com algum companheiro, Carolina, vendo toda a situação de violência de gênero, violência doméstica e/ou violência intrafamiliar na vizinhança, relata:

[...] Elas [as vizinhas] alude que eu **não sou casada**. Mas eu sou **mais feliz do que elas**. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a **pedir esmolas**. São sustentadas por associações de caridade.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. **Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los**. E elas, tem que **mendigar e ainda apanhar. Parece tambor**. A noite enquanto elas pede **socorro** eu **tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses**. Enquanto os **esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados**. **Não invejo as mulheres casadas** da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis (Jesus, 2014, p. 16-17, inserção e grifos meus).

Carolina deixa explícito que não inveja a vida das mulheres da favela que são casadas porque presencia, quase cotidianamente, as violências em que estão submetidas por causa de homens violentos; isso não significa que não queira viver uma paixão, a exemplo do caso do cigano Raimundo, porém está consciente de que não quer um relacionamento violento e danoso, haja vista que pensa nos filhos, na filha e na sua vida de escritora que exige tempo e dedicação, além do seu trabalho árduo diário de catadora de papel. Sobre a atração com o cigano, que a beijou, Carolina relata:

Quando a noite surgiu, ele veio. Disse que quer estabelecer, porque quer por os filhos na escola. Que ele é viuvo e gosta muito de mim. Se eu quero viver ou casar com ele. Abraçou-me e beijou-me. Contemplei a sua boca adornada de ouro e platina. Trocamos presentes. Eu dei-lhe doces e roupas para os seus filhos e ele deu-me pimenta e perfumes. A nossa palestra foi sobre arte e musica.

Disse-me que se eu casar com ele que retira-me da favela. Disse-lhe que não me adapto a andar nas caravanas.

Ele disse-me que é poética a existência andarilha. Ele disse-me que o amor de cigano é imenso igual o mar. É quente igual o sol.

Era só o que me faltava. Depois de velha virar cigana. Entre eu e o cigano existe uma atração espiritual. Ele não queria sair do meu barraco. E se eu pudesse não lhe deixava sair. Convidei-lhe para vir ouvir o radio. Ele perguntou-me se sou sozinha. Respondi-lhe que eu tenho uma vida confusa igual um quebra-cabeça. Ele gosta de ler. Dei-lhe livros para ele ler.

Fui ver o aspecto do barracão. Ficou mais agradável depois que ele armou as camas. O João foi chamar-me, dizendo que eu estava demorando (Jesus, 2014, p. 16-17).

Já que João cortou o clima de romance da mãe, volto ao assunto da ajuda de terceiros com alimentos que Carolina critica na citação anterior a esta. Entretanto, ela também recebe ajuda, por exemplo: “Peguei a sacola e fui. Era o dono do Centro Espirita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão. Fiquei contente” (Jesus, 2014, p. 12), entendo que a questão aqui é que ela não espera apenas pelas doações, mas cata papel e tudo o que acha para vender, além de outros serviços para o próprio sustento e o da família, veja:

[...] fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. [...] Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...) Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, uma latas , e lenha (Jesus, 2014, p. 12).

Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer [...] (Jesus, 2014, p. 39).

Em destaque à mãe, Mônica e Aline oralizam:

*“A minha mãe hoje em dia é tudo para mim, ela é uma **mulher maravilhosa e batalhadora!**” Hoje eu cuido da minha irmã porque a minha mãe trabalha demais, ela é doméstica, ela trabalha muito e ela sempre foi e sempre vai ser uma **ótima mãe, uma amiga para mim**” (Mônica).*

*“Um dos meus irmãos se envolveu com aquele pessoal e quase foi morto por duas vezes, acho que estavam perseguindo ele. Na segunda vez, um amigo de infância nosso, que estava junto com o meu irmão e outras pessoas, **foi atingido por um tiro e morreu na frente de casa**, ouvimos o barulho de dentro de casa, quando saímos, já tinha um monte de gente na rua e o corpo dele estava no chão; eu lembro desta cena, eu era bem criança, eu não consigo esquecer, está ainda bem lúcida na minha mente. Isso abalou muito a minha mãe e reforçou o desejo que ela já tinha há muito tempo de vir para Cuiabá, não me lembro quanto tempo depois, mas viemos. No começo, ninguém queria vir, eu não me lembro de contestar porque eu era bem criança, mas eu me lembro que meus irmãos não queriam, teve um que queria ficar e morar com o pai dele, mas a minha mãe não deixou, um ficou por uns cinco meses e depois a minha mãe comprou passagem para ele vir, e assim a **minha mãe tirou todos nós de lá**” (Aline).*

Carolina, conforme a seguir, mesmo vomitando e com tontura, sai para pegar água na torneira da favela, enquanto isso, seus dois filhos e a filha estão muito preocupados(a) se a mãe vai morrer, ameaçam dar uma “porrada” na morte se ela chegar e não deixam a mãe sozinha:

Passei o dia na cama. Vomitei bílis e melhorei um pouco. Fui carregar água. O João ficou contente. Perguntou-me se eu estou melhor. (...) Fiquei com tontura, deitei novamente.

... Os filhos estão com receio de eu morrer. Não me deixam sozinha. Quando um sai, outro vem vigiar-me. Dizem:

- Eu quero ficar perto da senhora, porque quando a morte chegar eu dou uma porretada nela.

Eles estão tão comportados. Ficam confabulando:

- Se ela morrer nós vamos para o Juiz⁴⁸.

O José Carlos perguntou-me se a gente vê a morte chegar. A Vera me mandou cantar.

... O José Carlos foi na feira catar qualquer coisa. Catou milho, tomate e beringelas. Eu almocei, fiquei mais disposta. Quando eu dou um gemido os filhos choram com medo do Juiz. O José Carlos disse-me:

- Sabe, mamãe, quando a morte chegar eu vou pedir para ela deixar nós crescer e depois ela leva a senhora.

... Para tranquilizá-los eu disse que não ia morrer mais. Ficaram alegres e foram brincar. [...] (Jesus, 2014, p. 158-159).

É possível notar o protagonismo das mulheres mães nas memórias das colaboradoras da pesquisa, Mônica e Aline, bem como nas da Carolina (2014) na proteção à filha e aos filhos, assim, as mães são lembradas e exaltadas como amigas, provedoras financeiras e/ou ao tirar toda a família de perto do perigo.

⁴⁸ Juizado de Menores (Jesus, 2014, p. 158).

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe sua diferença em termos de ponto de vista (Bosi, 1994, p. 55).

Por mais “lúcida” que a imagem do corpo do amigo negro estendido no chão esteja para a Aline, quando ela relembra e narra, reconstrói a experiência baseada no hoje, é uma imagem em constante atualização no tempo presente. Conforme Ulpiano Meneses (1992, p. 11), “a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É no presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar”. Essa memória narrada pela Aline, dialogando com as mortes da população negra no Brasil, lembra o conto *Fumaça do Mal*, de minha autoria, que aborda questões de gênero, raça e classe, especialmente sobre a terrível situação vivenciada pelo Genivaldo, em Sergipe, nordeste do país, em 2022⁴⁹, que morreu logo após ser trancado no porta-malas de uma viatura da polícia rodoviária federal e obrigado a respirar gás lacrimogêneo, veja um fragmento do conto:

Em seguida, mesmo com G se debatendo, os dois vultos tentavam colocá-lo e trancá-lo no porta-malas de um veículo que lembrava um carro assombrado. Com o corpo do G quase todo dentro do porta-malas, **só as pernas estavam ainda de fora, começou a sair muita fumaça por todos os lados e G se debatia ainda mais, já quase sem conseguir respirar**. Só dava para enxergar as suas pernas, que **não eram brancas**, se debatendo em meio a muita fumaça, parecia uma **situação de guerra**. Passados alguns minutos as suas pernas se acalmaram, lembrou o minuto de silêncio que G fez com a família na hora do almoço. Nessa hora os vultos conseguiram trancá-lo lá dentro e **desapareceram com ele para sempre** (Oliveira, 2022, p. 85, grifos meus).

Na obra *Diário de Bitita*, da Carolina, publicada em 1986, ela narra uma memória de infância, quando tinha seis anos, em Sacramento–MG, parecida com a da Aline, sobre racismo, violência policial, pobreza e xenofobia:

⁴⁹ A matéria sobre este caso está disponível em: [Caso Genivaldo: um ano após homem ser morto asfixiado pela PRF, viúva diz que filho ainda não sabe que pai foi torturado | Sergipe | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/sergipe/noticia/2023/07/31/caso-genivaldo-um-ano-apos-homem-ser-morto-asfixiado-pela-prf-viuv-a-diz-que-filho-ainda-nao-sabe-que-pai-foi-torturado-sergipe-g1-globo-com.html). Acesso em: 31 de jul. 2023.

O fato que me horrorizou foi ver um soldado matar um preto. O policial deu-lhe voz de prisão; ele era da roça, saiu correndo. O policial deu-lhe um tiro. A bala penetrou dentro do ouvido. O soldado que deu-lhe o tiro sorria dizendo:

— Que pontaria que eu tenho!

[...]

O soldado que matou o nortista era branco. O delegado era branco. E eu fiquei com medo dos brancos e olhei a minha pele preta. Por que será que o branco pode matar o preto? Será que Deus deu o mundo para eles? Eu tinha excesso de imaginação, mas não chegava a nenhuma conclusão nos fatos que presenciava (Jesus, 1986, p. 112; 113).

De volta ao protagonismo das mulheres mães, a própria Carolina diz: “Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa” (Jesus, 2014, p. 48), e boa também foi a Carolina mãe, conforme trecho abaixo, entre vários outros, a maternidade é um tema bastante presente em *Quarto de Despejo*:

[...] As vezes eu ligo o radio e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o meu João José disse:

- **Que mamãe boa!** (Jesus, 2014, p. 20, grifos meus).

Aline, colaboradora da pesquisa, aos 16 anos, no 3º ano do ensino médio, tornou-se mãe e teve que enfrentar alguns obstáculos. Ela narra:

*“Logo depois, veio um outro sofrimento porque a minha filha estava com **6 meses** e eu estudava em período integral alguns dias na semana e ela não se adaptou longe de mim. Foi aí que meu amigo disse que iria me apoiar. Nesse período, o pai da minha filha também estudava no IFMT, mas em outro curso. Meu amigo e eu falamos com a coordenadora do nosso curso e ela apoiou que eu trouxesse a minha filha para as aulas. Meu amigo foi até a minha casa para irmos juntos ao IFMT, no primeiro dia em que **a minha filha estaria presente na sala de aula**. Eu me senti muito acolhida por todos, claro que as pessoas olhavam com um certo estranhamento, mas todos queriam ajudar, abraçar e apadrinhar a minha filha, eu me senti muito bem. Mas foi ficando difícil porque a minha filha chorava e eu tinha que sair da sala de aula com ela, eu vinha de ônibus com ela e isso tudo me desgastou muito, foram duas semanas muito cansativas [...]”* (Aline).

O “*outro sofrimento*” que a Aline conta no começo da narrativa acima, refere-se ao divórcio do pai e da mãe, momento em que ela chora ao relembrar, o que mostra que essa ferida ainda não está totalmente curada, se é que um dia estará – as ondas do mar não apagaram essas pegadas – mas com o passar do tempo pode amenizar ou cair no

esquecimento. Aline, na identidade de mãe, mostra-se muito valente com apenas 16 anos, sem desistir dos estudos e ao levar a filha, ainda neném, de ônibus para as aulas. Esta memória lembra a história da Carolina com a filha Vera, que após os afazeres domésticos, saía para catar papel e suportava o peso do saco na cabeça e da filha nos braços:

Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo (Jesus, 2014, p. 22).

Aline e Carolina não param diante das dificuldades da vida, as duas se mostram mulheres aguerridas, corajosas, lutadoras e boas mães, cada uma à sua maneira e nas suas condições. Aline e o namorado, pai de sua filha, terminaram o namoro e depois voltaram, mas relata:

*“A nossa relação é complicada porque a **mulher fica com todas as responsabilidades, a mulher sempre faz mais, a carga fica sobre a mulher.** Ele está lá na casa dele e eu fico com a minha filha na maior parte do tempo com todas as preocupações, eu estou aqui no integral hoje, no IFMT, e fico pensando que poderia estar com ela, tenho sempre esta preocupação pensando em como ela está. Hoje é um dia que ele está com ela. A minha responsabilidade parece ser **três vezes maior do que a dele**, isso eu acho uma **injustiça** porque quando a gente não vive no mesmo ambiente acaba tendo esse desfalque”* (Aline).

As narrativas das memórias da Mônica, da Suellen e da Carolina (2014), apresentadas e analisadas até o momento, revelam que esta carga é “*três vezes maior*” sobre a mulher, inclusive a Aline oraliza que não é apenas quando não se mora com o pai da(o) filha(o), mas está presente mesmo quando o homem que é marido/companheiro/pai mora junto, por mais que os problemas sejam diferentes. Esta narrativa da Aline é parecida com a da Carolina, que em um dia em que a Vera estava doente, diz: “Eu não posso contar com o pai dela” (p. 66).

A maternidade, de acordo com Knibiehler, citado pela Livia Dorna (2018, p. 69-70), “[...] não é mais considerada como um fato da natureza, [...]; é uma parte integrante da cultura, em evolução contínua’ [...] As experiências do maternar podem se diferenciar amplamente também de acordo com as classes sociais e as raças daquelas que maternam”, é o caso da Aline e da Carolina, que sob o jugo da raça, da classe e do gênero, dentre outros

fatores - da Aline acrescenta a pouca idade - gestaram e seguiram com a maternidade com amor, carinho, dedicação e esperança.

*“Quando eu era criança, eu lembro que eu não usava brinco, ainda não uso. Eu fui em uma vendinha e o moço falou que eu pareço um menino porque eu não uso brinco e uso meu cabelo todo para cima. Eu fiquei bem quietinha, não respondi nada a ele. Quando eu cheguei em casa, contei para a minha mãe, ela sempre me apoiou. Falei para ela que eu queria alisar o cabelo, que cansei! Daí ela falou que eu não ia alisar até eu ter 18 anos, depois disso eu poderia fazer o que eu quisesse com o meu cabelo. **Eu amo meu cabelo, não quero mais alisar**, eu o aceitei desde nova. Ela sempre falava para eu passar creme, fazer cachinhos e **elogiava meu cabelo, ela me ajudou a me identificar do jeito que eu sou**”* (Aline).

Aline começa a sua narrativa dizendo que era “criança”, ou seja, uma etapa da vida que deveria ser, no mínimo, sem cobranças por padrões - apesar de que isso deveria ser em todas as etapas da vida - porém mesmo assim é cobrada por um homem que, para piorar a situação, nem é próximo a ela. Este relato sobre preconceito e cobranças em torno da estética feminina lembra o conto *Nojo*, da Divanize Carbonieri (2020), que é escrito propositalmente sem pontuações e conforme a oralidade do cotidiano, segue um trecho:

[...] imagino que pra você **foi uma libertação** porque agora você já pode **balançar o cabelo** e antes você não podia né **não** tinha como **teu cabelo só crescia pra cima** tá certo que as trança não é tão fina quanto o cabelo de verdade mas tá bom né já dá uma sensação do cabelo solto no ombro e **pra lavar** como é que você lava não **apodrece tudo na raiz** [...] (Carbonieri, 2020, p. 39, grifos meus).

Essa oralidade revelada no conto é como se o verbo estivesse “encarnado na escritura” (Zumthor, 1993, p. 113), o que lembra o tipo de linguagem do *Quarto de Despejo*, já discorrida, principalmente, na seção 2. Se a Aline fosse branca e tivesse o cabelo liso, provavelmente não sofreria este preconceito de gênero e racial. Lembrando que as mulheres, independente da raça ou cor, haja vista a miscigenação no país - que em muitos casos foi por meio da violência - estão sujeitas aos preconceitos de gênero, de classe, estéticos, étnicos, gordofóbicos, etários, religiosos, xenofóbicos, capacitistas entre outros. Quanto ao racismo, segue o relato da Carolina:

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu **adoro a minha pele negra**, e o meu **cabelo rústico**. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu **quero voltar sempre preta**.

... Um dia, um branco disse-me:

- Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (Jesus, 2014, p. 64-65, grifos meus).

O racismo impediu que os textos da Carolina fossem aceitos pelos diretores do circo e é muito provável que o gênero também. Apesar disso, com toda a sua sabedoria, inteligência e atrevimento, ela narra a sua satisfação e criticidade sobre seu cabelo e sua pele preta, inclusive com alusão à fome, dor que convive. Esse atrever lembra a passagem narrada por Hartmann (2022, p. 59), sobre a história de uma mulher professora jovem negra estadunidense chamada Ida Wells, que vestida com trajes elegantes, negou o pedido do condutor do vagão de primeira classe para brancas(os), para ir ao vagão segregado; com sua recusa, ele tentou tirá-la a força agarrando-a com as suas mãos ásperas, mas ela o mordeu e se agarrou no banco, porém vieram outros homens e juntos a arrastaram para o vagão segregado. Enquanto a violência acontecia, as mulheres passageiras brancas, sentadas em seus lugares acolchoados, batiam palmas, já que ela “não era uma mulher. Era uma negra”. Baixar a cabeça para a dominação branca não estava em seus planos, assim como não está nos planos da Carolina. Wells compartilhou essa história porque “o gosto amargo das palavras presas na garganta poderia ter causado náusea” (p. 60). Então ela diz: “*Era melhor morrer lutando contra a injustiça do que como um cão ou um rato na ratoeira*” (p. 62-63).

Quanto ao gênero, conforme já discutido, Carolina (2014) fala sobre o desgosto de ser mulher, essa passagem lembra a narrativa da Aline quando ouviu as afrontas do “*moço da vendinha*” que a fez ficar “*bem quietinha*”. Porém, ao contrário do que fez esse homem, esta pesquisa oportuniza à Aline romper esse silêncio, falar de si da maneira que quiser, é a ressurreição da “voz [que] jaz no silêncio [...]” (Zumthor, 2005, p. 12). Ao falar, ressoa em sua concha o eco deste deserto antes da ruptura [...]”. Para Ong (1998, p. 16), a “expressão oral pode existir - e na maioria das vezes existiu - sem qualquer escrita; mas nunca a escrita sem a oralidade”.

No entanto, o silêncio contém significados e produz sentidos (Orlandi, 2007), desse modo, como cita Antonie Galland, em *As mil e uma noites*, vol. III, de 1965, citado por Edna

Rivera (2019), foram as narrativas, as pausas e os silêncios das histórias de Sherazade que fizeram com que a vida dela fosse prolongada. Assim, a Aline silenciou naquele momento específico, deu significado, depois contou para a mãe e agora transmite a sua experiência que, segundo Cléo Busatto (2013, p. 62), soa como “[...] pingos de leite para os ouvidos do espectador da história narrada”, e conforme Beatriz Sarlo (2005, p. 26): “[...] chamamos de experiência o que pode ser posto em relato, algo vivido que não só se sofre, mas se transmite”.

Evaristo, em seu conto *Olhos D'água*, relata a memória de sofrimento, mas também sobre a importância das mulheres na vida dela, inclusive da mãe:

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (Evaristo, 2016, p. 18).

Nesse caminho, a mãe da Aline, logo depois do ocorrido, foi quem a escutou, a apoiou e a orientou com toda sua sabedoria e experiência de vida, dizendo que enquanto a filha não chegasse aos 18 anos, não deveria alisar os cabelos. Nesse ínterim, no dia a dia a mãe passava creme nos cachos da filha e a elogiava, o que foi fundamental para a Aline passar a amar o cabelo e não querer mais alisá-lo e narra: “*ela (a mãe) me ajudou a me identificar do jeito que eu sou*”, ou seja, a mulher e mãe se destaca de forma positiva na vida da filha. Essa boa atitude de mulher e mãe junto à(o) filha(o) ou à criança, lembra o que a Carolina (2014, p. 38) diz: “O meu sorriso, as minhas palavras ternas e suaves, eu reservo para as crianças”.

Essas narrativas revelam, além de outros fatores, que a contemporaneidade afastou a experiência, ela mora fora e não mais dentro da(o) sujeita(o), traduzi-la é praticamente impossível, mas a mãe da Aline, quando elogiou e orientou a filha que sofreu racismo, na questão do cabelo, transformou a situação de forma positiva, isso mostra a autoridade e resistência da experiência, sobre isso, Agamben diz:

Porque a experiência tem o seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe, nem ao menos o alfora a ideia de fundamentar em uma experiência a própria autoridade. Ao contrário, o que caracteriza o tempo presente é que toda autoridade tem o seu fundamento no “inexperienciável”, e ninguém admitiria aceitar como válida uma autoridade cujo único título de legitimação fosse uma experiência. [...] (Agamben, 2008, p. 23).

À noite, depois dos muitos compromissos e informações - trabalho, estudo, notícias e/ou até diversão – a(o) sujeita(o) está exausta(o) e nada se traduz em experiência, situação difícil de suportar. É preciso parar para refletir, experienciar e transmitir, visto que o cotidiano não é banal, ele ensina, pois “todo evento, por mais comum e insignificante, tornava-se a partícula de impureza em torno da qual a experiência adensava, como uma pérola, a própria autoridade” (Agamben, 2014, p. 22).

Esse autor traz o conto de Tieck, *O supérfluo na vida*, que relata sobre um jovem casal de amantes que resolve renunciar a tudo e viver recluso dentro do quarto, sem contato ou aquisição de nada externo. Com muito frio e sem mais lenha, o casal resolveu utilizar a escada de madeira para se aquecer, porém era o único acesso ao resto da casa, e assim ficaram mais isolados do mundo externo, apenas cheios de amor. De acordo com Tieck, a escada destruída era a experiência sacrificada em troca do “conhecimento puro”. Quando o senhorio que alugou o andar de cima para o casal, chega na casa, o inquilino Henrique zomba dele e diz: “— Ele quer sustentar-se com a velha experiência de quem está no chão e quer subir, movendo-se lentamente, degrau por degrau, à altura da compreensão mais alta; entretanto não poderá jamais seguir a intuição imediata que temos [...]” (p. 24). Entretanto, não é recomendável que o conhecimento se desvincilhe da experiência, uma vez que são dois caminhos importantes para qualquer aprendizagem por meio da autoridade que é a palavra, e seguindo os conselhos de Benjamin (2012, p. 217) “o narrador retira o que ele conta da experiência: da sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

De volta ao assunto dos preconceitos sofridos pelas colaboradoras, Aline evoca, pela memória narrada, que as pessoas tinham preconceito pela sua “*magreza*”, já a Suellen conta sobre o preconceito sofrido por ser “*baixa*”, “*peluda*” e o preconceito religioso:

*“As pessoas sempre falavam também da minha **magreza**, mas eu nunca liguei porque eu gosto de mim do jeito que eu sou. Eu não demorei muito para me aceitar porque a minha mãe e o meu pai, na época em que estavam juntos, eram bem firmes comigo neste sentido. Eles falavam que eu era linda do meu jeito, sem precisar mudar nada. Eu fui aprendendo a não ligar para o que as pessoas falam e a entender as pessoas da forma que elas são, as pessoas são diferentes mesmo”* (Aline).

Eu já sofri bullying por ser baixa, por ser peluda, me chamavam de lobisomem por causa dos pelos, por ser crente e por morar na igreja. Acho que por conta disso eu fico no meu mundinho e não interajo muito com as pessoas. [...] (Suellen).

Existe o preconceito contra as(os) sujeitas(os) “gordas(os)” - que estão acima do peso estabelecido socialmente como belo e saudável - e existe a “ditadura” da magreza sobre as mulheres. Nesse aspecto, uma das personagens do conto da Carbonieri (2020) deseja fazer uma cirurgia bariátrica porque não consegue emagrecer por conta própria e diz: “[...] é a única maneira que vejo de não parecer mais uma baleia as pessoas com certeza me trataria bem melhor se eu fosse magra poderia fazer vários tipo de personagem do jeito que eu sou [...]”, no conto há outros relatos sobre a aparência como ter a “testa grande” (p. 15), “dentão pra fora” (p. 37), “estria” (p. 41) etc. Desse modo, conforme narrado pela Aline e pela Suellen, nota-se o quanto a mulher na sociedade brasileira sofre diversos tipos de preconceitos, independente do seu estereótipo, acima ou abaixo do peso “ideal” é motivo para serem atacadas; o da magreza é visto com menor frequência, mas existe, o relato da Suellen mostra isso.

Esses preconceitos sobre as mulheres somam-se a outros nas fronteiras da vida e na sina de não poderem abdicar de alguns sonhos porque se referem às necessidades básicas de sobrevivência, por exemplo: sonho de ter o que comer, de ter de onde tirar o próprio sustento e o da família, o sonho de poder refletir, pelo brilho dos olhos: esperança e vida, e não o brilho das lágrimas: de morte e desesperança. Sobre isso, abaixo, trago o poema *Uma litania pela sobrevivência* da Audre Lorde (2020, p. 83), que fala dessas sobrevivências e injustas trajetórias marcadas pelo tempo que se inscreve nas linhas do rosto e do corpo; porém a palavra, oral ou escrita, ajuda a aliviar o peso do cotidiano, é assim que a Carolina (2014), as colaboradoras da pesquisa e as suas respectivas mães, vivem. A elas e a todas as outras mulheres que lutam pela própria sobrevivência e a das(os) suas(seus), inclusive à minha mãe, dedico esta leitura e reflexão:

Uma litania pela sobrevivência

Para aquelas entre nós que vivem na margem
de pés sobre limites constantes da decisão
crucial e solitária
para aquelas entre nós que não podem se dar ao luxo
de abrir mão dos sonhos de ter escolhas
que amam em vãos de portas indo e vindo
nas horas entre os amanheceres
olhando para dentro e para fora

ao mesmo tempo antes e depois
 em busca de um agora que possa cultivar
 futuros
 como pão nas bocas de nossos filhos
 para que os sonhos deles não reflitam
 as mortes dos nossos;
 Para aquelas de nós
 que fomos marcadas com o medo
 como uma linha tênue no meio de nossas testas
 aprendendo a sentir medo desde o leite materno
 pois com essa arma
 essa ilusão de alguma segurança a ser encontrada
 esperavam nos silenciar com seus pés pesados
 Para todas nós
 este instante esse triunfo
 Nós nunca estivemos destinadas a sobreviver.

[...] Então é melhor falar
 lembrando
 nunca estivemos destinadas a sobreviver.

Suellen, que a família toda é evangélica, oraliza que cresceu “*reprimida*”, que a mãe sofreu abuso na infância e apanhou da patroa. Mônica narra que era evangélica, a mãe também talvez fosse, mas ela não afirma isso, e ficou muito tempo com o marido agressor, inclusive voltou com ele por um momento. A religião não é foco desta pesquisa, mas já que foi citada pelas 2 colaboradoras, é importante demarcar que a violência doméstica também acontece em lares religiosos, conforme as pesquisas da Valéria Vilhena (2009), ou seja, nenhuma mulher está livre, a violência não escolhe religião, crença, raça, cor, classe, gênero, escolaridade etc., o “nó” é “frouxo” (Saffioti, 2015) e permite diversas intersecções de sofrimentos.

3.3 MEMÓRIAS DA FOME

*“Antigamente nós morávamos no terreno da igreja, eu já sofri bullying por isso! [...] Nós morávamos no terreno da igreja porque **meus pais não tinham casa**”* (Suellen).

*“Eu me vejo passando no ENEM esse ano, se Deus quiser, **fazendo a minha faculdade**. Mas daí eu já penso em conciliar a faculdade e o trabalho, porque não dá, vai pesar. Estudando, trabalhando, adquirindo a minha casa, as minhas coisinhas. Meu **sonho é ter a minha casa com móveis planejados**. E o maior deles é morar em um condomínio fechado. Eu acho muito chique!”* (Suellen).

As narrativas da Suellen revelam o cumprimento da missão do IFMT que, conforme já citada na seção introdutória, é: “Educar para a vida e para o trabalho”. Entretanto, mostram também que ela sofre preconceito de classe por não ter uma casa própria, diz que seu sonho é “*ter a minha casa com móveis planejados*” e “*morar em um condomínio fechado*”, mas logo lembra da dura realidade que é a de conciliar os estudos com o trabalho e relata: “*não dá*”, “*vai pesar*”, e pesa mesmo, é difícil; eu já passei por isso: acordar de madrugada, ir trabalhar, depois direto à faculdade e chegar em casa tarde da noite, rotina de muitos e muitos anos, com trabalho e estudo e depois só com o trabalho. Entretanto, muito esperta e conhecedora da realidade, Suellen narra, logo em seguida, que se vê “*estudando, trabalhando, adquirindo a minha casa, as minhas coisinhas*”; ela acredita que uma flor pode romper o asfalto, então sonha e luta. Uma parte do poema *A flor e a náusea*, de Carlos Drummond de Andrade (2002, p. 119) fala sobre isso:

A flor e a náusea

Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralise os negócios, garanto que uma flor nasceu.
 Sua cor não se percebe. Suas pétalas não se abrem.
 Seu nome não está nos livros.
 É feia. Mas é realmente uma flor.
 Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
 É feia. Mas é uma flor.
 Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

O sonho da Suellen em ter uma casa lembra o sonho da Carolina, abaixo, que é deixar de morar na favela para morar em casa de alvenaria:

[...] Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha (Jesus, 2014, p. 39).

Carolina considera “São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Jesus, 2014, p. 32), ela intitula a favela de “quarto de despejo” e com consciência política e de classe

afirma que está “escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. [...]” (p. 27).

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas (Jesus, 2014, p. 85).

Este sonho de sair da favela é também do filho dela, José Carlos, que deseja “residir em alvenaria” (p. 140). Carolina usa as metáforas “sala de visita”, “quarto de despejo”, e outras já citadas, para tentar diminuir a dor diária de se sentir despejada:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 2014, p. 37).

Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga (Jesus, 2014, p. 47).

*“Eu morei em duas igrejas em bairros diferentes, [...] eu era bebê. Em uma delas **não tinha água** e minha mãe tinha que ir para a casa dos outros, pegar água para lavar roupa, até para tomar banho”* (Suellen).

Essa memória da Suellen sobre a falta de água em casa, lembra um trecho de *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo (1997, p. 13), quando conta que no início da manhã “em volta das bicas era um zunzum [...]; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. [...] lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se”, mas depois de um tempo o cortiço mudou, “[...] Fizeram-se seis latrinas, seis torneiras de água e três banheiros” (p. 103), de forma parecida Carolina relata que na favela havia apenas uma torneira para todas(os) as(os) moradoras(es) pegarem água nas latas, a fila se formava de madrugada, havia muita confusão, brigas, falatórios e fofocas, detestava esta parte do dia. Antes de ter essa torneira de uso coletivo, faltava água até para as mamadeiras das crianças, as mulheres buscavam água com as(os) vizinhas(os) das casas de alvenaria, conforme o relato:

[...] Quando nós mudamos para a favela, nós iamós pedir água nos vizinhos de alvenaria. Quem nos dava água era a Dona Ida Cardoso. Treis vezes ela nos deu água. Ela nos disse que nos dava água só nos dias uteis. Aos domingos ela queria dormir até mais tarde. [...]

- Eu queria água para fazer a mamadeira. Meu Deus, como é que nós vamos fazer sem água?

Nois iamós noutras casas, batiamós na porta. Ninguém respondia. Não aparecia ninguém para nos atender [...] (Jesus, 2014, p. 56).

Em alguns dias é possível contar com as(os) vizinhas(os), outros não, a exemplo da Dona Ida que aos finais de semana não dava água para o pessoal da favela. Outras vezes só dava para sentir o cheiro da comida e deixar as lágrimas escorrerem: “na casa de dona Nenê o cheiro de comida era tão agradável que as lagrimas emanava-se dos meus olhos, que eu fiquei com dó dos meus filhos. Eles haviam de gostar daqueles quitutes” (Jesus, 2014, p. 106). Em outras situações, alguns espaços escolares, neste caso cito o IFMT, *campus* Cuiabá/Octayde Jorge da Silva, foi uma esperança para um melhor sobreviver e alimentar, conforme a Suellen conta:

*“Teve uma época da **pandemia**, eu não sei o que aconteceu, que meu pai não estava recebendo e a minha mãe desempregada, o **que ajudou a gente foi a cesta básica que o IFMT estava dando aos estudantes**. Teve uma coisa que me marcou muito de forma negativa, [...] nós passamos um mês **comprando carcaça de peixe no mercado**, agora eu não posso nem ver peixe, eu peguei nojo”* (neste momento, nós duas choramos, foi impossível conter as minhas lágrimas) (Suellen).

Por falar em lágrimas, Machado de Assis (1867, p. 1), em *História de uma lágrima*, diz: “Que é uma lágrima? A ciência dar-nos-á uma explicação positiva; a poesia dirá que é o soro da alma, a linguagem do coração”. Anne Vicent-Buffault pesquisa sobre a história das lágrimas nos séculos XVIII e XIX e afirma que diante das lágrimas há respostas e gestos apropriados, já que é impossível não se sensibilizar de alguma forma: agir, considerar e/ou aproximar. Quando as lágrimas escorrem é porque há muitos sentimentos envolvidos, e quando esses sentimentos são compartilhados, principalmente entre sujeitas(os) com diferentes condições sociais, despertam um “olhar diferenciado” pela história da(o) outra(o) (Evangelista, 2013, p. 16).

E assim aconteceu comigo, confesso que essa situação contada pela Suellen me abalou, eu sei que há milhares de sujeitas(os) sobreviventes que passam fome, mas quando se está olho no olho com a pessoa que vivenciou e relata isso para você, em meio às lágrimas, é

muito impactante, é muito triste; esse relato vai ao encontro do que diz Seawright (2023, p. 29): “[...] onde quer que exista um sobrevivente, haverá sempre história oral como possibilidade. Porque pessoas estão interessadas em histórias de pessoas”, é o que as colaboradoras, as(os) leitoras(es) desta pesquisa e eu fazemos. Choca escutar que no momento da pandemia teve proprietária(o) com a coragem de vender “carcaça de peixe” ao invés de doar para quem não tinha outra alternativa, haja vista que nesse período os supermercados foram um dos poucos estabelecimentos que não foram obrigados a fechar, continuaram lucrando. Ciente de que foram momentos difíceis e cruéis para quase todas(os) de algum modo, mas não se pode comparar, menosprezar as diferenças nesses casos iguais ou parecidos com o da Suellen em relação a muitas(os) empresárias(os) que, mesmo em caso de doença, ainda podem contar com bons hospitais, planos, médicas(os), medicamentos, assistências, alimentação saudável, logística etc.

A carcaça de peixe praticamente não tem carne, tem só as espinhas e alguns restos/sobras de carne, o que lembra os ossos que Carolina conta que ganhava do frigorífico sem ter que comprá-los; algumas mulheres, inclusive a Carolina, por vergonha, o que é compreensível, diziam que os restos das carnes do lixo eram para os cachorros:

Vesti os meninos que foram para a escola. Eu saí e fui girar para arrancar dinheiro. **As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros.**

Até eu digo que é para os cachorros... (Jesus, 2014, p. 105, grifos meus).

Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer (Jesus, 2014, p. 35).

A fome fica martelando dentro da cabeça e do estômago, ainda mais se for a fome das(os) filhas(os): “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: ‘Tem mais?’ Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais” (Jesus, 2014, p. 38).

Suellen narra: “*agora eu não posso nem ver peixe, eu peguei nojo*”, isso é terrível, pois nem peixe ela e a família estavam comendo, era a carcaça do peixe que praticamente nem tem carne, só alguns pedaços que ficam grudados nas espinhas, conforme já dito. No caso da Carolina é sentir nojo ou morrer de fome, até carne podre algumas mulheres comiam, ela compara essa situação com a dos animais:

Um operário perguntou-me:

- É verdade que você come o que encontra no lixo?

- O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animais (Jesus, 2014, p. 112).

...No Frigorífico eles não põe mais lixo na rua por causa das mulheres que catavam carne podre para comer (Jesus, 2014, p. 121).

“E nossa casa já estava sem nada, não tinha bolacha, leite, não tinha nada. Eu falei para a minha mãe que eu estava com fome” (Suellen).

Uma mãe escutar a filha dizer que está com fome e não ter comida para dar, é uma escuta dolorosa sobre a fome que algumas mães são obrigadas a passar e a sentir; sobre isso, Carolina diz: “[...] E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: - Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome!” (Jesus, 2014, p. 63). Carolina sempre ia à fábrica de bolachas pegar algumas para os filhos e à filha, mesmo sob zombarias e ameaças de não ter mais essas doações:

...Enquanto eu esperava na fila para ganhar bolachas ia ouvindo as mulheres lamentar-se. [...] Tem pessoas que zombam dos que pedem. Na fábrica de bolacha o homem disse que não ia dar mais bolacha. [...] E a fila estava aumentando [...]. Que dilema triste para quem presencia. As pobres querendo ganhar. E o rico não queria dar. Ele dá só os pedaços de bolacha. E elas saem contentes (Jesus, 2014, p. 61; 62).

O filho da Carolina, às vezes, achava e catava bolachas no lixo, porém sendo uma mulher e mãe preocupada, tinha seus medos, mas como suportar a fome? Então entrava na “dança”:

...O José Carlos chegou com **uma sacola de biscoitos que catou no lixo**. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os **biscoitos** estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: **quem entra na dança deve dançar**. E como eu também tenho fome, devo comer (Jesus, 2014, p. 46-47, grifos meus).

Tem dias que sentem a dor da fome com a barriga vazia, outros dias os biscoitos do lixo parecem até gostosos e trazem a felicidade da barriga cheia. “...Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles” (Jesus, 2014, p. 43). Em outro dia alegre com comida, mais uma vez, na citação abaixo, a potência literária da Carolina vem para amenizar o doloroso cotidiano, pois a poesia do povo, conforme Joseph Luyten (1990, p. 96), “encontra-se naturalmente ligada aos afazeres

cotidianos, articulando-se, dessa forma, à vida social, ao ser textualizada essa vida se torna sonoridade, melodia, gesto, ritmo”.

...Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso.

Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, porisso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me proteje, envio os meus agradecimentos (Jesus, 2014, p. 120).

A barriga cheia é coisa rara, pois a miséria e a fome habitam o quarto de despejo, os dias da Carolina são quase todos sem carne e de muito trabalho - talvez as únicas coisas que realmente possui são a sua pele preta, seus ossos brancos, seus sonhos, intelecto e atrevimento. E mesmo diante da precária situação, é generosa, isso pode ser visto na passagem abaixo, quando encontra um idoso preto de olhar angustiado que parece ser um “diretor do sindicato dos miseráveis”:

Quando eu fui catar papel encontrei um **preto**. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajes rotos ele podia representar-se como **diretor do sindicato dos miseráveis**. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo. Indigno para um ser humano. Estava **comendo uns doces** que a fabrica havia **jogado na lama**. Ele **limpava o barro e comia** os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome! ...Encontrei com ele outra vez, perto do depósito e disse-lhe:

- O senhor **espera que eu vou vender este papel e dou-te cinco cruzeiros para o senhor tomar uma media. É bom beber um cafezinho de manhã.**

- Eu não quero. A senhora cata estes papéis com tantas dificuldades para manter os teus filhos e deve **receber uma migalha** e ainda quer **dividir** comigo. Este serviço que a senhora faz é serviço de **cavalo**. Eu já sei o que vou fazer da minha vida. Daqui uns dias eu não vou precisar de mais nada deste mundo. Eu não pude viver nas fazendas. Os fazendeiros me explorava muito. Eu não posso trabalhar na cidade porque aqui tudo é a dinheiro e eu não encontro emprego porque já sou **idoso**. Eu sei que eu **vou morrer** porque a **fome é a pior das enfermidades**.

...O homem parou de falar bruscamente. Eu segui com o meu saco de papel nas costas (Jesus, 2014, p. 54-55, grifos meus).

Esta passagem contada pela Carolina me fez lembrar do “mendigo gato”, um homem branco de olho azul (Oliveira, 2021), que gerou estranheza e comoção, saiu nas mídias, por ser difícil encontrar, no Brasil, uma/um branca(o) moradora(r) de rua; Carolina, acima, faz questão de frisar que encontrou um “preto”, acredito que cita a cor intencionalmente para demarcar que a pobreza não é branca na maioria das vezes. Ela o descreve como “rasgado e sujo”, algo que não lhe causaria espanto. Narra sobre o olhar angustiado do idoso e sobre o desprezo para com a população pobre, vindo da(o) dona(o) da fábrica, ao jogar as bolachas na

lama ao invés de doá-las, faz questão de contar que o senhor não aceita o dinheiro para um “cafezinho”, o que remete ao provérbio da própria autora que diz: “O homem não tem valôr pela fortuna que possui, mas: pelas ações que pratica” (Jesus, s/d⁵⁰, p. 11), provavelmente ela que deseja tomar o café, mas prefere doar, apesar do serviço de “cavalo” que faz carregando bastante peso nas costas; isso não deveria acontecer com ninguém, nem com os animais. Por fim, Carolina descreve que o senhor parou de falar “bruscamente”, dando a entender, talvez, que ele não viveu muito mais tempo depois.

3.4 MEMÓRIAS DA PERMANÊNCIA ESCOLAR

“Meu sonho era estudar no IFMT, eu consegui por meio de muito esforço” (Aline)

“Eu me questionava: - Será que aqui (o IFMT) é o meu lugar? Mas é muito cansativo. Mas só de eu ter no currículo, o IFMT, vai ser muito bom para mim!” (Suellen)

O IFMT, criado nos termos da Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, mediante integração do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá e da Escola Agrotécnica Federal de Cáceres, é uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino. Vinculada ao Ministério da Educação (MEC), possui natureza jurídica de autarquia, com autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar (IFMT, on-line⁵¹).

O IFMT tem no Estado de Mato Grosso a sua área de atuação geográfica, conta com 18 campi em funcionamento (Alta Floresta, Barra do Garças, Cáceres, Campo Novo do Parecis, Confresa, Cuiabá – Octayde Jorge da Silva, Cuiabá – Bela Vista, Juína, Pontes e Lacerda, Primavera do Leste, Rondonópolis, São Vicente, Sorriso, Várzea Grande, Campo Verde, Diamantino, Tangará da Serra e Guarantã do Norte). Possui ainda dois campi avançados, nos municípios de Lucas do Rio Verde e Sinop (IFMT, on-line).

⁵⁰ No livro não consta a data, porém Penteadó (2018), em sua tese de doutorado, cita que a obra foi organizada por Eduardo de Oliveira, custeada e publicada em 1963, com recursos próprios da Carolina que ela recebeu pelo livro *Quarto de Despejo*.

⁵¹ Esta apresentação e histórico do IFMT, que contém 5 parágrafos sequenciais, foram retirados na íntegra do site do IFMT. Disponível em: [Reitoria \(ifmt.edu.br\)](http://Reitoria(ifmt.edu.br)). Acesso em: 21 ago. 2024.

Atualmente, possui aproximadamente 27 mil alunos, nos mais de 160 cursos distribuídos nos níveis: Superior (bacharelado, licenciatura e tecnologias), Pós-graduação (especializações e mestrados), Técnico (com ensino médio integrado, subsequente, concomitante e Proeja), Educação a Distância (UAB), além de cursos de curta duração, como FIC (Formação Inicial e Continuada) (IFMT, on-line).

A história do Instituto Federal de Mato Grosso inicia-se no ano de 1909, quando se iniciaram as primeiras experiências em educação profissional e tecnológica no País. Neste ano, foi criada a Escola de Aprendizes e Artífices de Mato Grosso, onde atualmente funciona o *Campus* Cuiabá – Cel. Octayde Jorge da Silva deste IFMT. Depois disso, no ano de 1943, foi criado o Aprendizado Agrícola de Mato Grosso, em Santo Antonio do Leverger, onde atualmente funciona o *Campus* São Vicente. Já no ano de 1980, foi criada a Escola Agrotécnica Federal de Cáceres, atualmente *Campus* Cáceres. Após algumas mudanças de nomenclatura, chegamos ao ano de 2008, com três centros de referência em educação profissional no Estado: o Cefet Mato Grosso (em Cuiabá), o Cefet Cuiabá (em São Vicente) e a Escola Agrotécnica Federal de Cáceres. Neste período, já estavam em funcionamento ou em fase de implantação as unidades de ensino descentralizadas (Uned), no bairro do Bela Vista (Cuiabá) e nos municípios de Pontes e Lacerda, Campo Novo do Parecis, Juína, Confresa, Barra do Garças e Rondonópolis (IFMT, on-line).

Até que na data de 29 de dezembro de 2008, a Lei 11.892 cria os Institutos Federais em todo o País. Em Mato Grosso, a junção das três autarquias – Cefet Mato Grosso (em Cuiabá), o Cefet Cuiabá (em São Vicente) e Escola Agrotécnica Federal de Cáceres – cria o Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), que desde então, em um processo de expansão e interiorização, alcançou diversas outras localidades, tais como Primavera do Leste, Várzea Grande, Alta Floresta, Diamantino, Lucas do Rio Verde e Tangará da Serra (IFMT, on-line).

Quanto à permanência e êxito escolar que envolvem diversos fatores como econômicos, sociais, culturais, políticos, raciais, deficiências, familiares, pessoais, entre outros, o IFMT, em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2019-2023, afirma:

[...] entendendo a educação como um direito constitucional do cidadão brasileiro, busca não apenas garantir o acesso do estudante à Instituição, mas sua permanência e êxito, concluindo as etapas de ensino as quais se propõe a fazer, considerando que, como aponta Hora (2006), o êxito ou o fracasso do estudante tem influência significativa na vida em sociedade, pois a escola é etapa importante do desenvolvimento humano.

Compreende-se que, para que o estudante permaneça na Instituição, são necessários programas e projetos que organizem as ações buscando esta permanência com êxito. [...] (PDI, 2019, p. 123-124).

Trabalhando para cumprir o PDI, a Coordenação de Assistência Estudantil e Inclusão (CAE) do campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva, tem atualmente os auxílios estudantis:

AUXÍLIO MORADIA

Destinado a assegurar o repasse de auxílio financeiro para contribuir com despesas mensais referentes a moradia do(a) estudante oriundo(a) de outros municípios ou aqueles(as) residentes no município de Cuiabá/Várzea Grande e em condições de vulnerabilidade socioeconômica.

AUXÍLIO ALIMENTAÇÃO

Visa garantir o acesso equânime ao refeitório e à alimentação adequada e possibilitar aos estudantes acesso à alimentação no período em que estão no Campus contribuindo com a permanência e o êxito do estudante em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

AUXÍLIO TRANSPORTE (municipal e intermunicipal)

Tem por finalidade assegurar aos estudantes condições de deslocamento para desenvolver suas atividades acadêmicas, na perspectiva de garantia do direito constitucional de acesso, permanência e conclusão com sucesso do curso iniciado. Podem concorrer a este auxílio os estudantes que não residem em Cuiabá e, portanto, não tem o passe livre disponível.

AUXÍLIO CULTURA

Consiste no repasse financeiro para contribuir com as despesas do estudante deste Campus que, selecionado em processo seletivo, participa de atividades artísticas e/ou culturais.

COMO ACESSAR OS AUXÍLIOS ESTUDANTIS?

Para acessar esses auxílios o estudante deve se inscrever no processo seletivo publicado por meio de editais no início de cada ano/semestre letivo, no qual constam os requisitos e documentos necessários para a participação.

Os editais são disponibilizados no site do Campus Cuiabá, na página da CPAE nas redes sociais, nos murais do Campus e na CPAE.

A seleção dos estudantes inscritos para os auxílios estudantis é feita mediante análise socioeconômica, sob a coordenação do Assistente Social/Presidente da Comissão Local Permanente de Assistência Estudantil.

Além destes auxílios, repassados diretamente ao estudante, a Assistência Estudantil conta ainda com o **custeio da participação dos estudantes atletas em jogos estudantis e participações eventuais em Congressos e similares para apresentação de trabalhos pelo estudante.**

A solicitação desses auxílios deve ser requerida pelo docente responsável pelos jogos e/ou evento e sua concessão depende da disponibilidade financeira do recurso da Assistência Estudantil (IFMT, on-line⁵², grifos meus).

Conforme descrito na seção 1, no início de cada narrativa, as colaboradoras da pesquisa são cotistas:

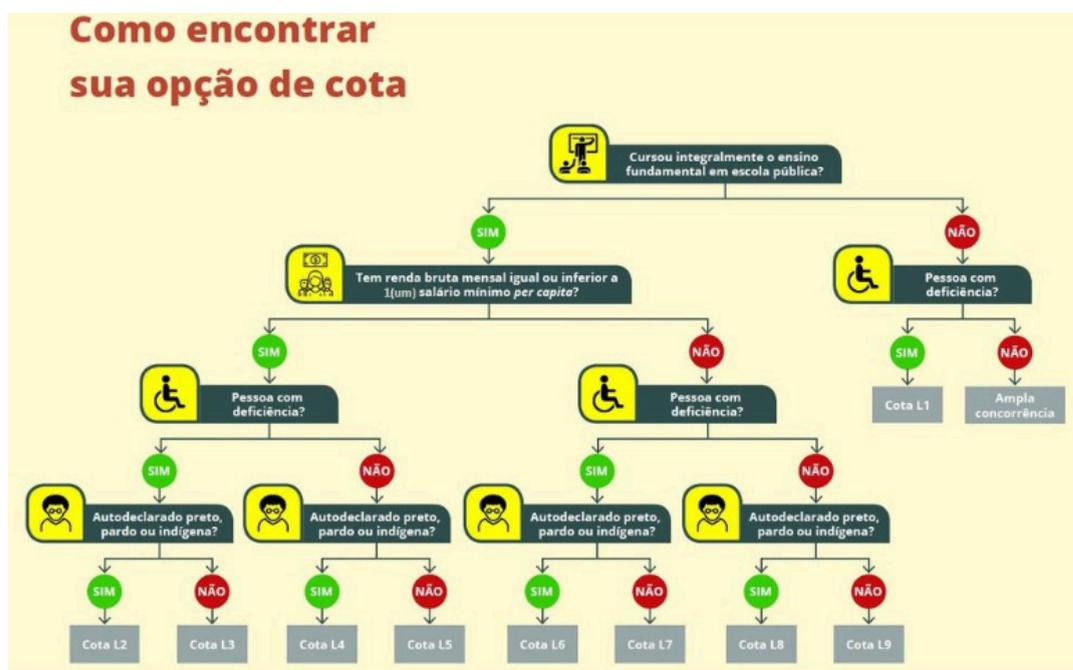
- a) Mônica é autodeclarada parda, entrou no IFMT por Escola Pública (EP) e Renda, a mãe é doméstica e tem ensino médio incompleto, o pai é autônomo e tem o ensino médio incompleto.

⁵² Disponível em: [Campus Cuiabá \(ifmt.edu.br\)](http://campus.cuiaba.ifmt.edu.br). Acesso em: 3 jan. 2023.

- b) Aline é autodeclarada negra, entrou por Escola Pública (EP) e cota racial: Pretos, Pardos ou Indígenas (PPI), a mãe é técnica em enfermagem e tem o ensino médio completo, o pai motorista de aplicativo e tem o ensino médio incompleto.
- c) Suellen é autodeclarada parda, entrou por Escola pública (EP), cota racial: Pretos, Pardos ou Indígenas (PPI) e Renda, a mãe é autônoma e tem o ensino médio completo, o pai é vigilante e tem o ensino médio completo.

A imagem 8, abaixo, facilita a compreensão das reservas de vagas no IFMT:

Imagem 8: Como encontrar sua opção de cota



Atualizado em 17/11/2023 - 12h20

Fonte: (IFMT, on-line)⁵³.

Amparada em Ilma Veiga, Oliveira (2021) cita a importância das Leis e dos documentos que tratam das temáticas de auxílios, inclusão, justiça social, racial, entre outros, mas que saiam do papel e se tornem práticas nas instituições de ensino. Nesse sentido, as ações afirmativas⁵⁴ são de extrema importância no Brasil, conforme Lei n. 12.711, de 29 de

⁵³ Todas as informações estão disponíveis em: [Processo Seletivo \(ifmt.edu.br\)](http://processo.seletivo.ifmt.edu.br). Acesso em: 8 jan. 2024.

⁵⁴ “De forma pioneira no Brasil, a partir de 2003, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Universidade do Estado Norte Fluminense - Darcy Ribeiro (UENF), Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul (UEMS), Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Universidade de Brasília (UNB) aderiram às ações afirmativas (SANTOS, 2018)” (Oliveira, 2021, p. 148).

agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. As ações afirmativas⁵⁵, segundo o Relatório final do grupo de trabalho interministerial do Programa Federal de Ações Afirmativas (PFAA), emitido em novembro de 2023, são:

[...] conceituadas de forma ampla pela literatura especializada, podendo a expressão se referir a diversas políticas públicas e privadas que têm por objetivo **promover benefícios, recursos, oportunidades e direitos a grupos sociais que são, ou foram, discriminados na sociedade ou encontram-se em situação de desigualdade**. Essas políticas não possuem o recorte exclusivamente étnico-racial, podendo integrar grupos sociais distintos em razão de cor, etnia, gênero, região de origem, deficiência, condição socioeconômica e outros aspectos (PFAA, 2023, p. 7, grifos meus).

Oliveira (2021), em seu livro intitulado *Entre bolhas raciais, podas e sonhos: relações entre identidades negras e brancas na UFMT*, traz a narrativa de um professor branco de medicina da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, que era contra as cotas, mas agora é favorável; seu relato, abaixo, revela a eficiência das ações afirmativas em seus diversos recortes, para transformação de vidas:

Eu tinha mais certeza de que não daria certo, e quebrei a cara! O sistema me mostrou o contrário, hoje eu defendo. Se você me perguntar se sou a favor das cotas? Eu direi que sou! Da inclusão? Sou! [...] Eu vi e ouvi com esses olhos o que as cotas proporcionou para a vida de alguns alunos, pai que era caminhoneiro, mãe que era doméstica... Até me arrepiou (pausa) e o cara se formou e hoje ajuda o pai, entendeu? E eu vi isso acontecer [...]. Eu vi vários sonhos se realizando, mudou totalmente meu paradigma. [...] (Oliveira, 2021, p. 241).

Quando a Suellen, colaboradora da pesquisa, relata, conforme já destacado mais acima, que o que a ajudou foi a cesta básica doada pelo IFMT, isso comprova o quanto as políticas de permanência escolar são fundamentais na vida das(os) estudantes, ainda mais referente à alimentação que é uma necessidade básica, pois além do acesso é preciso assegurar outras condições mínimas para o êxito escolar e/ou universitário.

Destaco no IFMT, além de outros grupos, núcleos, programas, pesquisas, estudos, palestras, eventos etc., o evento *Áfricas*, realizado por servidoras(es) do campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva, que: “Trata-se de um momento de reflexão, de vivências e de problematizações sobre as questões raciais e étnicas no Brasil e no mundo. [...] desde 2006, [...] abordou perspectivas [...] teóricas/acadêmicas, com palestras e apresentações; momentos vivenciais/experienciais, [...] peças teatrais, exposições e ofertas de oficinas” (IFMT,

⁵⁵ Para aprofundar neste assunto, sugiro a leitura do texto: [p3_MIOLO_Ação afirmativa-conceito história e debates-João Feres.indd \(scielo.org\)](#). Acesso em: 3 jan. 2024.

on-line)⁵⁶ e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiro, Indígena e de Fronteira Maria Dimpina Lobo Duarte (NUMDI), Resolução n. 36, de 25 de junho de 2018, que tem por missão e objetivo: “desenvolver políticas públicas de ação afirmativa para as populações negras, quilombolas, indígenas, migrante e de fronteira em situação de vulnerabilidade sociorracial” (IFMT, on-line⁵⁷).

“Aqui no IFMT as alegrias não foram tantas, acho, porque estávamos em casa”
(Aline).

As(os) professoras(es), assim como todas(os) outras(os) profissionais da educação, a exemplo de auxiliares, assistentes, técnicas(os), secretárias(os), gestoras(es), coordenadoras(es), diretoras(es) etc., fizeram um trabalho de excelência no decorrer do ensino remoto, no país, em diversas modalidades de ensino durante a pandemia da COVID-19, e muitas(os) delas(es), algumas vezes, nas mesmas condições (algumas até piores) de medo, angústias, tristezas, incertezas, perda de familiares/amigos(as), com problemas de saúde física/psicológica, fome, falta/perda/diminuição de trabalho/dinheiro, de recursos materiais/tecnológicos etc. Mas apesar de todas as mazelas, o trabalho educacional foi mantido. No entanto, é preciso considerar a narrativa da Suellen:

“[...] alguns (professores) davam umas atividades sem pé nem cabeça. Daí eu olhava assim e falava: - ah, eu não vou fazer isso!” (Suellen).

Nesse caso, é importante que as(os) professoras(es) reflitam, conforme aponta Bernard Charlot (2013, p. 145), sobre “qual o sentido dessa atividade para o aluno? Quando não existe nenhum sentido, não há atividade alguma: ninguém faz algo sem nenhum motivo. Mas a situação mais frequente na escola é aquela em que o aluno age por um motivo não relacionado com o próprio saber”. E isso depende, além de outros fatores, de escutar as(os) estudantes. Vale destacar que este relato refere-se ao momento atípico da COVID-19, inclusive para as(os) professoras(es), o que talvez justifique, em parte, algum despreparado até tecnológico de algumas/alguns professoras(es) com as atividades, ou talvez algum abalo emocional/psicológico, conforme já citado.

⁵⁶ Disponível em: [Campus Cuiabá \(ifmt.edu.br\)](http://campus.cuiaba.ifmt.edu.br). Acesso em: 8 jan. 2024.

⁵⁷ Disponível em: [NUMDI - Núcleo de Estudos \(ifmt.edu.br\)](http://numdi-ifmt.edu.br). A Resolução está disponível em: [re_solucao_no_0362018_-_aprovar_regimento_interno_do_numdi.pdf \(ifmt.edu.br\)](http://numdi-ifmt.edu.br/re_solucao_no_0362018_-_aprovar_regimento_interno_do_numdi.pdf). Acesso em: 8 jan. 2024.

Mesmo que justificável pelos riscos de morte, a falta dos contatos presenciais na escola nesse período, a falta das experiências olho no olho com as convivências, brincadeiras, esportes, trabalhos em grupo, discussões, conflitos, estudos em grupo, rodas de conversa etc., gerou, na Aline, e talvez em outras(os) estudantes, um certo vazio, algo como “saúde” do que poderia ter sido vivido/experenciado, conforme oralizado mais acima, sobre as poucas alegrias vividas no IFMT durante o ensino remoto.

Essa narrativa deixou-me reflexiva porque o tempo não volta e esse período nunca será recuperado nas histórias de vida e de permanência escolar das(os) estudantes. Nesse sentido, é válido que para além do tempo cronológico, há de se considerar o que diz Moses Finley, referido por Candau (2021, p. 87): “o tempo em sua duração ‘não é assimilado como uma quantidade mensurável, mas como uma qualidade associativa e emocional’”. Grande parte das(os) estudantes que frequentaram a escola têm histórias para contar, principalmente da época do ensino médio, onde as(os) jovens têm diversas mudanças, aventuras, aprendizagens, descobertas, amizades, conflitos e até as paqueras, e muitas(os) tiveram esse período presencial retirado de suas vidas, em média de 1 a 2 anos⁵⁸ na pandemia, talvez ainda seja cedo para saber o tamanho do impacto na vida delas(es), mas essa narrativa acende um alerta e uma preocupação.

Por outro lado, o momento de ficar em casa para a Aline foi positivo e ela conta:

“Eu tive a oportunidade de continuar os estudos em casa, cuidar da minha filha e fazer o meu estágio do curso, para mim foi muito bom” (Aline).

Na vida da Aline, para relembrar uma parte da sua narrativa, ela teve que levar a filha recém-nascida nas aulas presenciais até iniciar o ensino remoto, esse período em casa contribuiu para ela ficar mais próxima da filha, já que não tinha com quem a deixar, não tinha apoio do ex-namorado, com quem está junto atualmente, e não tinha condições financeiras para pagar um local/berçário.

Outra narrativa da Aline sobre as memórias de permanência escolar, abaixo, foi a de que as(os) professoras(es) não inovam na sala de aula, não ouvem as(os) estudantes e que ela sente falta das aulas de campo. Semelhante a essa, também a seguir, está narrativa da Suellen:

⁵⁸ Em algumas escolas/instituições/universidades esse período foi diferente. No IFMT, campus Cuiabá, o ensino médio técnico de forma remota foi de março de 2020 a dezembro de 2021.

“Alguns professores não inovam em sala de aula, ficam só com o método de falar muito e os alunos só ouvirem. Mas acho que isso tem mudado bastante, temos um professor que ensina a matéria, na prática, e deixa a gente usar a criatividade para desenvolver as atividades e tem dado muito certo. É bem melhor do que ter só o professor falando, fora as aulas de campo que a gente queria mais!” (Aline)

“Os professores poderiam ser mais compreensíveis, dialogar mais, descobrir mais sobre os alunos, porque às vezes eles cobram demais, acham que a gente não tem problemas e cobram demais. Eu pego três ônibus para ir para o IFMT e três para voltar para casa, gasto cerca de 4 a 5 horas do meu dia nos ônibus. [...] “Eu fico o dia todo no IFMT, saio cedo de casa e fico até quase às 18h, todos os dias” (Suellen).

As narrativas da Aline e da Suellen dialogam com hooks (2017) que afirma que as vozes das(os) professoras(es), na pedagogia engajada, não devem ser as únicas em sala de aula, mas sim haver pluralidade e valorização das vozes e das experiências das(os) estudantes. Aqui vale o conselho de Benjamin (2012, p. 221) que afirma: “quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” e depois consegue narrar o que escutou, imprimindo a sua “marca”, “como a mão do oleiro na argila do vaso”.

Outra situação semelhante ao que é narrado pela Suellen é a lembrança da hooks (2017), que conta que no período da dessegregação racial nos Estados Unidos, as(os) negra(os) tiveram que mudar para a escola das(os) brancas(os), e para isso tinham que atravessar metade da cidade de ônibus, fora o tempo da volta, assim tinham que acordar e chegar uma hora antes das(os) brancas(os) porque acreditavam que isso evitaria contato e conflito entre elas(es), então sentavam e esperavam no ginásio, isso gerava raiva e tristeza.

Com toda essa experiência de vida, estudos, pesquisas e com as marcas deixadas pelo racismo e pelo sexismo, hooks ensina sobre a importância da escuta e de se construir uma comunidade em sala de aula:

Sabendo tudo que sei hoje, depois de trinta anos de sala de aula, não começo a dar aulas, no contexto que for, sem antes criar as bases para construir uma **comunidade em classe**. Para fazer isso, é essencial que professor e estudantes tenham **tempo** para **conhecerem uns aos outros**. Esse processo pode começar com simplesmente **ouvir a voz de cada pessoa** quando ela se apresenta (hooks, 2020, p. 38, grifos meus).

Essa citação vai ao encontro de um relato da Carolina sobre o seu filho: “O José Carlos não quer ir à escola porque está fazendo frio e ele não tem sapato. Mas hoje é dia de

exame, ele foi. Eu fiquei com medo, porque o frio está congelando. Mas o que hei de fazer?” (Jesus, 2014, p. 66). Dia de tensão pela prova, frio congelante e sem sapato, como alguém faz uma boa prova desse jeito? Por isso concordo com a hooks (2020) que as(os) professoras(es) precisam de tempo - e disposição - para escutar e conhecer a voz das(os) estudantes, as experiências, necessidades, dificuldades, capacidades e potencialidades, já que as realidades são diferentes, por exemplo: umas/uns têm a oportunidade de tomar um café da manhã com frutas, sucos naturais e pães frescos, tomam um banho quente, têm agasalho e sapato/tênis sem furos para o dia frio e chuvoso, outras(os) só têm um café para tomar, às vezes nem pão ou pão duro, banheiro comunitário, ou quando privado, o chuveiro não é aquecido, sapatos furados, roupas rasgadas etc. Se for o caso de Cuiabá, que faz muito calor quase o ano inteiro, muitas(os) não têm ar-condicionado e/ou até mesmo ventilador em casa, dormem e acordam suando⁵⁹. No caso da Carolina, em São Paulo, que faz muito frio, banho quente é só aquecendo a água no fogão:

[...] Um dia eu cheguei e encontrei o João chorando. Ele disse-me: - Sabe mamãe, a Dona Rosa me jogou bosta no rosto. Eu acendi o fogo, esquentei água e lavei as crianças. Fiquei horrorizada com a maldade da Dona Rosa. (...) Ela sabe que aqui na favela não pode alugar barracão. Mas ela aluga. E a pior senhoria que eu já vi na vida. Porque será que o pobre não tem dó do outro pobre? (Jesus, 2014, p. 81).

Mesmo com todas as mazelas e as dificuldades da vida, Carolina ainda tinha que lidar com esse tipo de situação lamentável com “bosta” no rosto do filho, entretanto, isso mostra a vida como ela é, cheia de conflitos, brigas e confusões. Cabe a ressalva de que o filho dela devia aprontar na vizinhança também, assim como a maioria das crianças com suas travessuras, mas a autora não detalha muito sobre isso, salvo algumas confusões.

O senhor Alexandre, já citado aqui, apronta de novo e desta vez faz um escândalo de madrugada na briga com a sua esposa, o que afeta todas(os) as(os) vizinhas(os), inclusive a própria filha dele, a Dica. Carolina e as outras mulheres e homens que saem cedo para trabalhar e/ou estudar, os próprios filhos e a filha dela e as outras crianças, são afetadas(os) com essas barulheiras e interrupções de sono quando vão ao trabalho e/ou à escola, conforme o relato:

⁵⁹ “Pela terceira vez no mês, a capital de Mato Grosso estabeleceu um novo recorde de calor para 2023. O INMET registrou 38,8 °C no dia 31 de julho. [...] A previsão indica temperaturas de 38 °C a 39 °C até a próxima sexta-feira (4).” Disponível em: <https://www.climaaovivo.com.br/noticias/calor-recorde-nos-primeiros-dias-de-agosto-em-cuiaba-01-08-23>. Acesso em: 1 ago. 2023. Revendo este parágrafo depois de 1 ano, Cuiabá segue como a cidade mais quente do Brasil. Disponível em: [Cuiabá registra temperatura acima de 40°C por 6 dias seguidos e bate recorde de calor | Mato Grosso | G1 \(globo.com\)](#) Acesso em: 21 ago. 2024.

... Fui catar papel. Estava horrorizada com a cena que o Alexandre representou de madrugada. Catei muitos ferros e pouco papel. Quando eu estava perto da banca de jornal tropecei e caí. Devido eu estar muito suja, um homem gritou:

- É fome!

E me deram esmola. Mas eu caí porque estava com sono.

Pensei no Alexandre porque ele não precisa pensar no trabalho. Porque obriga a esposa a pedir esmola. Ele tem uma filha: a Dica. A menina tem 9 anos. Ela pede esmola de manhã e vai para a escola a tarde. A menina conhece as letras e os números. Mas não sabe formar palavras. Quando escreve ela põe qualquer letra que lhe vem na mente. Mistura números com letras. Escreve assim:

ACR85CZbo4Up7Mno10E20.

E já faz dois anos que ela está na escola.

... Enquanto eu estava na rua o Alexandre maltratou a mãe do soldado Edison.

Quando eu cheguei ele começou insultar-me:

- Negra suja. Ordinaria. Vagabunda. Lixeira (Jesus, 2014, p. 97-98).

Dica convive com um pai que bate na mãe, esposa dele, e deve brigar com a filha também, situação que interfere na qualidade de vida e no processo de escolarização, conforme análise crítica da Carolina que percebe que a Dica ainda não está alfabetizada e ainda tem que trabalhar, mesmo sendo criança. O senhor Alexandre se mostra sexista, racista e classista com a Carolina, como se a vida dele fosse muito diferente da dela, mas talvez pelo fato de ser homem, pensa que é superior.

Como visto, não tem como separar a vida pessoal da vida escolar, ela vai com as(os) professoras(es), com as(os) estudantes e todas(os) as(os) outras(os) envolvidas(os) na/com a educação, assim:

a **prática do diálogo** é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a **cruzar as fronteiras, as barreiras** que podem ser ou não erguidas pela **raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional** e por um sem-número de outras diferenças (hooks, 2017, p. 174, grifos meus).

O gênero, a raça, a classe e outras diferenças são fronteiras que devem ser cruzadas e pensadas juntas, mas isso, em sala de aula, só é possível por meio do diálogo para conhecer esses outros lados das fronteiras, as(os) sujeitas(os) têm diferentes famílias, cor, raça, etnia, classe, costumes, culturas, escolaridades, profissões, religiões etc., assim formam memórias, subjetividades e histórias diferentes, por isso “[...] é preciso reconhecer o valor de cada voz individual” (hooks, 2017, p. 58).

Um exemplo descrito por hooks é o de que as(os) alunas(os) dela têm um diário, escrevem alguns parágrafos durante a aula e leem em voz alta, pelo menos uma vez por turma, “ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala” (p. 58). Ela, muito sábia e inteligente, diz que as(os) que não leem em voz alta na sala, ao sinalizar

que não desejam falar, já é suficiente para que a presença delas(es) seja notada. Isso lembra o poema de Rubem Alves, na introdução desta pesquisa, que fala sobre “as vozes do silêncio” e o citado pela Orlandi (2007), na seção 3, subseção 3.2, sobre os significados do silêncio.

Sobre o contexto dos Estados Unidos, hooks (2017) afirma que as(os) professoras(es) ainda não estão preparadas(os) para uma sala de aula “multicultural” e “multiétnica” (p. 58) - de forma igual aqui no Brasil, principalmente nos cursos mais elitizados (Oliveira, 2021) - confessa que ela própria não estava e diz que “ser branco” (p. 59) não será mais algo comum em todos os níveis educacionais. Para a autora, e eu concordo, o que mais fascina na sala de aula é quando a turma se torna uma comunidade - lembrando que isso não exclui conflitos - que respeita e dá liberdade para todas(os) se expressarem conforme a subjetividade e coletividade de cada um(a). Entretanto, cita que nem todas(os) as(os) autoras(es) concordam em relacionar as experiências pessoais com as aprendizagens em sala de aula porque desejam, geralmente, essencializar as experiências e silenciar grupos marginalizados. hooks afirma que o termo “autoridade da experiência” (p. 122), que leu nos estudos feministas, a perturba porque é usado para “silenciar e excluir”, por essa razão deixa explícita a importância do conhecimento adquirido por meio da experiência, porém sem essencialismos, monopólios e exclusividade de identidades.

Essa situação remete, no meu entender, ao termo “lugar de fala” que nos últimos anos, no Brasil, ganhou repercussão nos escritos da filósofa e escritora Djamila Ribeiro (2017), que muitas(os) ainda confundem, às vezes de forma intencional para excluir e demarcar poder ou talvez por alguma dificuldade mesmo de entender. A autora cita: “Como disse Rosane Borges [...], “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo”” (p. 84). Ou seja, quem é esta(e) sujeita(o) que fala/escreve? Como é? De onde vem? Onde está atualmente? Geralmente é escutada(o)? Por quem? São algumas questões básicas, existem outras, que devem ser pensadas e avaliadas para compreender os lugares sociais em que as(os) sujeitas(os) estão alocadas(os), mas não são ou pelo menos não devem ser limitantes, qualquer uma/um pode falar/escrever sobre qualquer assunto, porém de forma ética, empática e respeitosa, sem deixar de considerar que alguns grupos desfrutam de prestígios, privilégios e *status*, e outros não.

*“Na **pandemia** teve uma época que **eu me perdi de mim**, eu não sabia de mais nada, eu não queria mais nada, **eu tinha desistido de tudo, por pouco eu não desisti de mim, realmente! Foi bem difícil!** (ela se emocionou neste momento). Era muito desânimo! Na **pandemia** eu não saía para lugar nenhum, só ficava dentro de casa, mesmas pessoas, mesmas*

coisas, eu não conseguia estudar porque eu ia estudar e me dava crise, eu passei a me sentir burra, a me sentir insuficiente. Eu pensei em desistir de mim, mas como eu cresci numa família religiosa, eu aprendi que suicídio é pecado, então quando eu pensava, eu chorava, enfim... Mas eu realmente perdi todas as minhas amigas, eu me afastei de todo mundo” (Suellen).

Essa narrativa da Suellen me inspirou a escrever:

No mar as ondas vão e vêm
às vezes sem chances de recuperar o fôlego
de ses pe ro vem a próxima
a próxima a próxima a próxima a próxima próxima a próxima a próxima

sem fôlego
...

Vozes, gritarias
começo a me recuperar
esperança, o mar se acalmou

Segundo o Boletim Epidemiológico (2021) da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde (MS), a taxa de morte por suicídio no Brasil, no ano de 2019, é de 6,6 por 100 mil habitantes. O período da adolescência até o início da fase adulta é considerado o principal estágio onde se iniciam os comportamentos de suicídio - fase da idade das colaboradoras desta pesquisa - alguns fatores para isso são:

tristeza, desesperança e a depressão, ansiedade, baixa autoestima experiências adversas pregressas, como abusos físicos e sexuais pelos pais ou outras pessoas próximas, falta de amigos e suporte de parentes, exposição à violência e discriminação no ambiente escolar e o uso de substâncias psicoativas (Brasil, 2021, p. 7).

O foco desta pesquisa não é o suicídio, mas ele passou pela história de vida da Suellen e pode ter passado pela vida das outras colaboradoras, mesmo que não tenham relatado de forma explícita, mas vivenciaram e narraram a tristeza, abusos dos pais, violências, discriminação etc., sendo assim, resolvi destacar essa fala, mesmo que sem aprofundar⁶⁰, diante da importância, da urgência e da coragem dela de falar sobre isso, talvez foi “salva” pelas palavras, pela oportunidade de fala e pela escuta atenta e respeitosa. Sobre isso, o boletim do MS afirma:

⁶⁰ Para quem desejar aprofundar no assunto, sugiro a leitura do Boletim que está disponível no site: [boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf](http://www.gov.br/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf) (www.gov.br). Acesso em: 9 jun. 2023.

Ressalta-se que falar de forma responsável sobre o fenômeno do suicídio opera muito mais como um fator de prevenção do que como fator de risco, podendo, inclusive, contribuir para a ruptura do estigma que cerca o fenômeno. Assim, falar sobre o tema sem alarmismo e enfrentando os estigmas, bem como conscientizar e estimular sua prevenção, pode contribuir para o enfrentamento do problema de saúde pública representado pelos suicídios (Brasil, 2021, p. 8).

Os resultados desse boletim reforçam a importância do suicídio como um problema de saúde pública crescente no Brasil, com destaque do tema nos grupos etários mais jovens. Ressalta-se, assim, a necessidade de capacitação das redes de atenção em saúde para o acolhimento e atenção em saúde mental na infância e na adolescência, bem como a necessidade de ações de educação e apoio socioemocional que favoreçam a construção de características de resiliência e as habilidades para lidar com frustrações e adversidades (Brasil, 2021, p. 8).

É importante que todas(os) envolvidas(os) com a educação estudem e estejam atentas(os) a esse problema e tenham “[...] disposição compartilhada de ouvir e de aceitar o outro, criticamente” (Portelli, 2016, p. 14). Carolina (2014), na obra *Quarto de Despejo*, faz diversos relatos sobre suicídio, alguns deles são:

Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. [...] (Jesus, 2014, p. 174).

Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói (...) (Jesus, 2014, p. 102).

Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói. Porque quem não é forte desanima (Jesus, 2014, p. 61).

Quando se está disponível para a “escuta”, para o “diálogo” e ao “respeito pelos narradores” é “[...] que se abre o espaço narrativo de falar e de se abrir”, “o observado também observa e nos julga” (Portelli, 2016, p. 15). É necessário que a(o) oralista, segundo esse autor, não faça muitas perguntas, investigações e não seja indiscreta(o), mas escute com interesse e demonstre isso, porque assim a(o) narradora(or) sentirá confiança em contar as suas histórias mais íntimas, igual as colaboradoras desta pesquisa, e nesse compartilhar, as duas partes são beneficiadas, e agora, a(o) leitora(or).

Silva (2016, p. 42), inspirada nos escritos de Benveniste, diz: “é vivendo sua experiência na linguagem com outros, na prática social, por meio de atos de enunciação – falado, ouvido, escrito e lido – que o homem pode descobrir-se e se reinventar durante toda a vida”, nas interações entre as(os) sujeitas(os) as identidades vão se transformando, ou seja, na e pela linguagem há renascimentos diários que geram possibilidades de histórias de si e

das(os) outras(os) e de memórias. Benveniste (Silva, 2016, p. 42) afirma: “não é a história que dá vida à linguagem, mas é a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história” que sempre se renova quando narrada, não é sempre igual, é o “princípio de reinvenção” de Gérard Dessons (p. 36), e mesmo que haja alguma repetição, ela nunca será a mesma devido à subjetividade das experiências.

As entrevistas, conforme já mencionado, foram realizadas em julho de 2022, em outubro desse ano, dei de presente um livro *Quarto de Despejo* para todas as colaboradoras, nenhuma havia lido, nem no IFMT, apenas tinham ouvido falar. Quanto à leitura, Cosson (2014, p. 27) diz: “ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro”. Essa conexão entre mundos ou esse cruzar as fronteiras, é traduzido também por Josilene Pinheiro Mariz:

Mesmo que pareça pertencer a qualquer lugar, contendo registros e características distintas, a **literatura** pode ainda ser vista como uma **marca peculiar de cada sociedade**. Essas particularidades poderão transformar a sua aparente dificuldade em possibilidades para que **alunos e professores descubram-se a si mesmos, diante do conhecimento do outro, nascendo uma significativa experiência de alteridade** (Mariz, 2007, p. 76, grifos meus).

Quando falei sobre o presente (o livro), foi de forma individual, pelo *WhatsApp*, pedi que depois da leitura cada uma me contasse o que achou. Como eu já estava ciente do momento intenso de estudos e final do curso delas, sugeri que assistissem alguns vídeos da autora na internet, em complemento, mandei alguns como sugestão. Para Candido (2002, p. 84), “as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar”. Essa influência das obras na vida das(os) sujeitas(os) é citada pela Michèle Petit, abaixo, que compara as leituras como um “atravessar oceanos”, faz conhecer e até sentir outras realidades, às vezes abalam, desestruturam e outras vezes trazem alívio. Muitas(os) de nós só conhecemos a Carolina das leituras e das poucas fotografias e vídeos disponíveis, mas suas obras são tão intensas que parece que ela sentou conosco e relatou as suas histórias pessoalmente, essa sensação não é qualquer autora/autor que consegue despertar, ela, diante de todas as mazelas, consegue.

Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros (Petit, 2009, p. 266).

Mônica não leu o livro. Eu perguntei umas três vezes sobre a leitura, pelo *WhatsApp*, ofereci apoio na leitura, ela falava que ia ler, mas não respondia sobre esse assunto, então não insisti mais. Continuei falando com ela outras vezes, outros assuntos, não mais esse. Apenas para lembrar, ela é a que oraliza: “*Estudar na pandemia foi muito bom, não vou mentir! Eu colava muito, tudo era muito fácil, nem estudava direito, nem participava das aulas*”.

Aline leu rápido e no dia 29 de novembro de 2022, agendou um encontro presencial comigo, no campus, para me contar o que achou; a entrevista durou 4 minutos, fizemos no laboratório de linguagens que estava desocupado. Ela conta:

*As minhas primeiras impressões foram um sentimento de tristeza, sabe? Parecia muito verdade! Até porque foi, trazia uma sensação de que realmente aconteceu e que não era simplesmente um livro, situação que realmente **ainda existe**, então senti uma sensação de indignação que isso **ainda existe** e existiu. Eu me senti muito triste, mas por um momento, após, eu senti uma felicidade porque ela conseguiu sair daquela situação, mas ainda assim tristeza porque existem muitas pessoas ainda nessa situação de que a Carolina se encontrava.*

Eu perguntei: — Você teve alguma reflexão sobre gênero, raça e classe? Se eu falar essas três categorias, o que você pode relacionar com o livro?

Acredito que isso está bem claro no livro, mostra a realidade dura como ela é, e por mais que foram há alguns anos, essa distinção, esse preconceito entre os gêneros, entre a raça e a classe ainda existem e acho que foi algo que me marcou bastante, até porque sou mulher, sou menina e também sou mãe, fui mãe nova e isso acabou me tocando porque ela estava lá sozinha com os filhos e lutava e não estava fazendo nada de errado e mesmo assim as pessoas julgavam por ela querer fazer o melhor para os filhos dela. É incrível como as pessoas julgam de qualquer forma. Se você é preto, seu gênero, sua classe!

Ela conta também:

Teve um café literário aqui no IFMT e eu aproveitei o Livro Quarto de Despejo. Todos trouxeram livros bem normaizinhos, com histórias fictícias, daí quando eu falei do meu, teve um outro menino que também estava lendo esse, então falamos juntos. Os alunos ficaram chocados e falavam: - Gente, isso aconteceu mesmo? Isso é verdade? A professora

*também complementou e falou que esta é uma **literatura extremamente importante para todo cidadão**. E eu **fiquei muito feliz** também porque no ENEM (2022) apareceu uma questão do livro e muitas pessoas da sala falaram: - Gente, esse é o livro que a Aline trouxe! **Ele é muito bom!** E eles conseguiram responder e tiveram uma **outra visão**. Eu achei **superlegal** poder ajudar os colegas (ela fala sorrindo) sem eu mesma saber que eu estava ajudando eles.*

Conforme Aline, a obra da Carolina causa choque, impacto e revolta, com momentos de alívio e poesia, consegue escrever e transmitir a dor da fome, da miséria e do racismo, mesmo tendo frequentado apenas 2 anos de escola, transmite que sonhos são possíveis, apesar do contexto injusto, precário e lamentável que ninguém deveria ter que passar, a trajetória dela fala por si só; mesmo que não conseguisse publicar o seu primeiro livro, independente disso, ela escreveu, usou a linguagem a seu favor, a favor dos filhos e da filha. Carolina é potência e referência na literatura brasileira e mundial.

O impacto que a Aline teve ao verificar que a realidade da Carolina, mesmo vivida há muitas décadas, é similar à realidade de muitas(os) brasileiras(os) no presente, já confirma a hipótese da pesquisa. Inclusive a Aline se identifica com as narrativas da Carolina pelo fato de ser mulher, mãe e sozinha, por sofrer discriminações entre outras situações.

Ela se diz feliz pelo livro *Quarto de Despejo* ter caído numa questão do ENEM e por falar sobre ele na aula, imagino a satisfação que ela sentiu. Agora imagina a minha felicidade ao escutar isso? Fico satisfeita porque se ela contribuiu com as(os) colegas de sala, esta pesquisa tem participação direta na vida dela e dessas(es) estudantes. A minha alegria é em contribuir e essa transmissão de conhecimento prova que a educação, a pesquisa, o ensino, a literatura e as histórias orais são importantes e complementares, além de diversas outras áreas e temáticas. Antes da publicação a pesquisa já transbordou. Se fosse uma onda forte, molharia quem estava apenas tomando sol, mas seria um fresco.

Suellen leu e respondeu no dia 12 de janeiro de 2023, via *WhatsApp*:

*A autora consegue analisar as situações de **forma crítica**, faz comentários sobre a **política** da época, situação de **vida precária** dentro da comunidade, fala sobre momentos de **fome**, têm momentos que ela chega a pensar em **suicídio** junto com seus filhos. No livro ela relata bem a **violência** dentro da periferia e **até hoje** são coisas que se tem dentro da periferia, **a pobreza, a fome, a miséria, a violência**. E por mais que ela tenha estudado por apenas 2 anos, escreveu em mais de 20 cadernos que ela encontrava no lixo. No livro dá para*

*perceber que ela sofria bastante preconceito por ser mulher, por ser negra e por ser pobre e a maioria dos preconceitos era feito por mulheres, é um momento do livro que identifiquei com a minha mãe, não cem por cento, mas teve um momento que a **minha mãe não sustentou só os filhos, mas o meu pai também.***

Suellen, igual Aline, percebe a opressão de gênero, de raça e de classe, na obra e na vida da Carolina. Ela se identifica e oraliza sobre o pensamento de suicídio, algo que aconteceu com ela também, além do período em que a mãe sustentou o pai, é a literatura fazendo sentido na vida das(os) sujeitas(os). Sobre isso, Stéfano Stainle, cita:

Literatura e tempo compõem um jogo no qual a primeira **tenta** se manter **viva** em função do **desgaste** do segundo. Os verdadeiros **clássicos** literários se mantêm **atuais**, não nos contextos anteriormente comentados, mas na característica que possuem de **conseguir gerar sentimentos, emoções, reflexões e reações** pertencentes a toda a esfera do humano, independentemente do período ou localização geográfica de sua recepção (ato da leitura) (Stainle, 2017, p. 17, grifos meus).

A principal função da literatura é de ser ela mesma em todos os seus aspectos, seja ela fantástica, gótica, maravilhosa, realista, romântica, barroca, medieval ou o que quer que seja. A **diversidade é a maior lição fornecida pela literatura**, essa capacidade de **dialogar** com todos os campos ao mesmo tempo, com o **real**, com o **maravilhoso**, com o **terror** e com a **fantasia**. A segunda função da literatura é também fazer com que o leitor **sinta prazer** em sua leitura, que ele **goste do ato de ler** e que **se identifique com a história narrada**, seja ela **real ou não** (Stainle, 2017, p. 241, grifos meus).

Cosson (2014) observa que as obras contemporâneas são escritas e publicadas em meu tempo, já as obras atuais são as que fazem sentido para mim, independentemente da data de publicação - e geralmente despertam mais interesse das(os) alunas(os); sendo assim, obras contemporâneas podem não ser atuais. A obra *Quarto de Despejo* é um clássico da literatura brasileira, mantém-se viva e atual depois de mais de 60 anos do seu lançamento e consegue despertar emoções, reações e identificações, mesmo no público jovem, o que mostra a genialidade da Carolina, que a obra é um clássico da literatura brasileira e deve ser mais explorada.

SUBINDO A SERRA: SE É POSSÍVEL UM CONSIDERAR

Tudo o que é bom pode durar pouco, a vida e os momentos são passageiros e oscilantes, assim, em clima de subida de serra, voltando da praia, teço as considerações possíveis desta pesquisa, cujo objetivo geral é escutar as histórias de vida e de permanência escolar das mulheres jovens estudantes, das camadas populares, do 3º ano do Ensino Técnico de Secretariado Integrado ao Ensino Médio, no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), *campus* Cuiabá/Octayde Jorge da Silva.

Quando estava sentada, olhando nos olhos de cada mulher jovem estudante, de ouvidos atentos, era como se estivesse em frente ao espelho, senti um frio na barriga, eu tinha muitas lembranças sobre a minha família, infância, adolescência e juventude, sobre o período da escola e com amigas(os). São lembranças boas, outras nem tanto, além da percepção de que o tempo está passando muito rápido, motivado, além de outros fatores, pela modernidade, pela tecnologia que distancia as(os) sujeitas(os) fisicamente, pelo excesso de informações, imagens ou como diz Jean Chesneaux (Candau, 2021): essas(es) não sabem mais habitar o tempo. E por falar na rápida passagem do tempo, Clarice Lispector (Vianna, 2003), em *Água Viva*, de 1973/1979, cita: “o presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente o chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado”.

Nesta velocidade da vida, percebo as colaboradoras da pesquisa e a Carolina como sobreviventes e atrevidas, eu me incluo nisso, pois me vejo nelas. Em alusão a Lejeune (2014), é como lançar a garrafa ao mar e seguir enfrentando todas as ondas, entre quedas, mergulhos e nados. Mulheres jogadas ao mar da vida, ao mar do cotidiano, esse mar pode ser visto nas ondas das palavras lembradas abaixo, faço isso para evitar que caiam no esquecimento, são as que destaquei como subtítulos nas narrativas completas na seção 1. Ao ler, imagine uma linha que faz curvas do início ao final dos versos, oscilantes e cheias de curva, igual às ondas do mar e da vida:

Meu pai falava que eu ia crescer biscate!
 A separação deles foi ótima para mim, foi perfeita!
 A questão financeira é bem difícil para nós, bem difícil!
 A gente sobrevive.
 Uma vez eu quase matei ele!
 Peguei uma faca enorme!
 Tiro!
 Você quer celular, vai trabalhar e comprar um.
 Esse é o meu terceiro namorado.
 Dar o rabo por R\$ 100,00 e dar R\$ 50,00 para ele,

também me chamava de burra.
 Medo de ser traída, de ter um homem igual
 ao que meu pai foi para a minha mãe.
 Eu morro de medo dele voltar a usar...
 Hoje em dia é que a gente está um pouco afastada.
 Estudar na pandemia foi muito bom, não vou mentir!
 Antes de irmos para Cuiabá
 Eu não consigo esquecer, está ainda bem
 lúcido na minha mente
 Meu pai e a minha mãe se divorciaram
 Morávamos na casa da minha avó
 Um dos piores momentos da minha vida
 Nosso sonho era estudar no IFMT
 Nunca parei assim para sentar e analisar tudo o que passei
 Felicidade
 Outro sofrimento
 Pandemia da COVID-19, ensino remoto
 Voltamos a namorar!
 A mulher fica com todas as responsabilidades,
 a mulher sempre faz mais, a carga fica sobre a mulher
 O moço falou que eu pareço um menino
 porque eu uso o meu cabelo todo para cima
 As pessoas são diferentes mesmo
 Aqui no IFMT alegrias não foram tantas,
 acho, porque estávamos em casa
 Alguns professores não inovam, ficam no método de
 falar muito e os alunos só ouvirem
 - Mãe, fala para a tia colocar a prima lá! (no IFMT)
 Indecisa
 Quase dei um soco!
 Brigas e agressões verbais
 Ela já foi abusada quando era pequena
 ... Ela apanhava da patroa e nunca recebeu um centavo.
 Morte
 A minha mãe quer fazer um curso de
 empreendedorismo, aqui no IFMT
 Na pandemia, por pouco eu não desisti de mim
 Decepção amorosa
 Nós morávamos no terreno da igreja
 porque meus pais não tinham casa.
 Atividades sem pé nem cabeça.
 Um mês comendo carcaça de peixe comprada no mercado
 A família do meu pai nunca aceitou a minha mãe
 Na vida torta ele ganhava mais do que na vida certa
 Não sou muito fã da minha avó, ela nunca fez questão da gente
 A gente briga, a gente se mata, mas está sempre unida
 Eu tenho dois sonhos em "off"
 Que quero um homem, nada!
 Meu sonho é ter a minha casa com móveis planejados.
 Estupro culposo! ...Se fosse uma pessoa pobre...
 Não tinha água.
 Nossa casa já estava sem nada,
 não tinha bolacha, leite, não tinha nada
 ...se não sarasse até os 7 anos, eu morreria
 Só de eu ter no currículo, o IFMT, vai ser muito bom para mim!
 Os professores poderiam ser mais compreensíveis, dialogar mais, descobrir mais sobre os alunos.
 Machista.

Com esse vai e vem que a vida impõe, considero a linguagem dessas mulheres jovens estudantes como uma **linguagem do atrevimento** que surge a partir das opressões impostas pela vida privada e pela vida pública por causa, principalmente, do contexto colonial, sexista, machista, racista, classista, de fome, miserável, discriminatório, desigual, injusto, corrupto, violento entre outros, são situações que estão além da vontade das(os) sujeitas(os), mas vividas com resistências, é o momento em que essas/esses decidem quebrar o silêncio e falar ou escrever as suas vivências boas e/ou ruins, é o momento da expressão, da partilha e/ou da escuta. O próprio silêncio pode ser uma linguagem do atrevimento, é o atrevimento de não dizer ou o silêncio para escutar a(o) outra(o) - ou ler -, o atrever escutar que exige pausa no mundo da velocidade, o atrever escutar para colaborar com quem fala, escreve ou se expressa de alguma forma, é o momento de colaborar também consigo, porque é possível aprender com a escuta atenta e depois transmitir/partilhar.

A linguagem do atrevimento das colaboradoras da pesquisa acontece quando, por exemplo, a Mônica decide chamar a polícia enquanto o pai bate na mãe; quando decide falar para o pai que ele está agindo errado com ela, com a mãe e com a irmã, assim ele pára de xingá-la, de chamá-la de biscate, de burra e não fala mais para ela dar o rabo. Essa história oral mostra que as(os) filhas(os) podem ensinar o pai, a mãe ou a(o) responsável, isto é, as(os) adultas(os) podem aprender com as(os) jovens; acontece quando a Mônica pede desculpas para a sua mãe por não mais aceitar a violência de linguagem/violência verbal do pai que pede para ela assinar um Termo, não pelo pedido de desculpas, ela não tem culpa de nada, mas por tentar, pela conversa (ato de fala) com o pai, em dar um basta na violência, e ela consegue.

A linguagem do atrevimento acontece quando a Aline decide, em parceria com seu melhor amigo, pedir à coordenadora do curso para levar a filha bebê às aulas, e assim o faz; quando relata para a mãe, que a apoia, que o homem da vendinha falou que ela parece um menino por não usar brinco e por usar o cabelo para cima; quando fala para a tia que a prima tem que estudar no IFMT porque lá é uma ótima instituição.

A linguagem do atrevimento acontece quando a Suellen toma atitude e relata para a mãe algumas situações que considera ruim para a própria mãe e para toda a família; quando responde ao homem que a ofende por ser crente; e quando o tio manda a mãe dela calar a boca e ela fica brava com o tio.

A linguagem do atrevimento acontece quando essas mulheres jovens estudantes decidem contar e eternizar as suas histórias de vida, de permanência escolar e seus sonhos pessoais, profissionais e de estudos. Sobre isso, “[...] nada mais lógico do que transformar em palavras aquilo que foi provocado por palavras” (Cosson, 2014, p. 28).

A linguagem do atrevimento da Carolina acontece quando escreve seu diário poético que ultrapassa fronteiras desse gênero e transita pelo gênero romance porque vai da vida íntima a vida pública, fala de si, de suas individualidades, subjetividades e do coletivo, escreve por muitos dias, meses e anos, a maioria com a barriga doendo, não por doença, mas pela fome; quando bate de porta em porta das editoras e dos jornais para falar dos seus escritos, mesmo sem perspectivas “reais” de um dia publicar o seu tão sonhado livro, mas que pelo seu atrevimento, ousadia, talento e coragem, consegue realizar esse e outros sonhos, conquista o mundo. Poderia ter avançado mais se não fosse o contexto já mencionado, mesmo sob o peso da interseccionalidade de ser mulher, preta e viver na miséria. O atrevimento da Carolina estimula outras(os) sujeitas(os) que estão no “quarto de despejo” e presas pelo “nó”, a acreditarem e a lutarem pelos seus sonhos, apesar das dificuldades e das desigualdades, é possível arrebentar a “corda”. Depois de algumas décadas, de forma tardia, Carolina começa a receber o merecido e justo reconhecimento, mas falta, além de outras situações, ser mais citada como destaque na terceira fase do modernismo brasileiro, de 1945 a 1960.

As histórias orais de vida e de permanência escolar das colaboradoras, em relação ao gênero, à raça e à classe, foco da pesquisa, são semelhantes às da Carolina, mesmo com mais de 60 anos de diferença, isso mostra que houve poucas melhorias nesses aspectos, no Brasil, pois as memórias de todas elas são de fome, de miséria, de violência intrafamiliar, racismo e preconceitos.

As diferenças ficam por conta da idade, pois a narrativa da Carolina acontece na sua fase de vida adulta, dos 44 a 46 anos em média, idade aproximada das mães das colaboradoras da pesquisa, já as narrativas destas acontecem durante a juventude, com 17, 19 anos. Outra diferença é a educação no país, Carolina, num contexto sem quase oportunidades de estudo, avançou até o quanto foi possível diante da terrível realidade, inclusive foi além quanto à alfabetização e aos seus escritos, em relação a muitas(os) de suas(seus) contemporâneas(os). As colaboradoras da pesquisa vivem num contexto de ampliação das políticas públicas relacionadas à educação e diminuição de algumas injustiças sociais, raciais entre outras - porém ainda há muito o que se fazer - e assim têm a oportunidade de estudar no IFMT, uma das principais instituições de ensino público de Cuiabá, inclusive entre as particulares, por meio das políticas públicas de ações afirmativas. Se a Carolina tivesse acesso a essas políticas e oportunidade de estudar em um local com a mesma qualidade, teria, possivelmente, sido mais realizada em sua paixão de ler, escrever e na luta para sair da favela e da pobreza, mesmo com pouca escolarização e condições.

É possível perceber o quanto a família, especialmente alguns homens, no papel de pai, precisam rever e mudar os comportamentos violentos e traumatizantes sobre a vida das(os) filhas(os) e da mulher que é esposa/companheira e mãe. Nas histórias orais aqui relatadas e analisadas, a vida privada continua debaixo das opressões patriarcais com violência verbal, psicológica e física. As narrativas revelam o importante e significativo papel da mulher e mãe na vida das filhas, inclusive na proteção delas contra os pais violentos, contra o racismo e contra a fome. É preciso que a família, especialmente o pai, a mãe e/ou responsáveis adultas(os) estejam atentas(os) às/aos filhas(os) e sejam acolhedoras(es), na infância até a juventude, período de muitas transformações, novidades, dúvidas, descobertas e aprendizados.

As histórias de permanência escolar revelam o sonho realizado da Aline que diz: “*Meu sonho era estudar no IFMT*”, “*no curso técnico em secretariado*” e ela realizou ao lado do seu melhor amigo, o Augusto, que inclusive a apoiou nos momentos angustiantes vividos no período da gravidez, o que mostra a importância de se ter amigos(as) próximos(as) na escola, fazendo referência à pesquisa do PENSE, aqui citada. Nesse aspecto, cito um fragmento do *Soneto do amigo*, de Vinicius de Moraes⁶¹, que fala sobre a amizade, desencontros, respeito, identificação e amor-próprio.

O amigo: um ser que a vida não explica
Que só se vai ao ver outro nascer
E o espelho de minha alma multiplica...

Esta tese conta histórias vividas e revividas, marcadas e sobrepujadas pela dor, pela fome, pelas lágrimas, pelo gênero, raça, classe e pela solidão feminina que, independente da idade e do contexto, são vidas que se cruzam e se ressignificam, vidas remendadas e atrevidas.

O mesmo que foi feito pela Carolina, em sua obra literária *Quarto de Despejo*, que não teve medo de se expor e de se atrever, assim escreveu e realizou muitos de seus sonhos: o de publicar o seu primeiro livro que a levou “do lixo ao mundo” e o de conseguir a sua “casa de alvenaria”.

É preciso que as(os) professoras(es) escutem e assim conheçam as histórias de vida e de permanência escolar das(os) estudantes e, a partir disso, adotem práticas pedagógicas que se relacionem com essas vivências; a escuta, neste caso, se mostra fundamental. Para despertar a empatia e a alteridade nas(os) demais estudantes da sala é preciso que haja, nas

⁶¹ Soneto completo pode ser lido em: [10 maiores poemas de amizade da literatura brasileira e portuguesa - Cultura Genial](#). Acesso em: 27 jul. 2023

aulas, um compartilhamento ético, respeitoso e afetuoso de todas as diferentes realidades, com a mediação da(o) professora(r), pois no meio da turma alguém pode estar calado e clamando em silêncio por ajuda, nesse caso, a fala e a escuta se fazem fundamental para uma possível contribuição, esse é um dos papéis da educação e de cidadania.

A viagem à praia não termina por aqui, venci as marés, mas a vida continua e há outras marés a vencer, a exemplo das que envolvem a educação. E isso acontecerá, também, quando os fios das histórias das mulheres jovens estudantes e as da Carolina, encontrarem outros fios, outras vidas, outras memórias, as das colaboradoras da pesquisa, as das(os) leitoras(es) desta tese e as minhas. A vida é assim, tecida com linhas e tecidos diferentes, às vezes arrebitam, furam, descosturam, vêm os remendos, até que não aguentam mais, então é o fim da vida.

As histórias orais, que contribuem para a compreensão do passado, do presente e do futuro, formaram um labirinto, aqui faço alusão ao último parágrafo da introdução, onde cito Lejeune, mas com muitas leituras, pesquisas, conversas, diálogos, cursos, disciplinas, até medo pensando que eu não encontraria uma saída... Eis que chego aqui, depois de quase 4 anos, doutora! Obrigada, Mônica, Aline, Suellen e Carolina. Sigo pensando na próxima viagem...

LISTA DE FONTES

Entrevistas presenciais:

Entrevista com ALINE [Entrevista cedida de forma presencial a Tatiane de Oliveira], Cuiabá–Mato Grosso, 19 jul. 2022.

Entrevista com MÔNICA [Entrevista cedida de forma presencial a Tatiane de Oliveira], Cuiabá–Mato Grosso, 26 jul. 2022.

Entrevista com SUELLEN [Entrevista cedida de forma presencial a Tatiane de Oliveira], Cuiabá–Mato Grosso, 29 jul. 2022.

Entrevista com ALINE [Entrevista cedida de forma presencial a Tatiane de Oliveira], Cuiabá–Mato Grosso, 29 nov. 2022.

Entrevistas on-line:

Entrevista com SUELLEN [Entrevista cedida de forma presencial a Tatiane de Oliveira], Cuiabá–Mato Grosso, 12 jan. 2023.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. 1ª reimp. Belo Horizonte–MG: Editora UFMG, 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros. Tradução de Andrea Santurbano; Patricia Peterle. São Paulo–SP: Boitempo, p. 27-36, 2018.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo–SP: Vozes, 2001.
- ALBERTI, Verena. FERNANDES, Tania; FERREIRA, Marieta. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro–RJ: Editora FIOCRUZ. Edição do Kindle, 2000.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: história dentro da história. *In*: PINSKY, Carla (Org.). **Fontes Oraís**. São Paulo–SP: Contexto, p. 155-202. 2005.
- ARRUDA, Aline. **Carolina Maria de Jesus [manuscrito]**: projeto literário e edição crítica de um romance inédito. Orientadora: Profa. Dra. Constância Lima Duarte. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte–MG, 2015. Disponível em: [Repositório Institucional da UFMG: Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito](#). Acesso em: 15 mar. 2023.
- ASSIS, Machado de. **História de uma lágrima** (Portuguese Edition) (Locais do Kindle 1-4). Edição do Kindle, 1867.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo–SP: Ed. Ática, 1997. Disponível em: Acesso em: 12 mar. 2020. Disponível em: [I \(dominiopublico.gov.br\)](#). Acesso em: 26 abr. 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética (1922-1924). *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal** (1979). Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 3-192, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. (Voloshínov, V.N.-1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992.
- BARROS, Manoel. **Livro sobre o nada**. 3. ed. São Paulo–SP: Record, 1996.
- BARROS, Manoel. **O livro das ignoranças**. São Paulo–SP: Record, 1993.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo–SP: Cultrix, 1978.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* 2. ed. Campinas–SP: Pontes Editores, 2006.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo–SP: Brasiliense, p. 165-196, 2012.

BONDÍA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. Entrevista com Pierre Bourdieu. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 112-121, 1983. Disponível em: [*\(Microsoft Word - BOURDIEU P A JUVENTUDE \311 APENAS UMA PALAVRA.doc\)\(ufpr.br\)](*(Microsoft Word - BOURDIEU P A JUVENTUDE \311 APENAS UMA PALAVRA.doc)(ufpr.br)). Acesso em: 30 nov. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico**. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. V. 52, 2021. Disponível em: boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf (www.gov.br). Acesso em: 9 jun. 2023.

BRASIL. **Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 13 nov. 2023.

BRASIL. **Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm>. Acesso em: 31 mar. 2023.

BRASIL. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece diretrizes e base da educação nacional. Disponível em: <L9394> ([planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)). Acesso em: 7 fev. 2024.

BRASIL, Luiz. **Escrever ficção**: Um manual de criação literária. Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2019.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar história no século XXI**: tradição e ciberespaço. 4. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2013.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 42, p. 249-274, jan-jun., 2014. Disponível em: <DO BOM USO DO MAU GÊNERO> ([scielo.br](http://www.scielo.br)). Acesso em: 28 nov. 2023.

CAMPOS, Haroldo. **O arco-íris branco**. São Paulo: Imago, 1997.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. 7ª reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, p. 171-193, 2011.

CARDOSO, Elis; TAKAKURA, Sandra. Palavra desordem: os jogos lexicais de Arnaldo Antunes. *Revista do GEL*, v. 16, n. 3, p. 72-90, 2019. Disponível em: [Vista do Palavra desordem: os jogos lexicais de Arnaldo Antunes \(gel.org.br\)](#). Acesso em: 6 dez. 2023.

CARDOSO, Elis. O léxico no discurso literário: a criatividade lexical na poesia moderna contemporânea. São Paulo: EDUSP, 2018.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: [Mulheres em movimento | Estudos Avançados \(usp.br\)](#). Acesso em: 31 jan. 2023.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledés**, 2011. Disponível em: [Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero \(geledes.org.br\)](#). Acesso em: 1 dez. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Tradução de Liane Schneider. **Estudos Feministas**. Ano 10, v. 1, 2002. Disponível em: [v10n1a11 \(scielo.br\)](#). Acesso em: 30 nov. 2023.

CRESWELL, John. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

COELHO, Fábio; ARAÚJO, Lúcia. Análise de textos e estilos: por uma leitura desacostumada na teoria e na prática. **Caderno Seminal Digital**, ano 22, n. 26, v. 1, jul-dez., 2016. ISSN 1806-9142. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/27177/19662>. Acesso em: 31 jan. 2024.

COLLINS, Patricia. **Pensamento feminista negro**. Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento. Tradução: Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COMPAGNON, Antônio. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte–MG: Editora UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo–SP: Contexto, 2014.

COUTO, Mia. **A Confissão da Leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDEZ, Raffaella. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. Orientadora: Vera Maria Chalmers. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: [Terminal RI - Sophia Biblioteca Web \(unicamp.br\)](#). Acesso em: 27 fev. 2024.

FERNANDEZ, Raffaella. Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus. **Itinerários**, Araraquara, n. 27, p.125-146, jul./dez., 2008. Disponível em: [Vista do Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus \(unesp.br\)](#). Acesso em: 10 jul. 2024.

FERRAÇO, Carlos. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade**, Campinas/SP, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr., 2007. Disponível em: [Rev98_04DOSSIE_novo.pmd \(scielo.br\)](#). Acesso em: 14 mar. 2023.

FONTANA, Mônica. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**. Volume 12, n. 18, 2017. Disponível em: [“Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência | Revista Conexão Letras \(ufrgs.br\)](#). DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.79457>. Acesso em: 5 jun. 2023.

GARCIA, Carla. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GODINHO, Marta. O quarto e as demais dependências da casa de Carolina. In: MEIHY, José. LEVINE, Roberto. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Sacramento–MG. 2. ed. Ed. Bertolucci, p.175-187, 2015.

GOMES, Nilma. O movimento negro e a intelectualidade negra decolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento diaspórico**. 2. ed. 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, p. 223-246, 2020.

GOMES, Nilma. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: RJ, Vozes, 2017.

GOMES, Nilma. **A mulher negra que vi de perto**: o processo de construção da identidade racial de professoras negras. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GUIMARÃES, Antônio. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.1, p. 93-107, jan./jun., 2003. Disponível em: [EP29n1 \(scielo.br\)](#). Acesso em: 14 abr. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro–RJ: Lamparina, 2015.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais**. Edição Kindle, 2022.

HOLANDA, Fabíola. **Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia**. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-graduação em História Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: [Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na... \(usp.br\)](#). Acesso em: 22 out. 2023.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e o feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo–SP: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, Bell. Intelectual negras. Tradução de Marcos Santarrita. **Revista Estudos Feministas**. v. 3. n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 464-478, 1995.

IBGE. Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2022.

IFMT. **Apresentação e histórico**. Cuiabá–MT, 2023. Disponível em: [Reitoria \(ifmt.edu.br\)](#). Acesso em: 6 mar. 2023.

JESUS, Carolina. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro–RJ: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo–SP: Ática, 2014.

JESUS, Carolina. **Provérbios**. São Paulo–SP: edição do autor, s/d.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro–RJ: Cobogó, 2019.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. Coleção Primeiros Passos. 5. ed. São Paulo–SP: Brasiliense, 1984.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi e Cristina Antunes. Belo Horizonte–MG: Autêntica, 2016.

- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org.). Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. 4. ed. Petrópolis–RJ: Vozes, 2012.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas–SP: Ed. UNICAMP, 1996.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo–SP: Companhia das letras, 2015.
- LORDE, Audre. **A unicórnica preta**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte–MG: Relicário Edições, 2020.
- LORDE, Audre. Irmã *outsider*. In: LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e em ação**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte–MG: Autêntica, 2019.
- LOURO, Guacira. Mulheres em sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo–SP: Contexto, p. 371-403, 2004.
- LUYTEN, Joseph. **O que é literatura popular**. São Paulo–SP: Brasiliense, 1990.
- MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo–SP: Atlas, 2011.
- MARIZ, Josilene Pinheiro. **O texto literário em aula de francês língua estrangeira (FLE)**. São Paulo, 2007. Orientadora: Tokiko Ishihara. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. Disponível em: [O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira \(FLE\) \(usp.br\)](https://www.usp.br/teses-dissertacoes). Acesso em: 19 jan. 2024.
- MEIHY, José; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas**: história oral aplicada. São Paulo–SP: Contexto, 2021.
- MEIHY, José; LEVINE, Robert. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. 2. ed. Sacramento–MG: Editora Bertolucci, 2015.
- MEIHY, José; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo–SP: Contexto, 2011.
- MEIHY, José; LEVINE, Robert. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro–RJ: Editora UFRJ, 1994.
- MENESES, Ulpiano. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992. Disponível em: [A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais | Revista do Instituto de Estudos Brasileiros \(usp.br\)](https://www.usp.br/revista-do-instituto-de-estudos-brasileiros). Acesso em: 17 fev. 2023.

MIRANDA, Cynthia; LOBATO, Ana. A pauta das jovens mulheres brasileiras junto ao governo federal. **Desidades**, n. 20, ano 6. p. 32-45, jul-set, 2018. Disponível em: [*n20a04.pdf \(bvsalud.org\)](#). Acesso em: 28 nov. 2023.

MIRANDA, Fernanda. **Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada**. Orientador: Mário César Lugarinho. 2019. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de São Paulo. São Paulo–SP, 2019. Disponível em: [Corpo de romances de autoras negras brasileiras \(1859-2006\): posse da história e... \(usp.br\)](#). Acesso em: 27 fev. 2024.

MIURA, Paula; SILVA, ANA; PEDROSA, Maria; COSTA, Marianne; NOBRE FILHO, José. Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos. **Revista Psicologia & Sociedade**, 30, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dQc8Zb4b7z68hpCkKG9cBKK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2023.

MOITA LOPES, Luiz. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Coleção Letramento, Educação e Sociedade. Campinas–SP: Mercado de Letras, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, jul./ out. 2012.

NADER, Maria. Gênero e Sexualidade. In: NADER, Maria; RANGEL, Livia (Orgs.). **Mulher e gênero em debate** [recurso eletrônico]: representações, poder e ideologia. Vitória–ES: EDUFES, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/1028>. Acesso em: 30 mar. 2023.

NATALI, Marcos. **A literatura em questão: sobre a responsabilidade da instituição literária**. Campinas–SP. Editora da Unicamp, 2020.

NESTROVSKI, Arthur. SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação: ensaios**. (Orgs.). São Paulo-SP: Escuta, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: [Vista do ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES \(pucsp.br\)](#). Acesso em: 02 jun. 2022.

OLIVEIRA, Kelly; PIMENTA, Sonia. O racismo nos anúncios de emprego do século XX. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão–SC, v. 16, n. 3, p. 381-399, set./dez., 2016. Disponível em: [SciELO - Brasil - O RACISMO NOS ANÚNCIOS DE EMPREGO DO SÉCULO XX O RACISMO NOS ANÚNCIOS DE EMPREGO DO SÉCULO XX](#). Acesso em: 11 out. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-160301-4615>.

OLIVEIRA, Mariana. “**A dor dorme com as palavras**”: a poesia de Paul Celan nos territórios do indizível e da catástrofe. Orientador: Georg Otte. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Letras, UFMG, 2008. Disponível em: [Repositório Institucional da UFMG: 'A dor dorme com as palavras': a poesia de Paul Celan nos territórios do indizível e da catástrofe](#). Acesso em: 1 jul. 2023.

OLIVEIRA, Tatiane. Fumaça do mal. In: PASCALE, Ademir (Org.). Contos e poemas assombrosos: histórias para ler na calada da noite. **Revista Conexão Literatura**. V. VI. , 2022. Disponível em: http://www.fabricadeebooks.com.br/contos_e_poemas_assombrosos_6.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.

OLIVEIRA, Tatiane. “**Entre bolhas raciais, podas e sonhos**”: relações entre as identidades negras e brancas na UFMT. Cuiabá, EDUFMT, 2021.

OLIVEIRA, Valdevino. **Poesia e pintura**: um diálogo em três dimensões. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

ONG, Walter. Oralidade e escrita: a tecnologização da palavra. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas–SP: Papirus, 1998.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas–SP: Pontes, 2005.

PADIN, Clemente. A Poesia Intersignos: Culminação de um Processo. Tradução: Regina Célia Pinto. **Revista Diálogos**, p. 28-31, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/47085199/A_Poesia_Intersignos_Culmina%C3%A7%C3%A3o_d_e_um_Processo. Acesso em 12 dez. 2023.

PAGOTO, Cristian; BONNICI, Thomas. A dupla colonização da mulher no romance A Escrava Isaura (1875), de Bernardo Guimarães. **Línguas e Letras**, v. 8 n. 15, 2º sem., p. 147-164, 2007. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1151>. Acesso em: 16 abr. 2023.

PDI. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. 2019-2023. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Cuiabá–MT: IFMT, 2019. Disponível em: [atualizacao_do_pdi_2019-2023_ifmt.pdf](#). Acesso em: 3 jan. 2024.

PENTEADO, Gilmar. **Estética da vida no limite**: autenticidade, ponto de vista interno, testemunho e valor literário em *Quarto de Despejo (diário de uma favelada)*. Orientador: Luís Augusto Fischer. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto de Letras. Programa de pós-graduação em Letras, Porto Alegre–RS, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/188221>. Acesso em: 29 mar. 2023.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Traços de Carolina Maria de Jesus**: gênese, tradução e recepção de *Quarto de Despejo*. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras da UFMT, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo–SP: Companhia das Letras, 1998.

PETIT, Michèle. **A arte de ler como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo–SP: Editora 34, 2009.

PFAA. Programa Federal de Ações Afirmativas. **Relatório final do grupo de trabalho interministerial**. Brasília–DF, 2023. Disponível em: [RelatorioPFAAFinal.pdf \(www.gov.br\)](#). Acesso em: 3 jan. 2024.

PIOTTO, Debora. A escola e o sucesso escolar: algumas reflexões à luz de Pierre Bourdieu. **Vertentes**, 33. ed., 2009. Disponível em: [A ESCOLA E O SUCESSO ESCOLAR: \(ufsj.edu.br\)](http://ufsj.edu.br). Acesso em: 16 abr. 2023.

PIRES, Vera; SOBRAL, Adail. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 205-219, 2013. Disponível em: [SciELO - Brasil - Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov. » http://dx.doi.org/10.1590/S2176-45732013000100013](http://dx.doi.org/10.1590/S2176-45732013000100013). Acesso em: 27 fev. 2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: [*Memoria_esquecimento_silencio.pdf \(uel.br\)](http://uel.br). Acesso em: 10 mai. 2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Projeto História**. São Paulo, n. 22, p. 9-36, 2001.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida. *In*: FENELON, Déa *et al.* **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo–SP: Olho D’água, 2004.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo–SP: Letra e Voz, 2016.

QUADROS, Claudemir. **História da educação brasileira**. E-book, Brasília–DF, 2010. Disponível em: <https://encr.pw/pBeJg>. Acesso em: 18 jan. 2024.

RAGO, Luiza. **A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções das subjetividades**. Campinas–SP: Editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RICOEUR, Paul. A realidade do passado histórico. *In*: RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas–SP: Papirus, p. 244-255, 1997.

RIVERA, Edna. **O imaginário e as manifestações do silêncio**. Orientadora: Maria Zilda da Cunha. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, 2019. Disponível em: [2019_EdnaAlencarDaSilvaRivera VCorr.pdf \(usp.br\)](http://usp.br). Acesso em: 15 fev. 2023.

ROCHA, Wesley. **Espaços branqueados e, agora, denegridos em casa de alvenaria (1961; 2021), de Carolina Maria de Jesus: dos fantasmas do colonialismo ao seu caráter exúnico**. Orientadora: Marinete Luzia Francisca de Souza. Tese (Doutorado em Estudos Literários).

Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de pós-graduação em Estudos Literários, 2024. Disponível em: [Plataforma Sucupira \(capes.gov.br\)](https://capes.gov.br). Acesso em: 26 set. 2024.

ROLÓN, Verônica. **A la víbora de la mar**: uma (re)construção das sensações poéticas na tradução dos minipoemas de Rubén Bareiro Saguier. Orientador: Sérgio Luiz Rodriguez Medeiros. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis–SC, 2022. Disponível em: [PGET0537-T.pdf \(ufsc.br\)](#). Acesso em: 1 fev. 2024.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. **História Oral**, v. 16, n. 2, 2013. Disponível em: [Vista do Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença \(historiaoral.org.br\)](#). Acesso em: 14 nov. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo–SP: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo–SP: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTIAGO, Ana. Memórias poéticas de autoras negras: reinvenções de (re) existências. **Itinerários**, Araraquara, n. 46, p. 35-50, jan./jun., 2018. Disponível em: [Memórias Poéticas de Autoras Negras: reinvenções de \(Re\) existências | ITINERÁRIOS – Revista de Literatura \(unesp.br\)](#). Acesso em: 29 jan., 2023.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaio sobre a dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro–RJ: Rocco, 2000.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo–SP: Companhia das Letras, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991.

SEAWRIGHT, Leandro. **Vidas machucadas**: história oral aplicada. São Paulo–SP: Contexto, 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas–SP: Editora da Unicamp, 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas–SP, Editora da Unicamp, p. 371-385, 2003.

SILVA, Carmem. **Discurso**: lugar de constituição da memória e da identidade? p. 25-43. In: AQUINO, Ivana Campigotto *et al.* (Orgs.) Língua, literatura, cultura e identidade [recurso eletrônico]: entrelaçando conceitos. Passo Fundo–RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2016.

SOUZA, Fernanda. *Quarto de Despejo* como diário de Carolina Maria de Jesus: armadilhas e possibilidades em sala de aula. **Escrevendo o futuro**, jun., 2021. Disponível em: [Quarto de](#)

despejo como diário de Carolina Maria de Jesus: armadilhas e possibilidades em sala de aula - Portal da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Acesso em: 17 mar. 2023.

SOUZA, Fernanda. **A terrível beleza cotidiana do negro drama**: uma leitura com e contra o arquivo da escravidão dos diários de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus. Orientador: Marcos Piason Natali. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Universidade de São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-16072024-183550/pt-br.php>. Acesso em: 01 ago. 2024.

SPECHT, Débora.; MARIN, Maria; SANTOS, Priscila. Bens duráveis: a industrialização brasileira no período Juscelino Kubitschek (1956-1960). **Revista Historiador**, n. 02, ano 02, dez., 2009. Disponível em: <https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/download/54/51>. Acesso em: 15 jul. 2024.

STAINLE, Stéfano. **Teoria da literatura**. Londrina-PR: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017. Disponível em: [*base_bv.indd \(cm-cls-content.s3.amazonaws.com\)](https://s3.amazonaws.com/cm-cls-content.s3.amazonaws.com/*base_bv.indd). Acesso em: 30 jul. 2023.

TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras e abolicionistas. **Revista História**, São Paulo–SP, 120, p.73-83, jan/jul., 1989. Disponível em: [Vista do Rebeldes, escritoras, abolicionistas \(usp.br\)](https://www.usp.br/vista-do-rebeldes-escritoras-abolicionistas). Acesso em: 21 abr. 2023.

TEREZA, Maria. **Negrices em flor**. São Paulo–SP: Edições Toró, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro–RJ: Paz e terra, 1992.

TINEU, Rogerio. Ensaio sobre a teoria das classes sociais em Marx, Weber e Bourdieu. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo–SP, v. 10, n. 29, p. 89-107, jun.-set., 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/33734/23985>. Acesso em: 16 abr. 2023.

VALENTE, Flávio. Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 1, p. 51-60, jan-jun., 2003. Disponível em: [Untitled-1 \(scielo.br\)](https://www.scielo.br/untitled-1). Acesso em: 7 fev. 2024.

VASCONCELLOS, Ana. **A civilização escolar e as camadas populares**: a tecitura do cotidiano escolar. Orientadora: Mônica Guimarães Teixeira do Amaral. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo–SP, 2009. Disponível em: [Microsoft Word - TESE 2 \(usp.br\)](https://www.usp.br/microsoft-word-teese-2). Disponível em: 27 nov. 2023.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo–SP: Editora Ubu, 2020.

VIANNA, Lúcia. Poética feminista: poética da memória. **Labrys. Estudos Feministas**. Brasília–DF, n. 4, ago./dez., 2003. Disponível em: labrys.net.br/labrys4/textos/lucia1.htm. Acesso em: 26 jul. 2023.

VIEIRA, Guirland; HENRIQUES, Margarida. A construção narrativa da identidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 1, p. 163-170, 2014. Disponível em: [SciELO - Brasil](https://www.scielo.br/psic)

- A construção narrativa da identidade A construção narrativa da identidade.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722014000100018>. Acesso em: 6 jun. 2023.

VILHENA, Valéria Cristina. **Pela voz das mulheres**: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher Casa Sofia. Orientadora: Sandra Duarte de Souza. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo–SP, 2009. Disponível em: Domínio Público - Detalhe da Obra (dominiopublico.gov.br). Acesso em: 5 fev. 2024.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WATARAI, Felipe. ROMANELLI, Geraldo. Adolescentes do sexo masculino: trabalho remunerado e construção da identidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 547-556, jul./set., 2010. Disponível em: *Microsoft Word - 011_Adolescentes_Felipe Watarai.doc (scielo.br). Acesso em: 27 nov. 2023.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**, Florianópolis–SC. 13(1): 216, jan.-abr., 2005.

XAVIER, Elódia. **Tudo no feminino**: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

ZIN, Rafael. O direito à literatura negra. *In*: VASCONCELOS, Eduardo; FERNANDES, Rafaella; AGOSTINHO, Régia. (Orgs.). **Direito à literatura negra**: história, ficção e poesia. Teresina–PI: Cancioneiro, p. 16-36, 2022.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo–SP: Boitempo, 2014.

ZONIN, Carina. Realidade e imaginação: uma (re)descoberta do ser em narrativas lygianas. **Revista Nau Literária de crítica e teoria de literaturas**. PPG-LET-UFRGS - Porto Alegre–RS, v. 4 n. 1 - jan./jun., 2008. Disponível em: Vista do MEMÓRIAS DA HISTÓRIA ESCOLAR: O imaginário de egressos da educação básica de Florianópolis acerca das “datas históricas”MEMORIES OF SCHOOL HISTORY (udesc.br). Acesso em: 23 fev. 2023.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo**: entrevistas e ensaios. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sônia Queiroz. São Paulo–SP: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A “literatura” medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo–SP: Companhia das Letras, 1993.

**APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TALE)**

Eu, _____, RG n. _____, _____ anos de idade, autorizado pelo/a meu pai (), mãe () ou responsável legal (), _____, estou sendo convidada e aceito participar e contribuir com a pesquisa de doutorado intitulada: **Potência das memórias e das narrativas femininas: história oral testemunhal das mulheres jovens estudantes, da camada popular, do Ensino Médio Técnico, do Instituto Federal de Mato Grosso⁶²**, da pesquisadora **Tatiane de Oliveira**, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL), área de concentração: Estudos Literários, linha de pesquisa: Literatura, Sociedade e Identidade, orientada pelo professor doutor Renilson Rosa Ribeiro, docente da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL) da UFMT. O objetivo da pesquisa é analisar as relações das histórias de vida e de permanência escolar das mulheres jovens estudantes, da camada popular, do 3º ano do Ensino Médio Técnico, no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva, com a obra *Quarto de Despejo*, da Carolina Maria de Jesus.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, na Plataforma Brasil, Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n. 58532622.6.0000.8055.

OS BENEFÍCIOS da pesquisa SERÃO INDIRETOS, POR MEIO DE contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado.

INFORMAMOS QUE ESTA INVESTIGAÇÃO NÃO ACARRETA RISCOS GRAVES. DESSA FORMA, PAUTAREMOS NA RESOLUÇÃO 510/16, QUE PREVÊ A PROTEÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA, CONFORME ESPECIFICAÇÃO NO PARÁGRAFO 22, ESTE ESCLARECE QUE HÁ RISCO DE DIMENSÃO MORAL, PSÍQUICA, FÍSICA, ESPIRITUAL, SOCIAL OU CULTURAL E NA RESOLUÇÃO 466/13 QUE PONTUA A ÉTICA NA PESQUISA E AS NORMAS PARA O CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO. ASSIM, A PESQUISA A SER DESENVOLVIDA TEM RISCO MÍNIMO. REITERAMOS QUE A PESQUISADORA SE PRONTIFICARÁ EM PRESTAR TODA ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA, INTEGRAL E GRATUITA (DURANTE,

⁶² Este título, que era provisório, foi alterado no decorrer da pesquisa.

APÓS E/OU INTERRUPTÃO) NECESSÁRIAS EM CASO DE DANOS POR DEFLUÊNCIA DA PESQUISA. ALGUMAS PERGUNTAS QUE PODEM GERAR CONSTRANGIMENTO E/OU ENVOLVER ALGUNS ASSUNTOS QUE PODEM SER CONSIDERADOS DELICADOS. NO ENTANTO, A/O PESQUISADA/O TEM A GARANTIA DE RECUSA OU RETIRADA DA PESQUISA EM QUALQUER MOMENTO (SEM PENALIZAÇÃO), MANUTENÇÃO DO SIGILO E DA PRIVACIDADE, RESSARCIMENTO E PAGAMENTO DE DESPESAS, SE FOR O CASO. ESTA PESQUISA TEM POUCAS PERGUNTAS E SÃO MAIS GENÉRICAS E COMUNS A TODAS AS PESQUISADAS QUE ESTÃO LIVRES PARA ESCREVER E FALAR CONFORME QUISEREM/DESEJAREM.

DEIXAMOS EVIDENTE QUE A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA NÃO É OBRIGATÓRIA. NÃO HAVERÁ CUSTO ALGUM PARA COLABORAR COM A PESQUISA. A PESQUISADA TERÁ O SEU NOME PRESERVADO POR UM PSEUDÔNIMO OU POR UMA DENOMINAÇÃO FACULTATIVA INDICADA POR PARTE DA PARTICIPANTE DA PESQUISA OU PELA PESQUISADORA. AS PARTICIPANTES TERÃO DIREITO DE ACESSAR OS RESULTADOS DA PESQUISA A QUALQUER MOMENTO.

A PESQUISADORA SERÁ RESPONSÁVEL PELO ATENDIMENTO DA PARTICIPANTE DA PESQUISA, QUE ESTARÁ À DISPOSIÇÃO NO E-MAIL, TELEFONE E WHATSAPP DESCRITOS NO FINAL DESTE DOCUMENTO, PARA INTERCORRÊNCIAS ADVINDAS DA PESQUISA, SE FOR O CASO. A PESQUISADORA COMPROMETE-SE A PROPICIAR ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA INTEGRAL À PARTICIPANTE DA PESQUISA NO CASO DE EVENTUAIS DANOS MATERIAIS E IMATERIAIS DECORRENTES DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA, CONFORME O CASO SEMPRE E ENQUANTO NECESSÁRIO, DE ACORDO COM O DISPOSTO NO ITEM V.6 DA RESOLUÇÃO CNS 466/2012 E COM O ART. 3º INCISO X DA RESOLUÇÃO CNS 510/2016.

OS FATORES QUE AMENIZAM OS POUCOS RISCOS DESTA PESQUISA E QUE PODEM SER BENÉFICOS À PARTICIPANTE SÃO: OPORTUNIDADE DE MOMENTOS DE ESCUTA E DE FALA LIVRE, ESCRITA E ORAL, COM LIBERDADE DE EXPRESSÃO, INCLUSIVE POÉTICA, PARA CONTAREM E ETERNIZAREM AS SUAS HISTÓRIAS DE VIDA NUMA PESQUISA ACADÊMICA-CIENTÍFICA, REALIDADE DE POUCAS MULHERES NO PAÍS E POSSIVELMENTE NO MUNDO. ENTRETANTO, VALE RESSALTAR QUE A PESQUISADA TAMBÉM TEM A

LIBERDADE PARA DESISTIR A QUALQUER MOMENTO DE PARTICIPAR, COM OU SEM JUSTIFICATIVA, SEM NENHUM PREJUÍZO A ELA E/OU FAMILIARES.

Etapas da pesquisa e/ou participação das colaboradoras: - a **primeira** etapa será realizada pela pesquisadora, por meio de uma consulta documental na pasta de cada estudante na secretaria escolar do campus para conferir se a renda familiar é igual ou inferior a 1,5 (um salário-mínimo e meio) per capita e se a modalidade cursada no ensino fundamental foi totalmente no ensino público, **critérios** iniciais para participação na pesquisa, além da estudante ser do gênero feminino e cursar o 3º ano do ensino médio técnico no IFMT, campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva. **Na segunda** etapa a pesquisadora entrará em contato com até 4 (quatro) estudantes, por telefone, escolhidas de forma aleatória, de até 2 (dois) cursos diferentes, mas dentro dos critérios acima, para explicar sobre a pesquisa e convidá-las para uma conversa presencial e individual, chamada de pré-entrevista, no campus; a **terceira** etapa é a concretização da pré-entrevista onde a pesquisadora convidará e explicará, presencialmente, no campus, a pesquisa (principalmente os objetivos, as etapas e o que a estudante precisará fazer). Caso haja o aceite, antes de passar para a próxima etapa, a estudante terá que rubricar e assinar este documento, além do/a pai/mãe ou responsável - **na quarta** etapa a pesquisada fará primeiro uma narrativa autobiográfica, manuscrita, (as folhas serão fornecidas pela pesquisadora), que poderá ser escrita onde (local) a pesquisada desejar e depois entregue para a pesquisadora, no campus, (em média serão feitas de 3 narrativas escritas), ou seja, a estudante escreverá as histórias sobre a sua vida e de permanência escolar, de forma livre, como quiser/desejar; - **na quinta** etapa, a pesquisadora fará até 3 (três) entrevistas de história oral com cada participante, todas gravadas (áudio) no celular da pesquisadora, ou seja, a participante contará oral e pessoalmente à pesquisadora, as suas histórias de vida e de permanência escolar, de forma livre, como quiser/desejar. As narrativas escritas e as entrevistas acontecerão de forma intercalada, conforme a dinâmica da pesquisa e das aulas/atividades das participantes, - **na sexta e última** etapa a pesquisadora fará a transcrição com perspectiva literária e poética, das narrativas escritas e/ou orais das pesquisadas, depois devolverá a transcrição para que cada uma possa colaborar nesta transcrição, ou seja, solicitar que algo seja modificado, excluído e/ou acrescentado na narrativa final que vai para a tese, pois um dos objetivos da transcrição é que a pesquisada se reconheça nela.

A participação da pesquisada será em espaços ABERTOS NO IFMT, campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva, como, por exemplo, quadras, restaurante, lanchonete, espaços de convivência (mesas/cadeiras/bancos etc.) espalhados pelo campus.

A pesquisadora poderá utilizar as narrativas escritas (originais e as transcritas) e/ou orais (gravadas no celular da pesquisadora) de forma integral ou parcial, sem restrições de prazos, tempo e citações, a partir da presente data. O uso por terceiros para ouvi-las e/ou usar em citações, fica sob o controle da pesquisadora. Abduco de todos os meus direitos, inclusive dos autorais, e dos direitos dos nossos descendentes, caso haja concordância do meu pai e/ou mãe e/ou responsável, citada/o acima.

A pesquisadora, durante a pesquisa, solicitará as informações acadêmicas e pessoais da pesquisada e de seus familiares, como, por exemplo, as idades, os gêneros, a cor/raça, as rendas, escolaridades, as profissões, dentre outros aspectos pertinentes ao objetivo da pesquisa.

As entrevistas de história oral serão gravadas, VIA ÁUDIO (voz), com o celular da pesquisadora, sendo assim, a pesquisada concorda e autoriza as gravações da sua voz.

INFORMAMOS QUE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP) DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO (IFMT), É O ÓRGÃO RESPONSÁVEL PELO ACOMPANHAMENTO DAS INVESTIGAÇÕES REALIZADAS PELOS/AS PESQUISADORES/AS VINCULADOS A ELA. DESSA FORMA, QUALQUER AGRAVO POR CONSEQUÊNCIA DA PESQUISA PODE SER COMUNICADO A ESTE SETOR. REITERAMOS QUE EM CASO DE PREJUÍZO EM DECORRÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NESTA PESQUISA O/A COLABORADOR/A SERÁ INDENIZADA PELA PESQUISADORA RESPONSÁVEL.

Comunicamos que todos os dados obtidos na pesquisa serão confidenciais, tanto das narrativas orais quanto das escritas, nem o pai ou a mãe e/ou responsável terão acesso, garantindo o respeito e o sigilo das histórias narradas pela participante. As entrevistas são apenas para fins acadêmicos-científicos, assim se tornarão públicas sem qualquer identificação das participantes.

Este documento será entregue em DUAS VIAS, todas rubricadas e a última assinada por todos/as envolvidos/as, uma fica com a participante ou pai ou mãe ou responsável e a outra via fica com a pesquisadora. A participante, o pai, e/ou mãe e/ou responsável poderão solicitar informações adicionais a qualquer momento a respeito da pesquisa nos endereços e telefones informados abaixo.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO NA PESQUISA

Eu _____, RG n. _____ abaixo assino e concordo em participar como sujeito da pesquisa intitulada: **Potência das memórias e das narrativas femininas: história oral testemunhal das mulheres jovens estudantes, da camada popular, do Ensino Médio Técnico, do Instituto Federal de Mato Grosso**, e concedo as entrevistas de história oral, as autobiografias e permito que a pesquisadora abaixo relacionada faça a gravação da minha voz nas entrevistas para fins de pesquisa, científico e educacional. Concordo que o material e informações obtidas possam ser publicadas nesta pesquisa, em aulas, seminários, congressos, palestras, periódicos científicos entre outros. Entendo que tenho direito a receber informações adicionais sobre o estudo a qualquer momento, mantendo contato com a pesquisadora principal. Fui informado/a ainda, que a minha participação é voluntária e que se eu preferir deixar de participar deste estudo em qualquer momento, isso não me acarretará qualquer tipo de penalidade. Compreendendo tudo o que me foi explicado sobre o estudo a que se refere este documento, e **concordo** em participar.

Assinatura do/a participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Observações complementares: _____

Cuiabá-MT _____ de _____ de 2022.

DADOS DA PESQUISADORA:

Pesquisadora: **Tatiane de Oliveira**

Telefone para contato: **(65) 98109-3443 (segunda a sexta, horário comercial) - E-mail: tatioliveirasp@hotmail.com**

Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos – CEP / IFMT

Coordenador: Daniel Oster Ritter

Endereço: Avenida Senador Filinto Muller, 963, térreo, Bairro Duque de Caxias

CEP 78.043-400, Cuiabá – MT. Tel. (Telefone: (65) 3616-4147- Email: cep@ifmt.edu.br.

Horário de funcionamento e atendimento do CEP / IFMT: Das 8h às 12h.

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
TCLE**

Prezado/a pai, mãe e/ou responsável, a estudante _____,
RG n. _____, _____ anos de idade, está sendo convidada a contribuir com a pesquisa de doutorado intitulada: **Potência das memórias e das narrativas femininas: história oral testemunhal das mulheres jovens estudantes, da camada popular, do Ensino Médio Técnico, do Instituto Federal de Mato Grosso**, da pesquisadora **Tatiane de Oliveira**, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL), área de concentração: Estudos Literários, linha de pesquisa: Literatura, Sociedade e Identidade, orientada pelo professor doutor Renilson Rosa Ribeiro, docente da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL) da UFMT. O objetivo da pesquisa é analisar as relações das histórias de vida e de permanência escolar das mulheres jovens estudantes, da camada popular, do 3º ano do Ensino Médio Técnico, no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva, com a obra *Quarto de Despejo*, da Carolina Maria de Jesus.

OS BENEFÍCIOS da pesquisa SERÃO INDIRETOS, POR MEIO DE contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, na Plataforma Brasil, Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) n. 58532622.6.0000.8055.

INFORMAMOS QUE ESTA INVESTIGAÇÃO NÃO ACARRETA RISCOS GRAVES. DESSA FORMA, PAUTAREMOS NA RESOLUÇÃO 510/16, QUE PREVÊ A PROTEÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA, CONFORME ESPECIFICAÇÃO NO PARÁGRAFO 22, ESTE ESCLARECE QUE HÁ RISCO DE DIMENSÃO MORAL, PSÍQUICA, FÍSICA, ESPIRITUAL, SOCIAL OU CULTURAL E NA RESOLUÇÃO 466/13 QUE PONTUA A ÉTICA NA PESQUISA E AS NORMAS PARA O CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO. ASSIM, A PESQUISA A SER DESENVOLVIDA TEM RISCO MÍNIMO. REITERAMOS QUE A PESQUISADORA SE PRONTIFICARÁ EM PRESTAR TODA ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA, INTEGRAL E GRATUITA (DURANTE, APÓS E/OU INTERRUPTÃO) NECESSÁRIAS EM CASO DE DANOS POR DEFLUÊNCIA DA PESQUISA. ALGUMAS PERGUNTAS QUE PODEM GERAR

CONSTRANGIMENTO E/OU ENVOLVER ALGUNS ASSUNTOS QUE PODEM SER CONSIDERADOS DELICADOS. NO ENTANTO, A PESQUISADA TEM A GARANTIA DE RECUSA OU RETIRADA DA PESQUISA EM QUALQUER MOMENTO (SEM PENALIZAÇÃO), MANUTENÇÃO DO SIGILO E DA PRIVACIDADE, RESSARCIMENTO E PAGAMENTO DE DESPESAS, SE FOR O CASO. ESTA PESQUISA TEM POUCAS PERGUNTAS E SÃO MAIS GENÉRICAS E COMUNS A TODAS AS PARTICIPANTES QUE ESTÃO LIVRES PARA ESCREVER E FALAR CONFORME QUISEREM/DESEJAREM.

DEIXAMOS EVIDENTE QUE A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA NÃO É OBRIGATÓRIA. NÃO HAVERÁ CUSTO ALGUM PARA COLABORAR COM A PESQUISA. A PESQUISADA TERÁ O SEU NOME PRESERVADO POR UM PSEUDÔNIMO OU POR UMA DENOMINAÇÃO FACULTATIVA INDICADA POR PARTE DA PARTICIPANTE DA PESQUISA OU PELA PESQUISADORA. AS PARTICIPANTES TERÃO DIREITO DE ACESSAR OS RESULTADOS DA PESQUISA A QUALQUER MOMENTO.

A PESQUISADORA SERÁ RESPONSÁVEL PELO ATENDIMENTO DA PARTICIPANTE DA PESQUISA, QUE ESTARÁ À DISPOSIÇÃO NO E-MAIL, TELEFONE E WHATSAPP DESCRITOS NO FINAL DESTES DOCUMENTOS, PARA INTERCORRÊNCIAS ADVINDAS DA PESQUISA, SE FOR O CASO. A PESQUISADORA COMPROMETE-SE A PROPICIAR ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA INTEGRAL À PARTICIPANTE DA PESQUISA NO CASO DE EVENTUAIS DANOS MATERIAIS E IMATERIAIS DECORRENTES DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA, CONFORME O CASO SEMPRE E ENQUANTO NECESSÁRIO, DE ACORDO COM O DISPOSTO NO ITEM V.6 DA RESOLUÇÃO CNS 466/2012 E COM O ART. 3º INCISO X DA RESOLUÇÃO CNS 510/2016.

OS FATORES QUE AMENIZAM OS POUCOS RISCOS DESTA PESQUISA E QUE PODEM SER BENÉFICOS À PARTICIPANTE SÃO: OPORTUNIDADE DE MOMENTOS DE ESCUTA E DE FALA LIVRE, ESCRITA E ORAL, COM LIBERDADE DE EXPRESSÃO, INCLUSIVE POÉTICA, PARA CONTAREM E ETERNIZAREM AS SUAS HISTÓRIAS DE VIDA NUMA PESQUISA ACADÊMICA-CIENTÍFICA, REALIDADE DE POUCAS MULHERES NO PAÍS E POSSIVELMENTE NO MUNDO. ENTRETANTO, VALE RESSALTAR QUE A PESQUISADA TAMBÉM TEM A LIBERDADE PARA DESISTIR A QUALQUER MOMENTO DE PARTICIPAR, COM OU SEM JUSTIFICATIVA, SEM NENHUM PREJUÍZO A ELA E/OU FAMILIARES.

Etapas da pesquisa e/ou participação das colaboradoras: - a **primeira** etapa será realizada pela pesquisadora, por meio de uma consulta documental na pasta de cada estudante na secretaria escolar do campus para conferir se a renda familiar é igual ou inferior a 1,5 (um salário-mínimo e meio) per capita e se a modalidade cursada no ensino fundamental foi totalmente no ensino público, **critérios** iniciais para participação na pesquisa, além da estudante ser do gênero feminino e cursar o 3º ano do ensino médio técnico no IFMT, campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva. **Na segunda** etapa a pesquisadora entrará em contato com até 4 (quatro) estudantes, por telefone, escolhidas de forma aleatória, de até 2 (dois) cursos diferentes, mas dentro dos critérios acima, para explicar sobre a pesquisa e convidá-las para uma conversa presencial e individual, chamada de pré-entrevista, no campus; **a terceira** etapa é a concretização da pré-entrevista onde a pesquisadora convidará e explicará, presencialmente, no campus, a pesquisa (principalmente os objetivos, as etapas e o que a estudante precisará fazer). Caso haja o aceite, antes de passar para a próxima etapa, a estudante terá que rubricar e assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), junto com a assinatura do/a pai/mãe ou responsável. Esse/a (pai, mãe ou responsável), além do documento anterior, terão que assinar e rubricar este documento que é o TCLE - **na quarta** etapa a pesquisada fará primeiro uma narrativa autobiográfica, manuscrita, (as folhas fornecidas pela pesquisadora), que poderá ser escrita onde (local) a pesquisada desejar e depois entregue para a pesquisadora, no campus, (em média serão feitas de 3 narrativas escritas), ou seja, a estudante escreverá as histórias sobre a sua vida e de permanência escolar, de forma livre, como quiser/desejar; - **na quinta** etapa, a pesquisadora fará até 3 (três) entrevistas de história oral com cada participante, todas gravadas (áudio) no celular da pesquisadora, ou seja, a participante contará oral e pessoalmente à pesquisadora, as suas histórias de vida e de permanência escolar, de forma livre, como quiser/desejar. As narrativas escritas e as entrevistas acontecerão de forma intercalada, conforme a dinâmica da pesquisa e das aulas/atividades das participantes, - **na sexta e última** etapa a pesquisadora fará a transcrição com perspectiva literária e poética, das narrativas escritas e/ou orais das pesquisadas, depois devolverá a transcrição para que cada uma possa colaborar nesta transcrição, ou seja, solicitar que algo seja modificado, excluído e/ou acrescentado na narrativa final que vai para a tese, pois um dos objetivos da transcrição é que a pesquisada se reconheça nela.

A participação da pesquisada será em espaços ABERTOS NO IFMT, campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva, como, por exemplo, quadras, restaurante, lanchonete, espaços de convivência (mesas/cadeiras/bancos etc.) espalhados pelo campus.

A pesquisadora poderá utilizar as narrativas escritas (originais e as transcritas) e/ou orais (gravadas no celular da pesquisadora) de forma integral ou parcial, sem restrições de prazos, tempo e citações, a partir da presente data. O uso por terceiros para ouvi-las e/ou usar em citações, fica sob o controle da pesquisadora. Abduco de todos os meus direitos, inclusive dos autorais, e da minha filha e/ou da menor participante que sou responsável, citado/a acima, e dos direitos dos nossos descendentes.

A pesquisadora, durante a pesquisa, solicitará as informações acadêmicas e pessoais da pesquisada e de seus familiares, como, por exemplo, as idades, os gêneros, a cor/raça, as rendas, escolaridades, as profissões dentre outros aspectos pertinentes ao objetivo da pesquisa.

As entrevistas de história oral serão gravadas, VIA ÁUDIO (voz), com o celular da pesquisadora, sendo assim, concordo e autorizo a gravação via áudio, da voz da participante desta pesquisa, da qual sou responsável legal.

INFORMAMOS QUE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP) DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO (IFMT), É O ÓRGÃO RESPONSÁVEL PELO ACOMPANHAMENTO DAS INVESTIGAÇÕES REALIZADAS PELOS/AS PESQUISADORES/AS VINCULADOS A ELA. DESSA FORMA, QUALQUER AGRAVO POR CONSEQUÊNCIA DA PESQUISA PODE SER COMUNICADO A ESTE SETOR. REITERAMOS QUE EM CASO DE PREJUÍZO EM DECORRÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NESTA PESQUISA O/A COLABORADOR/A SERÁ INDENIZADA PELA PESQUISADORA RESPONSÁVEL.

Comunicamos que todos os dados obtidos na pesquisa serão confidenciais, tanto das narrativas orais gravadas quanto das escritas (originais), nem o pai, a mãe e/ou responsável terão acesso, garantindo o respeito e o sigilo das histórias narradas pela participante. As entrevistas são apenas para fins acadêmicos-científicos, assim se tornarão públicas sem qualquer identificação das participantes. Este documento será entregue em DUAS VIAS, todas rubricadas e a última assinada por todos/as envolvidos/as, uma ficará com o/a pai/mãe ou responsável e a outra via fica com a pesquisadora. A participante, o/a pai/mãe ou responsável poderão solicitar informações adicionais a qualquer momento a respeito da pesquisa nos endereços e telefones informados abaixo.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DE MENOR DE IDADE NA PESQUISA

Eu _____, CPF n. _____, RG n. _____ abaixo assino e concordo que a _____, na qual sou pai (), mãe (), responsável legal (), participe como sujeito da pesquisa intitulada: **Potência das memórias e das narrativas femininas: história oral testemunhal das mulheres jovens estudantes, da camada popular, do Ensino Médio Técnico, do Instituto Federal de Mato Grosso**, e conceda as entrevistas de história oral, faça as autobiografias e participe das rodas de conversa e permito que a pesquisadora abaixo relacionada obtenha gravação (voz) das entrevistas para fins de pesquisa, científico e educacional. Concordo que o material e informações obtidas possam ser publicadas em aulas, seminários, congressos, palestras, periódicos científicos entre outros. Entendo que tenho direito a receber informações adicionais sobre o estudo a qualquer momento, mantendo contato com a pesquisadora principal. Fui informado/a ainda, que a participação é voluntária e que se eu preferir solicitar que meu/minha filho/a ou menor que sou responsável deixe de participar deste estudo em qualquer momento, isso não me acarretará qualquer tipo de penalidade e nem para o/a participante.

Compreendendo tudo o que me foi explicado sobre o estudo a que se refere este documento, **concordo** na participação do/a estudante acima citado/a.

Assinatura do/a pai/mãe/responsável: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Observações complementares: _____

Cuiabá-MT _____ de _____ de 2022.

DADOS DA PESQUISADORA:

Pesquisadora: **Tatiane de Oliveira**

Telefone para contato: (65) 98109-3443 - E-mail: tatioliveirasp@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos – CEP / IFMT

Coordenador: Daniel Oster Ritter

Endereço: Avenida Senador Filinto Muller, 963, térreo, Bairro Duque de Caxias

CEP 78.043-400, Cuiabá – MT. Tel. (Telefone: (65) 3616-4147- Email: cep@ifmt.edu.br.

Horário de funcionamento e atendimento do CEP / IFMT: Das 8h às 12h.

APÊNDICE C - ROTEIRO DE PERGUNTAS NAS ENTREVISTAS

Importante: a colaboradora desta pesquisa tem o direito de não responder quaisquer perguntas se não se sentir à vontade e o direito de desistir desta pesquisa a qualquer momento.

Nome:

Idade:

Gênero:

Estado Civil:

Estado de Origem:

Profissão:

Curso:

Cotista:

Modalidade da cota:

Cor/raça (autodeclaração):

Profissão do(s) responsável(is):

Escolaridade do(s) responsável(is):

Quantos irmãos/irmãs:

Quantas pessoas e quem mora na residência:

Escolaridade e idade de quem mora na residência:

01) Quem é você?

02) Qual é a sua história de vida? Conte sobre a sua infância, adolescência e juventude, momentos felizes e tristes, conquistas, lutas, resistências e dificuldades.

03) Qual é a sua memória da permanência escolar? Momentos felizes e tristes, conquistas, lutas, resistências e dificuldades.

04) Você deseja fazer alguma faculdade? Qual(is)? Como você imagina seu futuro (pessoal e profissional) depois que se formar no IFMT?

APÊNDICE D - AUTORIZAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL E DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Importante: a colaboradora desta pesquisa tem o direito de desistir desta pesquisa a qualquer momento.

Eu, _____, RG n. _____, concordo com a **transcrição** da(s) minha(s) entrevista(s) de história oral e narrativas autobiográficas, feitas pela pesquisadora **Tatiane de Oliveira**, CPF n. _____, e a **inserção e análise** dela(s) na Tese de doutorado intitulada: **Potência das memórias e das narrativas femininas: história oral testemunhal das mulheres jovens estudantes, da camada popular, do Ensino Médio Técnico, do Instituto Federal de Mato Grosso.**

Cuiabá/MT, ____ de ____ de 2022.

(Assinatura da colaboradora da pesquisa)